

## O AVARENTO

(Molière)

### **Personagens:**

**Harpagão de Sousa** — Empregado no Paço. Viúvo, com um filho e uma filha; 60 anos puxados. gênio ríspido. Fato antiquário e rafado; com seu hábito de Cristo. (Botas de borla. Cabeleira estupentada, e de rabicho. Cangalhas no nariz. No dedo um belo anel de brilhantes).

**Júlio de Sousa** — Filho de Harpagão. Rapaz esbelto e puxado; 25 anos. Amante de D. Mariana.

**Tomás** — Criado particular, e confidente de Júlio.

**D. Luísa de Sousa** — Filha de Harpagão. Cerca de 20 anos. Gênio amorável. (Traje singelo).

**Sebastião** — Cozinheiro e cocheiro de Harpagão. Velhaco descambado. (Por baixo do sobretudo de cocheiro traz encoberto o avental de cozinha).

**Mealhada** — Outro criado de Harpagão, mais ordinário que o precedente.

**Claudina** — Criada da casa de Harpagão. Mulher quarentena, vestida mais à saloia que à cidade; com seu avental de riscado e lenço amarrado na cabeça. Não fala.

**Anselmo** — Negociante rico, e orçando pelos seus 60. (Vestuário sério e de luto. Noivo destinado por Harpagão a D. Luísa. Modos graves e afidalgados).

**Duarte** — Mancebo de menos de 30 anos. Esperto e simpático. Fingindo mordomo em casa de Harpagão, e amante oculto e correspondido de D. Luísa de Sousa.

**D. Mariana** — Menina de 26 anos. Senhoril e naturalmente melancólica, trajada de preto, sem galas de espécie alguma.

**Guiomar dos Anjos** — Velha casamenteira, espertalhona e de grande lábia. (Vestido de roda. Grandes arrecadas e cordão de ouro).

**Simão Fortuna** — Traficante de agências de todo o gênero.

**Felisberto** — Escrivão da região.

### DESCRICÃO DO TEATRO EM TODOS OS CINCO ATOS

Sala em casa de Harpagão.

Ao fundo porta larga e envidraçada entre duas janelas de peitos, olhando todas três para o quintal da casa, que fica no mesmo plano. Nas vidraças há seus vidros quebrados e supridos com papel. Duas portas do lado direito; do esquerdo outras duas em correspondência.

A primeira da direita, que é a da rua, tem rodízio de campainhas, sendo o peso da corda uma pedra tosca.

A segunda dá para a casa do jantar, cozinha, quartos de criados, etc.

A primeira da esquerda para os aposentos de Júlio e Harpagão.

A segunda para o de D. Mariana.

Ao canto direito do topo da casa, mesa com tinteiro de chumbo, penas e um caderno de papel. Diante desta mesa, um biombo roto.

Entre as duas portas da esquerda, outra mesa ordinária de pinho pintado, e sobre ela dois castiçais desirmanados, com velas de sebo meio gastas.

Duas ou três cadeiras ordinárias dum e doutro lado.

Entre a primeira e segunda porta da direita, um espelho muito alto de aço.

Pendente do teto, por uma corda ao meio da sala, um candeeiro de três bicos apagado.

## ATO PRIMEIRO

### CENA I

DUARTE - Luísa! Pois a alegria que me entrou co teu amor, fez-se em ti melancolia! Que mistério! A que vem dor? Suspiras! Por que suspiras? Arrependes-te? É pesar de teres feito acabar a minha isenção?

LUÍSA - Deliras, meu caro injusto Duarte; e és um mau: não, não mudei: amei-te, amo-te, hei-de amar-te, sempre, sempre; mas não sei o que o peito me adivinha. Não me pesa do que fiz, mas esta imprudência (*a minha*) terá desfecho feliz? De tudo o que eu mais receio é que este amor que arde aqui me desgrace um dia.

DUARTE – Creio que ou sonho, ou zombas! Em ti caber tal pressentimento! Pois há razão?!...

LUÍSA - Mil razões: Um pai de gênio violento, o mundo, as murmurações de estranhos e de parentes... E mais que tudo: o poder, isso que hoje por mim sentes, vir ainda a arrefecer. Mudar e mudar de escolhas diz que é nos homens pensão; como do álamo as folhas, reza a trova, os homens são.

DUARTE - Os mais sejam muito embora volúveis, falsos, cruéis; o coração que te adora, Luísa, é dos mais fiéis. Enquanto a vida me dure, juro que hás-de aqui reinar.

LUÍSA - Não há nenhum que não jure; e as juras leva-as o ar. Querem-se obras, não palavras.

DUARTE - As minhas te farão ver que na sentença que lavras fazes mal em me abranger.

LUÍSA - Não abranjo; sou contente de entregar-me à tua fé.

DUARTE - Junto a um anjo é vil quem mente; e Duarte um vil não é.

LUÍSA - Não por certo; desta parte descansar já quero enfim. Hás-de amar-me, e eu sempre amar-te; por ti o juro, e por mim. Entretanto... (*à parte*) Não me atrevo.

DUARTE - Fala! Deves tudo expor.

LUÍSA - Sim, bem sei, bem sei que devo... Mas é custoso.

DUARTE - Valor! Se tu sabes que eu te adoro, e sou teu, e todo teu... Que receias? Coras!

LUÍSA - Coro.

DUARTE - Assustas-me; fala!

LUÍSA - Se eu... Pudesse, como desejo, fazer que os olhos dos mais te vissem qual eu te vejo!... Se os teus méritos reais pudessem ser conhecidos de toda a gente!... (*oxalá!*) Se soubessem quão devidos te são meus afetos!...

DUARTE - Vá; conclui; não vês que me assusta, Luísa, essa indecisão?

LUÍSA - Diriam que eu fora injusta, e um monstro de ingratidão, se o que tu por mim tens feito, e estás fazendo por mim, não no pagasse este peito como o paga. Mas assim, quando ninguém te avalia mais que eu só, quando ninguém senão nós, sabe que um dia tu me salvaste!!...

DUARTE - O meu bem é que eu salvei em salvar-te.

LUÍSA - Ao mar, que me ia engolir quem, senão o meu Duarte se arrojou por me acudir? Posso eu deslembrar-me disto? Generoso, sem tremer, sem nunca me haveres visto expores-te...

DUARTE - Era um dever acudir a quem lutava com a morte horrenda, e o cumpri. Roubo-te a uma fúria brava, e o prêmio acho-o logo em ti.

LUÍSA - Mau escapo dos terrores de expirar entre escarcéus abro os olhos, acho amores: teus sorrisos, e os dos céus. Por ti e em ti renascida desde então só tua sou, porque desde então a vida és tu só quem ma enflorou. Generoso me salvaste; mais generoso depois, a tudo renunciaste por mim só.

DUARTE - Não; por nós dois. Para mim sem ti deserto me era o mundo, e glacial; dele fora, e de ti perto gozo um Éden perenal. Ambos sob o mesmo teto! Onde há sorte mais feliz? Respirar o teu afeto não vale mil céus de huris?

LUÍSA - Mas que amargos sacrificios te não custa o que me dás! Eu desfruto os benefícios; e tu num martírio estás. De senhor, de respeitado, (de mais alto ninguém cai) transformaste-te em criado, vieste servir meu pai; tragas o pão da amargura...

DUARTE - Mas vejo-te; a que vem dó? Raquel só com a formosura paga o servir de Jacob.

LUÍSA - Subir a maior façanha não podia um fino amor. De heroicidade tamanha sinto bem todo o valor; mas o mundo por ventura como eu julgo julgará?

DUARTE - Vivas tu de mim segura; do mundo que se me dá?

LUÍSA - Uma filha!... Uma donzela!... Tal mistério!... Esta união!...

DUARTE - União tão pura e bela, esta quase adoração que te eu consagro, o respeito que eu jamais te quebrarei, mostram bem que achaste um peito não indigno...

LUÍSA - Achei, achei, mas o mundo maldizente que o não sabe como nós, e na ação mais inocente sonha um crime, e lhe uiva após, não no hei-de eu temer, Duarte?

DUARTE - Não, Luísa; oh! Não; jamais. Quem, quem há-de criminar-te vendo o teu e os outros pais? Os outros sempre extremosos; o teu de avareza tal, de modos tão rigorosos, de alma tão desnatural, tão pouco pai, ou tão nada... (desculpa um falar tão cru, mas a verdade é sagrada), pois assim devias tu imolar-lhe a tua dita, o meu bem, o nosso amor?

LUÍSA - Não sei... A consciência hesita; mas enfim... Seja o que for... Depois de dado um tal passo, não há já retroceder. Se é mal ou bem o que faço, não sei por ora entender; fatalmente a ti me entrego; o teu braço me conduz; fecho os olhos, e sossego; confio em quem leva a luz.

DUARTE - Sim, sossega; se algum dia (como o interior mo prediz) acho meus pais...

LUÍSA - Que alegria!

DUARTE - Somos o par mais feliz; verás que teu pai consente, e abençoa esta união. Por isso aguardo impaciente as novas que me virão; e se tardarem, protesto que as hei-de ir eu próprio achar.

LUÍSA - Pelo teu amor te obtesto, não me hás-de aqui só deixar; basta a idéia dessa ausência para matar-me; e a ti não? Fica, fica; era imprudência querer largar por mão o plano, em que te empenhaste, de cativar a meu pai. Logra obtê-lo; isso te baste. Cuidados meus, sossegai! Vosso emprego (os meus amores) não nos deixa. (*Para Duarte, com muito afeto*) Não é assim?

DUARTE - A rogos tão sedutores resistir não cabe em mim. Ficarei junto a Luísa; fico; ao mais Deus proverá.

LUÍSA - Aqui é que é mais precisa a tua presença; lá confia no amor paterno que te há-de enfim descobrir. Cedo ou tarde se hão-de unir o bom filho e o pai mais terno.

DUARTE - Assim o espero! (*exclamando*) A coroa que eu reservo às suas cãs, dando-lhe filha tão boa, e inveja das mais louças!

LUÍSA - Isso, não; mas toda extremos para o pai de um filho tal, juro-o eu já.

DUARTE - Portanto, iremos, até por amor filial, seguindo o mesmo sistema que a princípio me propus. Oxalá que o stratagem surta efeito! Se o produz, abençoada seja a hora em que atrevido e sagaz, lançadas soberbas fora, e oculto em libré falaz, consegui ser bem aceito pelo senhor Harpagão!

LUÍSA - E entraste com pé direito nesta sua habitação. Dentre filhos e criados, se se confia de alguém, se alguém logra os seus agrados, és tu só, tu, mais ninguém.

DUARTE (*rindo*) - E que outrem no mundo tinha (não sei se é glória ou desar) paciência igual à minha para assim representar? Cingir-me sempre ao seu gosto? Fazer do seu vício o meu? Ser o espelho em que o seu rosto se mire, e diga: sou eu!

LUÍSA (*sorrindo*) - É que possuis o prestígio do maior encantador.

DUARTE - Não, não; se aqui há prodígio, quem no opera é só o amor. Mas sério — sério, que admira que eu, tornado outro Harpagão, logre o crédito e a afeição do próprio que assim me inspira? E olha que de dia a dia me torno melhor ator, lhe acrescento a simpatia, e vou de servo a senhor.

LUÍSA - O meu receio (confesso) é que possa alguma vez meu pai, pelo próprio excesso com que ostentas mesquinhez, dar na burla, e então caíamos de um mal noutra inda pior.

DUARTE - Quando a alguém lisonjeamos, nem a hipérbole maior o acordaria do pasmo em que o lançou, e o retém, a idéia do entusiasmo que ele excita em nós.

LUÍSA - Porém...

DUARTE - Não há poréns, nunca viste nesta regra uma exceção; nem o mais forte resiste aos que no fraco lhe dão. A lisonja mais rasteira, mais párvua, e descomunal, engole-a num ai, e inteira, e ri do riso geral. Se a pílula é bem dourada, e em bom mel unvida vai, seja embora asselvajada, engole-se. Com teu pai o tenho visto, e vou vendo. Verdade é que este papel, que eu com ele estou fazendo, este andar tingindo em mel mentiras continuamente, custa ao meu gênio leal; mas que remédio! a quem mente não se há-de levar a mal, se o enganado o precisa, o agradece, o estima, o quer. Tens melindres de mulher tenho-os eu também, Luísa; mas vou-lhes tapando a boca; não há remédio, bem vê; faze como eu: desta vez dize à lealdade que é louca.

LUÍSA - Quanto a meu pai, já me calo; porém quanto a meu irmão, devias associá-lo à nossa conspiração. Não achas tu? Se a criada violar o arcano, convém que eu, pobre filha sem mãe, pelo irmão seja escudada.

DUARTE - Bem vejo; tendo-o por nosso ganhamos forças...

LUÍSA - Então?...

DUARTE - Mas prender eu só não posso a teu pai e a teu irmão. São de gênio tão contrário! Um, avaro em sumo grau; o outro quase perdulário. Luísa, o que não é mau é que tu da tua parte empenhes, quanto em ti for, o vosso fraterno amor em nosso bem.

LUÍSA - Sim, Duarte. Não me falece à vontade; mas se o valor falecer?

DUARTE - Cautela; a sinceridade não deve indiscreta ser. Convém por ora resguardo; confio em ti. Ficai sós; lá vem ele; dessa voz até prodígios aguardo. *(Sai pela segunda porta da direita).*

## CENA II

JÚLIO - Estimo achar-te só; preciso, irmã querida, revelar-te um segredo, em que se empenha a vida.

LUÍSA (*rindo*) - Morte do homem, talvez; moeda falsa...

JÚLIO - Amor! Mas o amor mais profundo, o mais dominador.

LUÍSA - Tu! Tu amas?!

JÚLIO - Oh! Se amo!

LUÍSA (*com sorriso irônico*) - Ah! Parabéns!

JÚLIO – Primeiro devo-te declarar que é mais que verdadeiro o afeto que hoje nutro; e, todavia sei que a obediência aos pais é religião, e é lei que não deve infringir-se; aos filhos não é dado sem outorga paterna o eleger estado; com razão, porque um pai, melhor do que ninguém, sabe, julga, deseja, anseia o nosso bem. Quando a paixão nos cega, a experiente idade nos acode e nos salva. Aquela autoridade, portanto é natural; foi Deus por sua voz quem aos filhos a impôs, por bem de todos nós. Tudo isto que te digo é só para tu veres que escusas de pregar-mo; eu sei quais meus deveres. Entretanto, Luísa, hás-de saber também que amor como este meu, quer seja mal, quer bem, perderias o tempo em mo impugnar.

LUÍSA - Já deste palavra à tua eleita?

JÚLIO - À minha flor celeste? Inda não, mas vou dar-lha; e torno-to a pedir: não me alegues razões que já não posso ouvir.

LUÍSA - Tão louca me crês tu, ou tão extravagante, Júlio?

JÚLIO – Não, não és, bem sei, mas nunca foste amante. Um coração isento, um ânimo donzela, nem sonha o que amor pode, e é muita vez cruel. Tremo do teu juízo; e se ele fosse acaso...

LUÍSA - O meu juízo aqui vem pouco para o caso. Quem há que não doideje ao menos uma vez? Se chegasses a ler nest'alma, já talvez não falasses assim.

JÚLIO - Prouvera aos céus! Prouvera que em teu seio também...

LUÍSA - Mas inda estou à espera do nome da feliz... (o mais virá depois) Falemos dela agora; estamos sós os dois, confessa-te sem pejo. É, pois a tua amada...

JÚLIO - Uma nossa vizinha, uma recém-chegada não sei donde, um feitiço, um anjo, a perdição de quem chega a avistá-la; o nome que lhe dão é Mariana, e mais nada. Está sob a tutela de uma pobre mulher, mãe sua, que a desvela, bem que enferma e infeliz, com todo o imenso amor de um coração materno; um par encantador! Mas como ela lho paga! Os mimos, o carinho com que a serve, e a distrai! Parece à casa um ninho doido de primavera! E tal, que ali ninguém, se não fossem as cãs, distinguiria a mãe. Queria

minha irmã, que a visses! Com certeza morrias por Mariana, assim como eu. Beleza tem-na como nenhuma; e esse adorável dom é o mínimo dos seus! A graça, o gênio...

LUÍSA - Bom! Em tudo o *non plus ultra*; entende-se.

JÚLIO - É divina! Em quanto diz e faz, na ação mais pequenina, põe uma graça, um mimo, um bem-querer tão seu, que não há resistir-lhe! hás-de o sentir como eu, quando a vires, Luísa, e confessar tudo isto.

LUÍSA - Até já o confesso, inda antes de a ter visto; claro o prova a impressão que está fazendo em ti.

JÚLIO - A poder de explorar, achei que andava ali muita desventura (em mostras de decência se escondem muita vez martírios de indigência). Vê se não era dita, um júbilo, um dever, salvá-las, reflorir, dourar-lhes o viver.

LUÍSA - Sim, sim.

JÚLIO - Nem digo tanto; ao menos quereria podê-las de algum modo aliviar; seria bastante, por agora, o ter com que as vingar das sumas precisões; que orgulho e que folgar ir com todo o melindre, e por subtis caminhos, tirando-lhes diante as pedras e os espinhos!

LUÍSA - Certamente.

JÚLIO - Mas como? Um pai avaro, e tal, que já no coração não tem senão metal!... Que posso eu dele obter?

LUÍSA - Dele, por certo nada. Que aflição para ti!

JÚLIO - Dobrada, tresdobrada do que se pode crer. Que pai! Que situação a de ambos nós, Luísa! Os pobres, quando o são, é por culpa da sorte, ou culpa talvez sua; mas em nós a miséria é culpa minha? Ou tua? Ou do fado sequer? Sabermos, só por fé, que há ouro em casa, e muito! E com tanto ouro ao pé, e a chave em mão de um pai, raivarmos carecentes de cômodos, de bens, das coisas mais urgentes! Se é para nós que ajunta, a nós que se nos dá de um haver, que só tarde ou nunca nos virá! Jejue a mocidade, e tenha paciência à espera da velhice; então é que a opulência se pode desfrutar. Eu por mim já não sei para onde me volte. Empréstimos? Cansei quanto usurário há aí; nem a cento por cento querem já mutuar-me. O como eu me apresento! E tu também! Faz rir; excita raiva, ou dó. Trajo, apenas decente; e este, ainda assim, é só fiado que se obtém. Que outrem da nossa classe conhecestes jamais que tanto se ralasse? Mas ponto em queixas vãs. Eu vinha-te pedir que sondes nosso pai, e o movas a anuir ao meu consórcio; aliás, se eu vir que o não consigo, caso, sem mais tardar, e emigra-se; um abrigo acha-se em qualquer parte; e quando uma mulher só ambiciona amor, de pouco se há mister.

LUÍSA (*sorrindo*) - Já o li numa novela.

JÚLIO - E é certo, e muito certo. Num sertão do Brasil! Que paraíso aberto a quem foge do mundo! Ali, calco eu por vil o ouro que almejo cá. Florestas do Brasil, ides ter vossa Eva, a quem no ano inteiro presenteeis cos dons de um Deus, seu pomareiro.

LUÍSA - Mas para chegar lá (cuido que não quereis ir a nado; pois não?) do ouro precisareis. Se debaixo dos pés também por cá o houvesse...

JÚLIO - Ri, Luísa, do amor; bem ri quem não padece. Eu não quero pensar; fugir só quero, e pôr, se meu pai nos for surdo, em salvo o nosso amor; entendes? Para isso emprego quanto sei, a ver se a todo o custo ainda alcançarei um empréstimo novo (agora é o derradeiro). Bem franco te falei; franqueza igual requeiro; suponho que também o coração te diz, Luísa, alguma coisa em prol de algum feliz... Se é certo (praza ao céu!), comigo e Mariana, deixando esta galé, sereis da caravana.

LUÍSA - Improvisa, poeta; eu, que terrestre sou, gemo, curvo a cerviz, invejo-te, e cá vou remando esta galé, já que uma estrela escura me quis, órfã de mãe, fadar à desventura. (*Ouve-se dentro confusamente Harpagão a vociferar*) Mas saíamos daqui; vem lá o pai. Convém que em lugar mais seguro a nós falemos. Vem. (*Saem ambos pela segunda porta da esquerda; fica o teatro vazio por um breve espaço*).

### CENA III

*(Harpagão e Tomás Vêm ambos da segunda porta da direita, Tomás fugindo, Harpagão trazendo-o diante si aos encontrões)*

HARPAGÃO - Rua! Rua! Já na rua! Respondão! Mal-ensinado! Criado mais malcriado nunca o houve.

TOMÁS (*à parte*) - Está com a lua.

HARPAGÃO - De mais a mais ratoneiro!

TOMÁS - Quem? Eu?!

HARPAGÃO - Pois quem? Eu? Tomás, não se rouba só dinheiro.

TOMÁS - Eu que lhe roubo?

HARPAGÃO - És capaz de negar (diz que não rouba) que me sisaste do almoço quase um palmo de alfarroba, e vinte, ou vinte e um tremço? Eu trago tudo contado.

TOMÁS - Que mais, senhor Harpagão?

HARPAGÃO - A quinze do mês passado, um pedaço de sabão; a dezesseis, sêneas.

TOMÁS - Sêneas! Ah! Sim; foi pra me lavar; sempre mãos limpas; livrar de fazer entejo às fêmeas.

HARPAGÃO - A dezenove uma bula...

TOMÁS - Já rota.

HARPAGÃO - E mais uns cordéis.

TOMÁS - Para embrulhar uns pastéis...

HARPAGÃO - Pastéis! Oh! Monstro de gula!

TOMÁS - Mandou-me o senhor seu filho, o senhor Júlio, o meu amo...

HARPAGÃO - Pois aquele peralvilho gasta pastéis? Até bramo!

TOMÁS - Nada, foi para um presente que eu lhe levei a umas damas.

HARPAGÃO - Além de pastéis, madamas! Cada vez mais excelente.

TOMÁS - Isso é com ele; adiante; que mais lhe pilhei?

HARPAGÃO - Pilhaste a vinte e dois, grande traste! Depois do almoço, tratante! de dentro do açucareiro três pitadas.

TOMÁS - O cigarro tinha-me feito pigarro...

HARPAGÃO - Pois não cigarres, brejeiro, perdulário!

TOMÁS - Uma pessoa precisa-se distrair.

HARPAGÃO - Pois cace moscas.

TOMÁS - É boa! E quando as não há?

HARPAGÃO - Dormir, faltando em que trabalhar; poupam-se solas e fato; divertimento barato, e inocente. Mas fumar! Fumar! Fazer do dinheiro um fumo, ou coisa nenhuma!!!

TOMÁS - Também o meu amo fuma.

HARPAGÃO - Fumo e pastéis! Guapo herdeiro que Deus me dá! Tal criado, tal amo. Isto vai bonito! Fora já daqui, repito; rua! Ou levo-te a cajado.

TOMÁS - A ordem do meu patrão foi que eu o esperasse.

HARPAGÃO - A sua talvez fosse; a minha então...

TOMÁS - Qual é?

HARPAGÃO - Que o esperes na rua. Não quero aqui um espia de quanto em casa se faz, do que há e não há, capaz de alguma malfeitoria!

TOMÁS - Que malfeitorias?

HARPAGÃO - Roubo, se o queres mais explicado.

TOMÁS - Em curral que não tem gado não têm que cheirar os lobos.

HARPAGÃO - Sempre resposta prontinha!

TOMÁS - Pois quer que eu não lhe responda, se traz tudo à chave, e ronda noite e dia a casa!

HARPAGÃO - É minha; posso-a rondar quanto eu queira. Espia tudo que faço! (*à parte*) Queira Deus que este madraço não me aventasse a melgueira! (*alto*) Capaz eras tu até de andar nos teus conhecidos espalhando... O que não é: que há dinheiros escondidos em minha casa.

TOMÁS - Pois há!? Não sabia; estimo.

HARPAGÃO - O quê? (*à parte*) asneei. (*alto*) Não me dirá o que é que estima você? É tolo ou faz-se? Eu não disse que tinha nenhuns dinheiros; perguntei se por tolice tu lá com os teus companheiros não andarias falando de dinheiros amuados em minha casa. Era um bando deitado aos ladrões. Criados, todos o são.

TOMÁS (*à parte*) - Que mania!

HARPAGÃO - Tu que é que rosnas, Tomás?

TOMÁS - Nada. Vossa Senhoria não me dirá que me faz, ou a mim ou a ninguém, que tenha ou não tenha oculto algum busilhão de vulto, se dele não sai vintém?

HARPAGÃO (*ameaçando a Tomás com uma bofetada*) - Galras-me? atemas na tua? queres por força provar?

TOMÁS (*recuando e à parte*) - Daquilo sabe ele dar.

HARPAGÃO - Rua! Repito-te, rua!

TOMÁS - E é já.

HARPAGÃO (*correndo a fechar a primeira porta da direita*) - Primeiro, alto aí; hei-de saber se este pilho, digno servo do meu filho, não leva escondida em si alguma coisa furtada.

TOMÁS - Que coisa furtada?

HARPAGÃO - Eu sei... Mostra cá, e eu to direi, mostra...

TOMÁS - O quê? Não levo nada.

HARPAGÃO - Vejo essa algibeira a impar; mostra...

TOMÁS (*tirando do bolso uma tangerina*) - É uma tangerina.

HARPAGÃO - Quem te deu?

TOMÁS - Deu-ma a menina para me eu desjejuar. Pergunte-lho.

HARPAGÃO - Não preciso. Tudo que há na casa é meu; e se a menina lha deu, provou seu pouco juízo. Dá, dá. (*Tira-lhe da mão a tangerina, mete-a na algibeira, e cobre-a com o lenço*)

TOMÁS (*à parte*) - Abafada, (*alto*) Pronto? (*à parte*) E eu é que sou rapinante! (*alto*) Posso-me ir? Findou-se o conto? Ou inda vai por diante?

HARPAGÃO - E o outro bolso?

TOMÁS - Vazio; quer que o vire?

HARPAGÃO - Pois então? Desse é que eu mais desconfio, por tais demoras.

TOMÁS (*revirando o bolso e sacudindo*) - Cotão; assente no rol.

HARPAGÃO (*apalpando-lhe as botas*) - E aqui? Nas botas que enfardelaste?

TOMÁS - Os pés.

HARPAGÃO - Graceja, meu traste, e tu verás...

TOMÁS (*à parte*) - Nunca vi farejar furtos como isto.

HARPAGÃO - Botas largas em criados são alforjes disfarçados, invenção do demo.

TOMÁS - Visto?

HARPAGÃO - E o peito? Desabotoa; noto aí certo enchimento... (*Desabotoa-lhe o colete, e apalpa-lhe o peito*).

TOMÁS (*dando guinchos agudos e rindo convulsivamente*) - Olhe que sou coceguento; basta; largue; esta é que é boa!

HARPAGÃO (*medindo-o com os olhos de alto a baixo*) - Que tens nessa mão fechado? restitui-mo.

TOMÁS (*abrindo a mão*) - Eu, nada; aí tem.

HARPAGÃO - Mostra a outra.

TOMÁS - Aí vai também.

HARPAGÃO - E a outra?

TOMÁS - Não sou dotado de mais de duas.

HARPAGÃO (*depois de meditar*) - Tomás, tens alma?

TOMÁS - Cuido que sim.

HARPAGÃO - Crês que há inferno sem fim, e nele te afundarás se jurares falso?

TOMÁS - Creio. (*à parte*) Fez-se agora padre cura.

HARPAGÃO - Então, Tomasinho, jura, jura, sem nenhum receio, que vais dizer-me a verdade.

TOMÁS - Juro.

HARPAGÃO - Tu furtaste, não?

TOMÁS - Não senhor.

HARPAGÃO - Na realidade?

TOMÁS (*com grande intimativa*) - Olhe, senhor Harpagão, se lhe eu furtei, Deus permita que antes de uma hora o senhor tenha um ramo de estupor, ou qualquer coisa esquisita.

HARPAGÃO - Põe-te a andar; sume-te; rua, ladrão! E não tornes mais. (*Sai Tomás pela primeira porta da direita*).

#### CENA IV

HARPAGÃO (*sópasseando dessossegado de um lado para o outro*) - Que inferno é ter cabedais! Quando a gente os encafua, sempre os supõe bem guardados; mas em saindo de ao pé, são logo dez mil cuidados! Eu cá, perco o sono até. Se alguém mos aventaria! Se adivinhassem! Sei lá! Há tantos exemplos! Se há! E enquanto a gente vigia, inda lá vai; mas dormindo, não 'stá o que é meu sem dono? E não pode ir algum mono atabafar-mo? Era lindo! Que tal não ficava um homem, se acordando antes do dia, coas ralações que o consomem, achasse a caixa vazia!! Era logo pendurar-se, Deus me perdoe! Se eu pudesse por tudo, muito ao disfarce, fora a render! sim, se houvesse certeza de algum banqueiro, que não pudesse quebrar... Mas qual! maldito dinheiro! como és ruim de guardar!! Dizem então: "burras! burras! casa-forte chapeada!" providências de caturras que não pescam disto nada. As burras e casa-forte são até um chamariz... Valha-me Deus! Triste sorte a de quem julgam feliz! Tenho um milhão a render no banco inglês; mas se a guerra toda essa Europa envolver, não pode ir o banco a terra? Então, se estourando as silhas a burra mãe me abalar, poder-me-ei sequer tornar a estas burrinhas filhas. Por isso vou enterrando já num, já noutra lugar; isto é: vou multiplicando razões de me atormentar. E este meu costumezinho de falar alto comigo! Nem que às vezes um vizinho não possa ouvir o que eu digo!

## CENA V

(O mesmo, Luísa e Júlio. Os dois últimos saindo da segunda porta da esquerda, ficam conversando entre si ao fundo do teatro sem ser ouvidos)

HARPAGÃO (continuando, no primeiro plano sem reparar neles) - Mas também... Por outro lado... Se eu comigo não falar... a quem posso revelar o que me traz desvelado? Os quatro contos de réis que ontem cobreí, e enterrei ali no quintal... Não sei... O menino dos pastéis tem cara de ter um faro! E os moços!... Valha-me Deus! Que farei? (reparando nos filhos e sobressaltando-se) Pecados meus! Jesus! Agora reparo que não estava só. Deus queira que não me ouvissem; talvez; talvez não!... Ou sim!... Que asneira pensar alto! (virando-se para os filhos, e fingindo que só agora é que os vê) Ah! São vocês?...

JÚLIO - Sim, somos nós, meu pai.

HARPAGÃO - Não os senti chegar; É um sestro que têm de andarem devagar!... Tinham chegado há muito?

LUÍSA - Agora mesmo.

HARPAGÃO - Dou que me ouviram falar.

JÚLIO - Quem? Nós? Se nos falou, não ouvimos, meu pai.

LUÍSA - Certo que não.

HARPAGÃO - Luísa não mintas; e nem tu, (para Júlio). Quer-se a verdade lisa: ouviram?

JÚLIO - Nós! o quê, meu pai?

HARPAGÃO - O que eu dizia com os meus botões.

JÚLIO - E que era?

HARPAGÃO - Era que isto hoje em dia *in verbo* coscorrinho é tudo uma desgraça; não há pilhar ceartil, por mais que um homem faça! exclamava eu então... (por força que me ouviram)...

LUÍSA - Eu não.

JÚLIO - Nem eu.

HARPAGÃO - Pois sim. Dizia: muitos giram com milhões e milhões; e eu, que preciso tanto, nem quatro contos posso aí coalhar a um canto!

JÚLIO - Vínhamos receando acaso interrompê-lo...

HARPAGÃO - Interromper-me! Qual! Chegaram muito a pelo; entre filhos e pai deve reinar franqueza. O que pensava a sós acerca da pobreza de novo lho repito, e é bom tê-lo presente: os tempos não vão bem; vão mal; pessimamente; que será o futuro? Ainda se eu tivera quatro contos de réis! Quatro contos! Quem dera!

JÚLIO - Nenhum de nós, meu pai, lhe pede contas.

HARPAGÃO - Não; bem sei; isto é falar; é uma explicação que eu a meus filhos devo, a fim de que os meus tontos não julguem que esta casa é talvez a dos contos.

JÚLIO - Quem pensa tal! Que fosse a casa até dos bicos, nós que temos com isso?

LUÍSA - Eu não invejo aos ricos.

HARPAGÃO - E eu sim; só por vocês.

JÚLIO - Para que está com isso? Graças a Deus, tem muito; um cabedal maciço; ninguém há que o não saiba.

HARPAGÃO - Eu! Eu!

JÚLIO - Meu pai.

HARPAGÃO - Mentira. Deus permita...

JÚLIO - Não jure; a praga que se atira às vezes ricocheta.

HARPAGÃO - A súcia que isso espalha são por força ladrões. Arreda, vil canalha! Rico! Eu rico!

LUÍSA - Meu pai, sossegue; que lhe presta o estar-se a enraivecer?

HARPAGÃO - Eu rico! Inda mais esta! agora até são já meus filhos, o meu sangue, que espalham que sou rico, e estranham que me zangue!

JÚLIO - Dizer que tem de seu é ser seu inimigo?

HARPAGÃO - É. Sim senhor, pois que é? Quem vir como este amigo por aí pimpa e luxa, e ouvir que eu tenho, assenta que isto é vaza-barris; vem o diabo, atenta alguma alma perdida, entra-me em casa, à espera de ouro em pó; não acha, assanha-se, pudera! Amordaça-me, e zás! Coseu-me de facadas! E a culpa de quem foi? Das línguas depravadas, e do luxo, repito, aqui do meu peralta.

JÚLIO - Que luxo?

HARPAGÃO - Bom cavalo, anéis, nada lhe falta! Alfinete de peito! Alfaiate francês! Francesa a engomadeira! O sapateiro inglês! Teatros! Que sei eu! Já hoje mesmo eu disse ali à sua irmã: com tanta garridice isto afinal estoura, e muito breve! Ingrilou-se-me toda; acha que um pai não deve acudir aos seus bens, que vão pela água abaixo!

Pois achem muito embora; eu cá é que não acho; e hei-de lhe enfim pôr cobro. Olhem-me aquele fato, e comparem-no ao meu; sou eu que pago o pato; por força; ele não tem!... Não ganha!... Não tirou sorte grande, que eu saiba; eu, certo, lho não dou... (porque o não tenho); então, é claro como o dia, que, seja como for, mo extrai por qualquer via. Tem as manhas da cobra: a cobra também mama, tão velhaca e subtil, que não acorda a ama. (*Luísa, notando no irmão movimentos de impacientado com o insulto, faz-lhe sinal para que tenha mão em si*).

JÚLIO (*em meia voz, e em rápido aparte para a irmã*) - Outrem que me afrontasse em minha probidade, pagava-o logo, e caro; aqui, há imunidade. (*alto para Harpagão e afetando serenidade*) Que lhe posso eu tomar? ou como?

HARPAGÃO - Eu sei!

JÚLIO - Mas rogo que mo ensine.

HARPAGÃO - E eu pergunto as suas rendas.

JÚLIO - Jogo. A fortuna (talvez por ver-me desgraçado) favorece-me; ganho; o ouro assim ganhado, se havia de enterrá-lo ou despendê-lo em vícios, vai logo alimentar as artes e os ofícios, vestindo a minha irmã de um modo mais decente, e a mim também; não devo inspirar tédio à gente.

HARPAGÃO - O que o senhor devia, uma vez que a fortuna o favorece ao jogo, era, em vez de ir-se à tuna desbaratar o seu, pô-lo a render. Dinheiro cria dinheiro. Um cento é menos que um milheiro; e como cem é bom, mil, que é dez vezes cem, é dez vezes melhor. Calcula um só vintém dez vezes a dobrar; (um só vintém; atenta;) pode-te dar... dez mil duzentos e quarenta! torna a dobrar por dez; calcula, e pasmarás! São dez contos de réis...

JÚLIO (*sorrindo*) - Sim senhor! Já me apraz.

HARPAGÃO (*continuando*) - Quatrocentos...

JÚLIO - Melhor.

HARPAGÃO - Acrescenta, acrescenta oitenta e cinco mil setecentos e sessenta, Que tal!

JÚLIO - Acho bem bom. Quem os cá dera!

HARPAGÃO - Aí tens, filho pródigo, aí tens o que é poupar vinténs.

JÚLIO - Tem razão.

HARPAGÃO - Toda. Então, digo eu, que se emprestasse a cem por cem ao ano os ganhos que apurasse... Não andava pavão, mas era milionário.

JÚLIO - São gênios; não nasci no signo de usurário.

HARPAGÃO - Bem; não falemos mais em tais matérias. Vejo que o signo em que nasceu foi o do caranguejo. Falemos noutra coisa. (*Reparando em que Júlio e Luísa estão fazendo sinais um ao outro, querendo cada um que seja o outro quem encete a declaração; à parte*) Ali anda tratada! Mau! Temos peditório. (*alto*) O que é lá isso?

LUÍSA - Nada.

HARPAGÃO - Como nada? Eu não vi certos sinais?...

LUÍSA - O mano precisava...

HARPAGÃO - De quê? (*à parte*) Nem chavo castelhano.

LUÍSA - E eu também precisava...

HARPAGÃO (*à parte*) - Um dardo. As precisões já vêm aos pares! Bravo! Esfolem-me, ladrões!

JÚLIO - Precisávamos... Sim... Falar-lhe...

LUÍSA - Ele queria que fosse eu a primeira, e eu que fosse ele; eu ria, ele teimava...

HARPAGÃO - Entendo; era o jogo do empurra. (*à parte*) Temia que não fosse uma sangria à burra. (*alto*) Depois falarão disso; agora é mais instante o que eu lhes vou dizer.

JÚLIO - Isto era um só instante: era sobre o casar...

HARPAGÃO - Ouçam-me pois atentos, que eu não lhes vou falar senão de casamentos.

LUÍSA (*muito triste*) - Ah! Meu pai!

HARPAGÃO - Que meu pai! Nem que ah! Forte esquisita! Mal lhe falo em casar, logo se aterra e grita. Não percebo tal medo. As mais, quando lhes falam em casar, vão-se aos céus, e todas se regalam.

JÚLIO - Creio que ela também; pois não é assim, Luísa? do casar sem amor é que ela se horroriza; com razão, que até eu, sendo homem, tremeria de dar à braga o pé; confesso a covardia.

HARPAGÃO - Vamos devagarinho; eu sei perfeitamente (e melhor que vocês, por mais experiente) o que é que lhes convém; mas não atrapalhemos; vamos por partes.

JÚLIO - Bem; pois diga; escutaremos.

HARPAGÃO (*para Júlio*) - Já viste uma senhora, aqui nossa vizinha, chamada Mariana? (E muito galantinha que ela é, benza-a Deus!)

JÚLIO - Vi, vi.

HARPAGÃO (*para Luísa*) - E tu?

LUÍSA - Já dela tenho ouvido mil bens: que é boa quanto é bela.

HARPAGÃO (*para Júlio*) - Que tal te pareceu?

JÚLIO - Formosa, mui formosa!

HARPAGÃO - Cara linda, e de esperta.

JÚLIO - Esperta, e mui garbosa.

HARPAGÃO - Um ar... Uns modos... Hein?

JÚLIO - Admiráveis.

HARPAGÃO – Então concordas, certamente, em que era uma união muito de apetecer.

JÚLIO - Oh! Se era!

HARPAGÃO - Enfim, mulher para bem reger casa, e ser como se quer.

JÚLIO - Sem dúvida.

HARPAGÃO - Só lhe acho um senãozinho. Creio que tem pouco de seu; parece-me...

JÚLIO - É receio que nem deve lembrar. Virtudes e beleza contrapesam de sobra outra qualquer riqueza.

HARPAGÃO - Lá tanto, não direi; o que, porém te digo, é que inda que não traga imenso haver consigo, paciência! Arranjar-se-á por outra qualquer via.

JÚLIO - Claro está.

HARPAGÃO - Pois meu filho, enches-me de alegria com esse teu pensar, que é o meu exatamente. Muito bem! Mariana...

JÚLIO - Ah! meu bom pai! (*à parte com alvoroço, para Luísa*) Consente.

HARPAGÃO - Mariana, pelos dons que ambos achamos nela, de econômica, parca, amável, e singela, cativou-me, e há-de ser minha segunda esposa; quer tenha, quer não tenha.

JÚLIO - O quê!?

HARPAGÃO - Que é lá?

JÚLIO - Pois ousa... Ousa, meu pai?!

HARPAGÃO - O que?

JÚLIO - Pois quer?

HARPAGÃO (*depois de um breve silêncio*) - Perdeste a fala? Acaba; quero o quê?

JÚLIO - Deveras desposá-la?

HARPAGÃO - Quero.

JÚLIO - Meu pai!? meu pai!?

HARPAGÃO - Eu, eu; cem vezes eu. Que admirações! Que tem?

JÚLIO - Não sei o que me deu; um vagado, suponho.

HARPAGÃO - O pote da cozinha há-de ter água; corre, e bebe; está fresquinha; bebe um púcaro, ou dois, se tanto for preciso; para vagados água; afoga-os de improviso. (*Sai Júlio pela segunda porta da direita*).

## CENA VI

HARPAGÃO - Rapazinhos de hoje em dia! Não passam de uns reles nicos. Até fanicos! Fanicos! Vistam saia. Quando eu ia dizer-lhe o belo casório que lhe tenho preparado, um vágado! Cebolório! (*para Luísa*) Pois filha, tenho assentado: eu caso com ela; dou ao Júlio certa viuvinha em que ontem se me falou, e a ti o Anselmo, Luisinha.

LUÍSA - Anselmo!

HARPAGÃO - Varão maduro, de pouco mais dos sessenta; uma burra succulenta; gênio bom, parco, seguro...

LUÍSA (*fazendo mesura*) - Eu, co devido respeito, meu pai, não quero casar.

HARPAGÃO (*fazendo uma cortesia de escárnio, e arremedando Luísa*) - E eu minha flor, quero-a dar ao noivo que tenho eleito.

LUÍSA (*repetindo a mesura*) - Queira meu pai desculpar-me; não pode ser.

HARPAGÃO - A menina queira também perdoar-me; há-de ser.

LUÍSA - A minha sina não reza de tal. Se quer que eu lho chame encantador, e até bruxo, sim senhor; mas lá ser sua mulher... (*fazendo uma mesura*) sou uma sua criada.

HARPAGÃO (*fazendo uma cortesia*) - E eu um seu humilde servo; unicamente lhe observo, que hoje mesmo a Anselmo é dada.

LUÍSA - Hoje?

HARPAGÃO - Hoje.

LUÍSA - Meu pai, não conte com tal coisa.

HARPAGÃO - Minha filha, repito-lhe que se apronte.

LUÍSA - Não me pilha.

HARPAGÃO - Olé se a pilha! Assim eu pilhasse agora quatro contos.

LUÍSA - Não, não, não.

HARPAGÃO - Sim, sim, sim.

LUÍSA - Teime ele embora; também eu teimo; verã; ninguém me pode obrigar.

HARPAGÃO - Obrigó-te eu; tu verás.

LUÍSA - Matar-me-ei; sou mui capaz.

HARPAGÃO - Não morres, e hás-de casar. Viu-se nunca petulante que assim a seu pai galrasse!

LUÍSA - Nem pai que tanto abusasse da força...

HARPAGÃO – Recalcitrante contra um arranjo excelente, que o não há melhor!

LUÍSA - Não gosto.

HARPAGÃO - Aposto que toda a gente o há-de aprovar!

LUÍSA - E eu aposto que ninguém tal aprovava.

HARPAGÃO - Não?

LUÍSA - Não.

HARPAGÃO - Que queres perder? Uma apostinha.

LUÍSA - Apostava.

HARPAGÃO - E eu também. Como há-de ser? Eu ponho doze vinténs, e tu esses brincos de ouro. (*vendo Luisa a sorrir*) Se tanta certeza tens...

LUÍSA (*à parte*) - Um coelhinho por um touro. (*alto*) Mesmo assim, aceito.

HARPAGÃO - Espera.

LUÍSA - Que é?

HARPAGÃO - Primeiro deposita.

LUÍSA - Não fujo.

HARPAGÃO - Bem sei; pudera! Enfim, dás palavra? (*à parte*) Hesita.

LUÍSA - Dou palavra, dou.

HARPAGÃO - Vem gente. Queres tu? Seja quem for, eis o árbitro.

LUÍSA - Excelente. (*à parte*) Venço.

HARPAGÃO (*à parte*) - Fico vencedor.

## CENA VII

(*Os mesmos e Duarte, que vem da segunda porta da direita*).

HARPAGÃO (*continuando o à parte*) - Bravo! o meu confidente! Apanho as arrecadas. (*alto*) Vem aqui, meu Duarte; e muito boas fadas que te mandaram cá. Vais ser nosso juiz: quem é que tem razão? Ela, ou eu?

LUÍSA (*para Duarte*) - Meu pai diz...

HARPAGÃO - Ela nega.,.

LUÍSA - Eu ateimo...

HARPAGÃO - Eu sustento...

DUARTE - O patrão, (já percebo) é que tem carradas de razão.

HARPAGÃO - Sabes de que se trata?

DUARTE - Exata, exatamente, não sei; sei que ao senhor nunca lhe entrou na mente coisa desarrazoada.

HARPAGÃO - E não. Aí vai o caso:

DUARTE - Venha lá.

HARPAGÃO - Digo-lhe eu que hoje, hoje mesmo, a caso com um sujeito de bem, riquíssimo; e a mofina põe-se em bicos de pés, e diz que não assina. Que me dizes a esta?

DUARTE - Eu?

HARPAGÃO - Tu.

DUARTE - Hã, hã!

HARPAGÃO - Que é?

DUARTE - Digo... *(Luísa faz um gesto de enfado)* que na essência... o senhor...

HARPAGÃO - Que em suma, estás comigo. *(Durante esta e as seguintes falas de Duarte, fazem contracena muda Harpagão e Luísa, carregando cada um deles o semblante, ou alegrando-se, sempre em sentido contrário do outro, à proporção que os dizeres de Duarte lhes fazem feição, ou deixam de lha fazer).*

DUARTE - Sim, o senhor na essência era impossível...

HARPAGÃO - E era.

DUARTE *(continuando)* - que resolvesse à doida.

HARPAGÃO *(para Luísa)* - Apanha lá, pantera.

DUARTE - Mas agora também por outro lado, entendo que o que a menina diz não é despiciendo de todo em todo.

LUÍSA *(para Harpagão)* - Aí tem; aí tem.

DUARTE - Por conseguinte, salvo melhor juízo...

HARPAGÃO - Achas que dá no vinte uma pobre de Cristo, e que só tem de seu o palminho da cara, achando...

LUÍSA *(à parte)* - Um camafeu.

HARPAGÃO *(continuando)* - um marido ricaço, ilustre, já sisudo, e não mal parecido, enfim *(para ter tudo)* viuvinho sem nota, e sem filhos? Pergunto: predicados assim onde é que os viu por junto?

DUARTE - Não lhe vou contra isso. O que ela poderia retrucar-lhe, era só...

HARPAGÃO - Que me retrucaria?

DUARTE - Eu sei! Talvez dissesse: a eleição de um consorte é coisa muito grave, e não se entrega à sorte; deve-se em todo o caso ouvir o coração; aliás...

HARPAGÃO - Deixa falar. Que é lá inclinação? Novelas; poesia. Ocasões como esta, é colhê-las no ar. E inda o melhor da festa não no sabem vocês: é que ele se me obriga a tomar *(notem bem)* sem dote a rapariga.

DUARTE - Sem dote!

HARPAGÃO - Sim senhor; sem dote.

DUARTE - Essa embatuca. e mete os tampos dentro.

HARPAGÃO - Agora que retruca?

DUARTE - É de arriar bandeira.

HARPAGÃO - Economia imensa para quem não é rico.

DUARTE - Olé se é diferença! O que ela há-de objetar talvez (digo eu cá isto) é que em se dando o nó, nem que viesse Cristo não há mais desatá-lo; e sendo a escolha errada, lá fica até a morte a vítima infernada.

HARPAGÃO (*exclamando para si*) - Sem dote!

DUARTE - É uma razão a que se não replica; bem vejo. Alguma gente é que há-de vir com a nica de dizer que o casar, não sendo obrigação, não se deve fazer sem mútua inclinação; e que ninguém se lembra, inda que o demo o queira, de unir estio e inverno, um cepo e uma roseira; e que enlaces assim provam mal, de ordinário.

HARPAGÃO - Sem dote!

DUARTE - Sim senhor, quem lhe diz o contrário? Isso é uma razão de escachapessegueiro; inda que há muitos pais amigos do dinheiro, que antes de o calcular calculam muito ao sério onde a filha irá ter: se a céu, se a cemitério.

HARPAGÃO - Sem dote!

DUARTE - A coisa é essa.

HARPAGÃO (*olhando para a porta do fundo, e à parte*) - A modo que dei fé de um vulto no jardim! mau! corro a ver o que é. (*alto*) Não saiam, que eu já venho. (*à parte*) Ai! Meus dez mil cruzados! Se alguém mos sonharia! Isto é que são cuidados!... (*Vai-se apressado pela porta do fundo*).

## CENA VIII

(*Luísa e Duarte depois de darem tempo a que o pai já os não possa ouvir, e tendo estado a olhar ambos para a porta do fundo*).

DUARTE - E esta!

LUÍSA (*picada, e depois de pausa*) - E esta! Inda não creio no que lhe ouvi. (*pausa*) Concordar em tal coisa! (*pausa*) Não me dar razão a mim!

DUARTE - Foi receio de exasperá-lo inda mais, e abrir-lhe os olhos talvez.

LUÍSA - Fê-la bonita, oh! se fez! E agora? Receios tais num lance extremo! no lance de nos salvar ou perder! (*em tom irónico*) Adeus! Quando não me alcance, há mais por onde escolher.

DUARTE - Quanta prudência é precisa para escutar uma injusta, uma zelosa!

LUÍSA - Sim; custa; por isso a entrega.

DUARTE - Oh! Luísa! Pois tu não vês que ir-me opor de cara a cara ao seu plano era matar logo em flor o fruto por que me afano? Gênios que à razão não saem, não se hão atacar de frente; põe-se-lhes cerco paciente, mina-se, espera-se, e caem.

LUÍSA (*com muita aflição*) - Mas como esperar, Duarte, se é hoje mesmo...

DUARTE - Não sei; é procurar traça, ou arte, de espaçá-lo. Buscarei. E tu procura igualmente.

LUÍSA (*depois de pausa longa*) - Não há; não me ocorre nada.

DUARTE - Se te fingisses doente?

LUÍSA - Vinha o médico, a tratada era logo descoberta, via-me sã como um pêro. Valha-me Deus! que exaspero!

DUARTE - Pois médico algum acerta co que está dentro da gente! Pode haver males sem febre; qualquer com ar de sapiente te engole gato por lebre. O mais que podem fazer, por não desonrar o emprego, é dar ao teu padecer...

LUÍSA - Um remédio?

DUARTE - Um nome grego.

## CENA IX

(*Os mesmos e Harpagão, que volta da porta do fundo*).

HARPAGÃO (*à parte*) - Nada foi, Deus louvado!

DUARTE (*sem haver ainda atentado em Harpagão*) - Enfim, se não houver outro modo, é fugir, e ser minha mulher. Tens valor, minha estrela?

LUÍSA (*com muita firmeza*) - Eu tenho.

DUARTE (*reparando em Harpagão, mas continuando como se o não tivera visto, e fazendo com os olhos sinal a Luísa para que dissimule também*) Não me sai deste argumento: um pai é pai ou não é pai? é pai; quem há que o negue? E a filha não é filha? é; logo, a filha boa ao seu bom pai se humilha. (*à parte*) Estou como os do grego. (*alto para Luísa, e ainda com mais intimativa*) Uma donzela (entende?) aceita, e não escolhe; escolher quê? pretende, sem uso algum do mundo, e só com os seus sentidos, dar a seu pai lições acerca de maridos? (*à parte*) Bom; cada vez mais grego! eu, se isto dura, espero vir ainda a desbancar ao próprio padre Homero. (*alto para Luísa, e cada vez com mais fogo*) Pesou já bem, pesou... (senhora não me esgote de toda a paciência) esta razão: sem dote!? Sem dote! uma menina esperta, e de pudor, lança as mãos ambas

logo, e, seja como for, apanha a veniaga. Amor! Essa é que é bela! Engorde com a ternura o caldo da panela.

HARPAGÃO - Bravo! Isso é que é falar que nem o melhor livro.

DUARTE (*fingindo-se sobressaltado com a aparição do amo, e confuso*) - Tenho este mau costume, e dele não me livro: digo sempre o que entendo, e às vezes brutaemente; perdoe-me o patrão, se passo de imprudente em vir intrometer-me onde ninguém me chama, e em falar tão severo aqui à minha ama; que eu não sei se o senhor ouviu ou não.

HARPAGÃO - Ouvi. Aprovo, e muito louvo; até delego em ti o meu poder paterno acerca desta louca, já que às minhas razões tem sido sempre mouca; sê tu seu vice-pai com plena autoridade; tens mais paciência que eu, zelo, e juízo.

LUÍSA - Eu...

HARPAGÃO - Há-de obedecer-lhe em tudo, e não me remenique. (*para Duarte*) Faze-lhe a operação da catarata. (*para Luísa que vai retirar-se*) Fique, e tenha-me juízo.

DUARTE - Isso há-de o ter; sossegue. Cá está sombra fiel, que a toda a parte a segue. (*Ouve-se da banda do jardim, mas ao longe, um assobio dos que o rouxinol expede antes de repenicar a cantiga*).

HARPAGÃO - Ouvi um assobio a modo... Não sentiram? Da banda do pomar?

DUARTE - Algum pássaro. (*ouve-se segundo assobio*).

HARPAGÃO - Ouviram? Tão claro!

DUARTE - O rouxinol (talvez) que este ano veio morar no laranjal.

HARPAGÃO - Que rouxinol? Não creio; antes algum sinal (sei cá?) de ratoneiro, a convocar mais súcia ao faro de dinheiro. Vai ver, Luísa, vai, se da tua janela avistas novidade; é bom toda a cautela. (*Sai Luísa pela segunda porta da esquerda*).

## CENA X

(*Ouve-se cantar o rouxinol. Harpagão e Duarte ficam por algum espaço a escutar*)

DUARTE - Era o rouxinol; pois que era? Não no ouve? E trina! Trina! Nada chega à primavera.

HARPAGÃO - E o verão? Esse é que é mina! Noites tão claras e breves, que até se dispensa luz.

DUARTE - E roupa na cama.

HARPAGÃO (*com entusiasmo*) – Deves ser meu amigo.

DUARTE (*com entusiasmo igual*) - Jesus! Se o sou, senhor Harpagão! Isso é uma simpatia!...

HARPAGÃO - A gente em irmãos confia; vou-te falar como irmão, (*pausa*) Tive uma idéia famosa; hás-de aprovar-la.

DUARTE - Decerto.

HARPAGÃO - Vem ouvir aqui mais perto; e segredinho!

DUARTE - Essa prosa é que se pode escusar; sou um cofre de segredo. A idéia! Nada de medo.

HARPAGÃO (*depois de meditar um instante*) - Duarte, sabes ladrar?

DUARTE - Ladrar!

HARPAGÃO - Ladrar.

DUARTE - Imagino que há-de ser fácil; eu sei!

HARPAGÃO - Depois examinarei se tens bom órgão canino; mas hás-de ter.

DUARTE - Suponhamos.

HARPAGÃO - Este grande quintalão tão entaipado de ramos precisa de noite um cão.

DUARTE - E precisa.

HARPAGÃO - Os cães de fila custam caro; e comem! Comem! Cada um mais do que um homem, que é o que mais me quizila.

DUARTE - Também a mim.

HARPAGÃO - Nota-me isto: calculei: come um cãozinho por ano...

DUARTE - Chagas de Cristo!

HARPAGÃO - Dez moedas e um quartinho.

DUARTE - Fora! que bruto!

HARPAGÃO - É verdade. Deixemo-nos pois de cão.

DUARTE - Acho-lhe toda a razão.

HARPAGÃO (*com complacência*) - Grande homem! já nesta idade! Ladraremos no quintal, tu uma noite, outra eu. Não é que eu tenha de meu enterrado nem real; mas sempre é bom.

DUARTE - Olá se é! Tem-se a casa mais segura.

HARPAGÃO - Aprovas?

DUARTE - E louvo até.

HARPAGÃO - Abraça-me! Que ternura que tu me inspiras, Duarte! És, és um homenzarrão...

DUARTE (*à parte*) - com uma patente de cão.

HARPAGÃO - Dou-te neste emprego parte, só porque me vou casar; quando não, tomava a mim todas as noites ladrar; não queria outro mastim.

## CENA XI

(*Os mesmos e Luísa, que vem da segunda porta da esquerda*).

LUÍSA - Nada se avista; nada.

HARPAGÃO - Eu tenho de sair a ver certa pessoa.

DUARTE (*para Harpagão, confidencialmente*) - Adeus colega; e é vir depressa; entende?

HARPAGÃO (*para Duarte, também confidencialmente*) - Bem; tenho o primeiro dia; amanhã serás tu. (*Indicando Luísa*) Fica-lhe de vigia; e eu vou sempre outra vez correr esse quintal. (*Conserta diante do espelho o laço da gravata, e assenta com o braço o pêlo do chapéu ruçado*).

DUARTE (*entretanto a Luísa*) - Pois agora, menina, é vida nova; em tal escusa de pensar; quer queira quer não queira, há-de casar. (*Aqui puxa Harpagão do bolso um pente desdentado, e põe-se diante do espelho a riçar com ele a peruca*). Um pai, que sob a cabeleira esconde cãs, miolo, e tanta experiência, e que tão bem lhe quer, tem jus a obediência; não há mais refilar-lhe.

HARPAGÃO (*à parte*) - Assim; assim.

DUARTE - E então sem dote!

HARPAGÃO (*à parte*) - Justo.

DUARTE - E pensa o que é sem dote?

LUÍSA - Não? Mas hei-de pensar nisso.

HARPAGÃO (*à parte*) - Aposto que hoje a bela vendo-me há-de sorrir, se estiver à janela. Lindas flores que eu vi abertas na roseira!

DUARTE (*a Luísa*) - Pois aí está.

HARPAGÃO - Vou pôr uma aqui na botoeira. (*Sai pela porta do fundo*).

## CENA XII

DUARTE - Que me dizes, que me dizes, Luísa, à nossa ventura?

LUÍSA - Inda a não julgo segura.

DUARTE - E eu já nos dou por felizes.

LUÍSA - Pobre pai! Quanto eu não dera para podê-lo inda amar! O amar a um pai deve dar tanto gosto! (e eu sou pantera!)

DUARTE - Quando nós formos esposos, mãe e pai de netos seus, vingar-nos-emos ditosos amando-o.

LUÍSA - Permita Deus! é tudo quanto lhe peço.

DUARTE - E hás-de obtê-lo.

LUÍSA - Ou talvez não.

DUARTE - Receios em tanto excesso não ficam mal?

LUÍSA - Ficarão; mas tu chamá-los receios, e eu remorsos.

DUARTE - Quando vês que tudo aos nossos anseios corresponde, e é já talvez para nos coroar, que o maio se está desatando em flores, (*apontando para o jardim, onde o rouxinol está cantando*) e o rouxinol trina amores, epitalâmio de ensaio...

LUÍSA - Ah! Como o meu pobre irmão? Também poeta? (*Ouve-se ladrar no quintal*) Escutar; que é aquilo?

DUARTE (*rindo*) - Um novo cão, que anda aprendendo a ladrar.

## ATO SEGUNDO CENA I

JÚLIO - Por onde andaste até 'gora? e eu à tua espera aqui de empada há mais de uma hora!

TOMÁS - Isso logo eu discorri; mas a culpa não foi minha; foi do senhor Harpagão.

JÚLIO - De meu pai! ele que tinha co esperares-me ou não?

TOMÁS - Mandou-mo esperar na rua; bem sabe o que ele é.

JÚLIO (*à parte*) - Sei, sei. (*alto*) O de que eu te encarreguei faz-se? progride, ou recua? Dei-te pressa; pois a pressa agora é muito maior; tenho um rival; e o pior é que é meu pai.

TOMÁS - Ora essa! Ele! O pai! Apaixonado! Seu rival o pai!

JÚLIO - Sim, sim. Quando ele mo disse a mim, também eu fiquei pasmado; quase que tive um desmaio! Custou-me a dissimular!

TOMÁS - Ele amar! Amar! Amar! Cantou-lhe o cuco este maio!

JÚLIO - Isto só a mim.

TOMÁS - Diz bem; mas ouvindo-lhe esse amor, por que motivo o senhor lhe não disse o seu também?

JÚLIO - Pedaco d'asno! Querias que eu descobrisse o meu jogo?! Assim, com mais desafogo posso ir procurando vias por onde sem arruídos eu vença, e o livre afinal da idéia descomunal de entrar no rol dos maridos. Mas que resposta me trazes?

TOMÁS - Pedir emprestado é triste. Por coisas passam rapazes com os usurários!...

JÚLIO - Desiste da pregação importuna, que não me achas de maré. Empreram, ou não?

TOMÁS - O que é, é que o tal Simão Fortuna, o do escritório da agência que nos foi recomendado, sujeito de consciência, fala mansa...

JÚLIO - Está louvado; que fez?

TOMÁS - Disse-me que tinha engraçado co meu amo; que lhe achava uma carinha...

JÚLIO - Sim senhor, também o eu amo; adiante; desempacha; arranja os dez mil cruzados?

TOMÁS - Arranja, estão arranjados; mas com cláusulas; se as acha justas e a seu gosto, aceita, e é logo o ourinho na mão; aliás...

JÚLIO - Aliás?

TOMÁS - Se as rejeita, fica na mesma.

JÚLIO - Um pingão!

TOMÁS - Justo.

JÚLIO - E levou-te a falar ao que há-de dar o dinheiro?

TOMÁS - Devagar; mais devagar; há suas nicas primeiro; porque assim como o senhor deseja oculto o seu vulto, também o empréstador quer ter o seu vulto oculto; percebe?

JÚLIO - Eu não.

TOMÁS - São mistérios; coisas lá da sinagoga; cabra-cega que se joga entre dois sujeitos sérios. Nem diz seu nome, nem quer que lhe fale em sua casa; hoje a um colóquio o empraça, mas é noutra de aluguer; entende?

JÚLIO - Menos ainda.

TOMÁS - Toda a cautela acha pouca; quer-lhe ouvir da própria boca um *kyrie* que nunca finda: que tem, o que espera ter, quem é, os seus pais quem são, e se há testamento ou não, e como é o seu viver... Confissão geral em suma; e depois talvez que não; quem diz filho de Harpagão deu mil seguranças numa.

JÚLIO - E minha mãe faleceu; e eu tenho um quinhão na herança; tem, tem toda a segurança de que não arrisca o seu.

TOMÁS - Isso tem; mas se consente, vou ler o que o mutuador ao amigo nosso agente neste papel mandou pôr. São certas cláusulas prévias, que podem quadrar-lhe ou não; se lhe quadram, bem; subscreve-as; se não lhe quadram...

JÚLIO - Que são?

TOMÁS (*lendo*) - Primeiro: exige o mutuante quantas cauções possa haver, para seu sossego.

JÚLIO - Avante; dou-lhas, e cumpro um dever.

TOMÁS (*lendo*) - Segundo: o mutuário quer-se que seja maior.

JÚLIO - Já sou.

TOMÁS (*lendo*) - Que não jogue, que não verse.

JÚLIO (*à parte*) - Algum poeta o logrou. (*alto*) Eu verso, mas não publico; posso-o negar; fiz a vaza.

TOMÁS (*lendo*) - Terceiro: que seja casa choruda e sólida.

JÚLIO - Fico por que a nossa o satisfaça.

TOMÁS (*lendo*) - Quarta: quer-se obrigação muito clara, e que se faça por mão do tabelião mais honrado, o qual será da escolha do mutuante.

JÚLIO - Também não me oponho; vá.

TOMÁS (*lendo*) - Quinto: (*falando*) O quinto é que é chibante (*continuando a ler*) Declara o empréstador, por ser bom cristão e humano, que empresta a soma que for, a cinco por cento ao ano.

JÚLIO (*contentíssimo*) - Bravo! que homem!

TOMÁS (*continuando a ler*) - Todavia, como não tenha ao presente a necessária quantia para este empréstimo urgente, e por isso há-de ir tomá-la doutra mão, em que lhe pôs, a qual mão só pode dá-la a cinco por cento ao mês, o primeiro mutuário (*falando*) isto é: vossa senhoria, (*continuando a ler*) obriga-se...

JÚLIO - Que usurário!

TOMÁS (*lendo*) - por uma e outra quantia; (*falando*) pelos dois juros; percebe?

JÚLIO - Percebo; que ladroeira!

TOMÁS (*falando*) - Bebe azeite.

JÚLIO - Aqui não bebe; não caio em tal ratoeira.

TOMÁS - Pense, e faça o que entender. Eu também acho...

JÚLIO - Acha o quê, grande burro? Então você não acaba de entender que neste apuro infernal me é forçoso estar por tudo?

TOMÁS - Isso disse eu mui sisudo ao nosso amigo, tal qual.

JÚLIO (*apontando para o papel*) - Que mais propõe essa malta? Essa quadrilha? Que amigo! Conclui.

TOMÁS - Concluo; só falta um tudo-nada de artigo: (*lendo*) Sexto enfim: o mutuante, por míngua de numerário, só dará ao mutuário metade em metal sonante; mas dá-lhe a outra metade em trastes, móveis, e jóias de grande valor.

JÚLIO - Tramóias! Se eu fosse adelo...

TOMÁS (*falando*) - É verdade; eu logo o disse também; mas ouça o rol do bazar.

JÚLIO - Que grande judeu!

TOMÁS - É bem, bem da tribo de ensacar. (*procurando no papel o artigo*) Etc., coisas e loisas, que lhe dá o mais barato que lhe é possível as coisas, e inda perde no contrato... Aqui está; ouça: (*lendo*) Um armário de belo charão da China: custou em novo a um templário quinhentos mil réis.

JÚLIO (*irônico*) - Que mina!

TOMÁS - Só lho carrega em trezentos. (*lendo*) Uma espada, que se diz fora do Mestre d'Avis; dezoito mil e duzentos. Três bonecas de alabastro, que se afirma com certeza que estavam sobre uma mesa na sala de Inês de Castro; cada uma, três quartinhos. Um viveiro de canários; moeda. Dois relicários com seus labores d'anjinhos; nove mil réis. Uma banca de pau-santo bem lavrado; cem mil.

JÚLIO - Tens reparado se aí vem alguma tranca?

TOMÁS (*falando*) - Mas arranja-se.

JÚLIO - E que mais?

TOMÁS (*lendo*) - Um manicórdio bonito do gosto mais esquisito. Uma tina e seis missais; trezentos mil réis por tudo; e inda abate oito tostões. Um leito com as armações bordadas, e de veludo.

JÚLIO - Olha que eu já te não vejo!

TOMÁS - Paciência; mais um pouco. (*lendo*) Item: mais um realejo quase inteiro. Item: um coco esculpido, e co seu cabo. Um painel de autor antigo, mas sem nome.

JÚLIO - Oh! Que diabo! E dizes tu...

TOMÁS (*falando*) - O que eu digo é que atenda, (*lendo*) Esta pintura foi noutro tempo magana; mostrava a casta Susana a entrar no banho; hoje é pura; deu-lhe um pouquinho a traça, e então deixou-a decente; de modo que inda tem graça sem fazer corar a gente, (*falando*) Um ovo por um real. (*lendo*) Cem mil réis; e abate um pinto.

JÚLIO - Basta; em mais já não consinto.

TOMÁS (*falando*) - Pouco falta, (*lendo*) Um animal das Índias, ou dos Brasis, que assusta mesmo empalhado. Um lambique em bom estado, com os competentes funis. Com os preços já o não canso; aqui os traz cada objeto. (*lendo*) Um gamão quase completo; um sino; um macaco manso. O retrato de um penetra; um cofrezinho vazio; Um bom tonel, sem bafio; um xairel, um xale, etc. Destes valores somados inda abate o mutuante dois por cento...

JÚLIO - Oh! Sacripanta!

TOMÁS (*lendo*) - pela alma dos seus finados.

JÚLIO - Tudo isso que valeria quando eu pudesse vendê-lo? A pele desse camelo é que eu mercava. Queria regalar-me a espezinhá-la. Que infâmia! Como se abusa de quem precisa, e se rala sem poder!...

TOMÁS - Lá entra a musa com a solfa usada dos pobres.

JÚLIO - Cai nas garras de um urso.

TOMÁS (*encolhendo os ombros*) - E então?

JÚLIO - Vê lá se descobres, se inventas algum recurso.

TOMÁS - É que não há.

JÚLIO - Nada?

TOMÁS - Nada.

JÚLIO - Força-me, pois o onzeneiro a aceitar pouco em dinheiro, e infinito em tralhoadas. (*depois de pensar um pouco*) Que remédio?

TOMÁS - Aceita?

JÚLIO - Aceito. Que fera! Dou-me a partido; que hei-de fazer? Mais perdido fico ainda, se rejeito. E um náufrago não se aferra a um junco podre? (*à parte*) Ah! Mariana!

TOMÁS - Essa estrada, se a não erra, leva-o direito a pantana; desculpe-me o atrevimento.

JÚLIO (*à parte*) - A culpa é do negro amor.

TOMÁS - Sempre assim foi; o avarento produz o dissipador.

JÚLIO - E dizem; maus filhos!

TOMÁS - Acho que às vezes bem sem razão.

JÚLIO - Pois não é?

TOMÁS - Como diacho se há-de ter muita afeição a quem nenhuma nos mostra, devendo-a ter infinita?

JÚLIO - Quem a natureza arrostra não acuse a quem o imita. Ser um pai que lance a gente neste lago dos leões!

TOMÁS - Não é por eu estar presente, nem por ser de presunções, mas tenho um bom natural. Mesmo assim, sendo eu pessoa que nunca furtei real, tomava por obra boa (Deus me perdoe se isto o ofende) roubar ao senhor seu pai, e dar a meu amo; entende?

JÚLIO - Dá cá o papel.

TOMÁS - Aí vai.

JÚLIO - Quero-o ler eu próprio.

TOMÁS - Espero?

JÚLIO - Espera.

TOMÁS - Assina?

JÚLIO - Verei.

TOMÁS - Quer ainda pensar?

JÚLIO - Quero. Inda não sei bem; não sei. *(Vai sentar-se à mesa, que está por trás do biombo no fundo do teatro. Tomás fica em pé ao seu lado).*

## CENA II

*(Os mesmos, Harpagão e Simão Fortuna, que vêm ambos da primeira porta da direita).*

SIMÃO - Sim senhor, como digo é um rapazote guapo, bem falante, cortês...

HARPAGÃO - Isso não me enche o papo; avante; que pretende?

SIMÃO - Está num grande apuro; quer por força dinheiro.

HARPAGÃO - E acha que irei seguro? Veja lá, veja lá, senhor Simão Fortuna; há tanto menino por aí que vive à tuna!... À sua conta o deito; e lembre-lhe que a gente só tem dois dias cá, e inferno eternamente.

SIMÃO - Bem se sabe.

HARPAGÃO - Ora, pois, torno-lhe a perguntar: acha a coisa sem risco?

SIMÃO - Eu ia até jurar.

HARPAGÃO - E apostava?

SIMÃO - Isso não, não gosto de apostar.

HARPAGÃO - Ele que posses têm? Como se chama? Disse o apelido da casa? O meu amigo ri-se? De que se ri? De quê?

SIMÃO - Pudera não me rir! Já dez vezes ou mais, lhe estive a repetir que o não conheço a fundo; entrou-me lá na agência muito recomendado; aceitei-lhe a incumbência de achar-lhe empréstador; agora o mais pertence ao meu ilustre amigo; ouça-o, inquiria-o, pense, e faça o que entender. Lá que o julgo capaz, isso julgo; abonou-mo o nosso André da Paz; mas lavo as minhas mãos; caso a coisa se grude; tenho os tantos por cento, aliás, haja saúde. O que me dão por certo é ser casão de arromba; e a mãe já falecida.

HARPAGÃO - E ele herda?

SIMÃO - Nada! Zomba! Seus cem contos ou mais.

HARPAGÃO - Bom; bom; já não é feio.

SIMÃO - O próprio André da Paz deu-me a entender (e eu creio) que o senhor Harpagão, querendo, poderia pôr entre as condições, que o pai lhe morreria dentro de um mês ou dois; há tempos, num contrato já se lembrou de o pôr.

HARPAGÃO - E o cão lambeu-me o prato por tal sinal; enfim, senhor Simão, a gente deve como cristã valer num caso urgente; foi sempre a minha regra.

SIMÃO - É tal qual; eu por mim, cá no meu fraco giro, a todos falo assim.

TOMAS (*em voz baixa para Júlio*) - Olhe o Simão Fortuna ali co pai!

JÚLIO (*baixo para Tomás*) - Dar-se-á que me denunciasses, e que tu mesmo...

TOMÁS - Eu cá! eu cá trair meu amo!

SIMÃO (*reparando em Tomás*) - És tu?! Donde soubeste que a tal casa era aqui? (*para Harpagão*) Eu não lho disse. Peste me rape antes de um credo...

HARPAGÃO (*baixo para Simão, e sacudindo-o colérico pela gola do vestido*) - Ah! meu Simão Fortuna, que te leva o diabo!

SIMÃO - Espere, alma gatuna; não me empolgue; jurei, juro-lhe, e até aposto que não o descobri. (*em tom desconfiado*) Eu disto assim não gosto; falemos com juízo, (*à parte*) Abana com uma gana!... Nem que eu fora figueira.

HARPAGÃO (*à parte*) - Até este me engana!

SIMÃO - No nome do senhor, nem boquejei, repito; nem falei de tal casa.

HARPAGÃO (*à parte*) - Arranjo tão bonito foi-se pela água abaixo!

SIMÃO - Escusa agoniar-se, e estar-me consumindo; acaba-lhe o disfarce uma hora mais cedo; isso que tem? Contudo, falasse quem falasse, eu cá por mim fui mudo. O senhor que receia? o meu recomendado é pessoa capaz; verá; pode a seu grado explicar-se com ele; e nada de refolhos! É pão pão, queijo queijo. (*Júlio, ao levantar-se arrebatadamente para aparecer, deixa cair o biombo*).

HARPAGÃO - Enganam-me estes olhos, ou sonho?! Pois é Júlio?!...

SIMÃO - Aqui o tem presente, meu senhor Harpagão, o nosso pretendente.

HARPAGÃO - E és tu, filho malvado?

JÚLIO - E é meu pai?!...

HARPAGÃO (*continuando a fala*) - quem se liga com estes tratos?

JÚLIO (*continuando a sua*) - Quem a tratos tais me obriga? (*Fogem, Simão pela primeira porta da direita, Tomás pela segunda do mesmo lado*).

### CENA III

HARPAGÃO - Queres deitar-me a perder, vergonha da minha cara?

JÚLIO - Com a sua avareza rara quer-me obrigar a morrer?

HARPAGÃO - E ousas inda apresentar-te a um pai? (De horror me confundo).

JÚLIO - E ousará meu pai dessa arte jamais apresentar-se ao mundo?

HARPAGÃO - Não te coram essas faces de tanta relaxação? Como é crível que chegasses a pôr na idéia, ladrão, desbaratar de repente o fruto de mil suores dos teus honrados maiores!

JÚLIO - E meu pai? Meu pai não sente vergonha de deslustrar seu sangue, e o nosso apelido, com esse trato escondido? Com essa usura sem par? Com essa falta de entranhas? Com essa mesquinharia? Com má fé, burlas e manhas, de que até Judas riria?

HARPAGÃO - Sai-te já de ante os meus olhos, patifão! Quem tem um filho...

JÚLIO - Já sei de cor o estribilho: tem um c'roa de abrolhos. E quem tem pai que o imola, tê-la-á talvez de flores?

HARPAGÃO - Que falar de mariola!

JÚLIO (*ironicamente*) - A um pai, que é todo ele amores! (*enérgico*) Quem merece mais censura? Quem necessita dinheiro, e a todo o custo o procura, ou quem por gosto onzeneiro rouba o que não necessita, o que de nada lhe serve?

HARPAGÃO - Que raiva que me referve! Sai-te já já, monstro! Evita que este vulcão arrebente. (*Sai Júlio pela segunda porta da esquerda*).

### CENA IV

HARPAGÃO (*depois de ter estado por algum tempo cogitando*) - Para a outra vez vai a pau. (*pausa*) Deixá-lo. O caso presente assim mesmo não foi mau; deixou-me mais sobreaviso para andar co olho alerta sobre aquela besta esperta, que o caso é de cão e guizo.

## CENA V

(O mesmo e *Guiomar*, que vem da primeira porta da direita).

GUIOMAR (*toda mesureira*) - Senhor Harpagão de Sousa, meu senhor...

HARPAGÃO - Viva, Guiomar. Já venho, (*à parte*) Torno ao pomar, ver não ande por lá coisa. (*Sai Harpagão pelo fundo*).

## CENA VI

(*Guiomar e Tomás*, que vem da segunda porta da direita).

TOMÁS (*sem ver a Guiomar*) - Inda me estou a rir, sem perceber nem nada. Mas onde terá ele a imensa trapalhada de que rezava o rol? Um armário da China não se traz na algibeira; a casa não tem mina (que eu saiba); e que a tivesse, o tal macaco manso pelo menos guinchava. Em suma, não alcanço.

GUIOMAR - É você, Tomasinho? Aqui!

TOMÁS - Que admiração, tia Guiomar! Que a trouxe a esta habitação?

GUIOMAR - O meu modo de vida; esta ralada vida de andar sempre a girar, numa contínua lida, a servir, a arranjar coisas de toda a casta a quanto freguês há. Bem sabes que não basta para poder viver fiar na Providência; é preciso ajudá-la, e fazer diligência. Já não chove maná, que baste a boca aberta para encher a barriga. Uma pessoa esperta mantém-se da esperteza; arranja namorados, alborca, empresta, vende; aí tens os meus morgados; traz-se a carinha à mostra, e a consciência em paz.

TOMÁS - Quer falar ao patrão, já vejo.

GUIOMAR - Isso é, Tomás. E estou à sua espera; há certo arranjozito que ele há-de pagar bem.

TOMÁS - Quem? Ele?

GUIOMAR - Ele, repito, ele próprio.

TOMÁS - Pagar?

GUIOMAR - Pagar.

TOMÁS - Tia Guiomar, se quiser pescaria há de ser noutro mar; daqui, nem alforreca.

GUIOMAR - Ora verás.

TOMÁS - Grande isca tenta pôr-lhe no anzol!

GUIOMAR- E ponho.

TOMÁS - Não a arrisca; perde-a; protesto.

GUIOMAR - E eu sei que o tubarão, e juro, cai.

TOMÁS - Não cai.

GUIOMAR - Se não há engodo mais seguro! Verás.

TOMÁS - Verá.

GUIOMAR - Pois sim; eu sou Guiomar dos Anjos, a mestra examinada em seduzir marmanjos; inda não dei com um, que é um, que me fugisse. Bem sabes tu do amor! o amor é uma doidice; e um doido está por tudo.

TOMÁS - O nosso é diferente; falando-se-lhe em dar tem fúrias! Come gente! Primeiro tirarão de um tronco seco azeite, vinho de um pedernal, de uma pescada leite, banhas de um esqueleto, afagos de um leão, que um único ceitil do senhor Harpagão. Tem um horror ao dar, que nem nos dá bons dias. Ouvindo-o, não parece; as falas são macias, (quando o são); muita prosa; e quando se descuida até promessas ameaça. Um que não sabe, cuida que tudo sai de dentro; e sai; mas da algibeira é que não sai real, por mais que se requeira. Se se chegasse a ver na triste colisão de apanhar pontapés ou dar meio tostão, não se punha a hesitar; e (creia no que digo) levava os pontapés até... até no umbigo. Quando aí lhe morreu de fome uma jumenta, chorou, e até pôs luto.

GUIOMAR - Era talvez parenta.

TOMÁS - E só se consolou, por ver que o sapateiro comprava a pele.

GUIOMAR - E a carne?

TOMÁS - A carne, um chanfaneiro. Quando este ano passado o vento com granizo matou a uva em flor, turvou-se-lhe o juízo.

GUIOMAR - Se o tinha.

TOMÁS - Nisso tinha. E esteve decidido a pendurar-se ali no parreiral despido.

GUIOMAR - Bom cacho!

TOMÁS - O que valeu (não houve outro embaraço) foi achar muito caro o preço do barço.

GUIOMAR - Pois verás mesmo assim se eu lhe não prego o calo. Mas chitom, lá vem ele; abala.

TOMÁS - Abalo, abalo. *(Sai Tomás pela segunda porta da direita).*

## CENA VII

*(Guiomar e Harpagão, que volta do jardim pela porta do fundo)*

HARPAGÃO *(à parte)* - Por ora tudo está bem. *(alto)* Ora salve-a Deus, Guiomar; enfim; chegou; inda bem!

GUIOMAR - Viva.

HARPAGÃO - Mande-se assentar.

GUIOMAR - Não faz minguá; agradecida. Este senhor Harpagão! nunca vi na minha vida! Benza-o Deus! Que rapagão! Tomara-lhe eu a receita, que não chegava a carcaça! Que saúde tão perfeita! Que rostinho!

HARPAGÃO - Ora! Tem graça! Não faça escárnio.

GUIOMAR - Quem? Eu? Pela minha salvação, que nunca me pareceu tão moço, tão guapo e são.

HARPAGÃO - Deveras?

GUIOMAR - Com dez mil veras.

HARPAGÃO - Qual! Isso é brincar.

GUIOMAR - Não brinco. Há moços de vinte e cinco muito mais velhos.

HARPAGÃO - Quimeras. Eu cá sinto no cachaço a carga dos meus sessenta.

GUIOMAR - Sessenta, e mesmo setenta, para um senhor como um maço, que são? cá em nós, coitadas, é que isso faz diferença. Quem quiser ter boas fadas há-de nascer homem.

HARPAGÃO – Pensa que sessenta invernos...

GUIOMAR - Petas! Sessenta, segundo eu acho, são para um ditoso macho o seu florir das violetas.

HARPAGÃO - Assim será; todavia, com menos vinte este macho por mais feliz se daria; digo eu cá.

GUIOMAR - Também não acho; olhe; o senhor Harpagão (e não lhe estou com enganos) é de uma tal compleição, que há-de deitar aos cem anos.

HARPAGÃO - Tu!... Tu!... Tu!...

GUIOMAR - Ou cento e dez; há muitos exemplos.

HARPAGÃO - Sim?

GUIOMAR - Pois não! Eu entendo assim. Para andar por balancés, não digo: isso era demais; mas enfim, para andar bem, rir, comer, beber; se tem todos os sinais! Dê-me licença; desejo observá-lo mais de perto; não bula; aqui já lhe eu vejo entre os olhos sinal certo.

HARPAGÃO - Que é? Pois a tia Guiomar também lê a buena-dicha?

GUIOMAR - Sou curiosa. A mão. (*pega-lhe a mão, e examina-lhe a palma*) Que bicha esta linha a andar... A andar... Vai lá não sei até onde!

HARPAGÃO - Mostre, mostre, onde é?

GUIOMAR - Aqui; depois toma por ali e acolá é que se esconde. Cento e dez dizia-lhe eu! agora é que eu prego um trinco! (*dá um estalo com os dedos*) Figas, morte! Senhor meu, mais de cento e vinte e cinco. E para maior certeza, em casa o verei nas cartas. Que idadezinhas tão fartas! Benza-o Deus! Que fortaleza!

HARPAGÃO - Pois deveras sou tão forte?

GUIOMAR - O que eu de tudo isto infiro é que se ria da morte; só se o matarem a tiro. Indícios dos mais seletos, que não costumam falhar.

HARPAGÃO - Ora essa!

GUIOMAR - Há-de enterrar bisnetos e tetranetos.

HARPAGÃO - Inda bem; dava-lhe agora...

GUIOMAR - O quê?

HARPAGÃO - Agradecimentos, com um abraço, e um beijo.

GUIOMAR - Fora! Como é pródigo!

HARPAGÃO - Os momentos são preciosos. Então que há sobre os nossos arranjos? Vão bem?

GUIOMAR - Com Guiomar dos Anjos haviam de ir mal? Pois não! Nisto de casamenteira peço meças a qualquer. Mal é que eu deveras queira.

HARPAGÃO - Mas vamos nós, a mulher querer-me-á?

GUIOMAR - Devagarinho; ouça-me; e julgue.

HARPAGÃO (*dando-lhe, a rir, com dois dedos na face*) - Cigana!

GUIOMAR - O nosso bendito anjinho...

HARPAGÃO - Qual?

GUIOMAR - Qual!? A Dona Mariana! Tomou-me uma simpatia, que nem lhe eu posso dizer. Em me não vendo um só dia, já perde o rir, e o comer. Eu aproveito-me disso, e vou quantas vezes posso. Parece que até remoço ao pé daquele feitiço!

HARPAGÃO - Por força.

GUIOMAR - A nossa conversa, bem imagina o senhor sobre que versa ou não versa.

HARPAGÃO - Sobre mim?

GUIOMAR - E sobre o amor.

HARPAGÃO - Sim?

GUIOMAR - Pois então!

HARPAGÃO - E ela! Ela!

GUIOMAR - É bem curioso; em castigo, por ora é que eu lhe não digo o que tenho ouvido à bela. Atenda, e tenha juízo. Primeiramente entendi que era decente e preciso falar à mãe.

HARPAGÃO - Por aí, por aí é que era a estrada; sabe-a toda.

GUIOMAR - Nada! Brinca! Pois o mais era dar cinca logo na primeira entrada; e às vezes, casinhos vêm, em que reviro a mantilha, falando primeiro à filha, e só tarde ou nunca à mãe.

HARPAGÃO - E a mãe que disse?

GUIOMAR - Alegrou-se que nem gato com bogalho.

HARPAGÃO - E uma notícia tão doce não ma trazer logo! Eu ralho, tia Guiomar.

GUIOMAR - O senhor faz lá idéia da lida em que ando há dias metida por causa do negro amor? Que azáfama! Tudo casa, e tudo cá vem bater. Não tenho tido lazer para vir à sua casa. (*com intenção*) E casamentos bem pagos! Casei uma baronesa com um almocreve de Lagos; uma avó, com uma perna tesa; um juiz, com um peixeira um mono, e uma franginha de treze ou quatorze...

HARPAGÃO - E a minha? Que disse? Que disse?

GUIOMAR - Queira ter paciência, e já lá chego: a mãe assim que lhe eu disse...

HARPAGÃO - Estou num desassossego!

GUIOMAR - que era bom que ela assistisse hoje aqui às escrituras dos outros dois casamentos, pois eram dois anjos bentos que lhe iam fadar venturas, e que o senhor Harpagão era o próprio que me tinha para ela e Marianinha dado esse recado...

HARPAGÃO (*depois de uma pausa*) - E então? Vem?

GUIOMAR (*com cara alegre*) - Vem, vem, cara magana.

HARPAGÃO - Ambas? Que santa Guiomar!

GUIOMAR - Ambas, não. Vem só Mariana; a mãe já lhe custa a andar. Fia de mim a menina que eu sou-lhe muito obrigada; isso é verdade.

HARPAGÃO - Ladina!

GUIOMAR - Trá-la esta sua criada; mereço alvissaras; hein?

HARPAGÃO (*tossindo para fingir que não ouviu*) - O caso é este, Guiomar; hoje aqui há-de se dar um beberete.

GUIOMAR - Acho bem.

HARPAGÃO - Para quem joga de fora e não se vê nos tornilhos; meto-me enfim nesta nora para pôr com dono os filhos. Quero ao meu genro futuro, que é todo parlapatão, fazer esta distinção.

GUIOMAR - Ele é já homem maduro; não é?

HARPAGÃO - E podre de rico, chama-se Anselmo.

GUIOMAR - Já sei. Um enxalmo, a penca em bico; mora ao chafariz del-rei.

HARPAGÃO - Justo. Foi um achadão! Quintas, navios no mar!...

GUIOMAR - Quer dar-lhe então de cear?

HARPAGÃO - Deus me livre! Cear, não; bem sabe o nosso ditado; e é certo: de largas ceias estão as sepulturas cheias. Basta merenda.

GUIOMAR - Aprovado.

HARPAGÃO - Lembrou-me então, que não vindo daí aumento à despesa, ornar eu a minha mesa com aquele anjinho era lindo.

GUIOMAR - Cantou, que nem a sereia! Pois bem; depois de jantar cá lha trago.

HARPAGÃO - Olhe, Guiomar, que é merenda, e não é ceia; fale-lhe claro.

GUIOMAR - Entendi. Pois a Dona Mariana... A senhora Dona... (aqui dobra-se a língua).

HARPAGÃO (*lambendo-se de gosto*) - Magana!

GUIOMAR - Faz questão de vir primeiro visitar cá a menina, a enteadinha.

HARPAGÃO - E destina passar a tarde?

GUIOMAR (*rindo maliciosamente*) - Matreiro! Destina passar a tarde na feira, que está bonita, e tornar.

HARPAGÃO - Então não tarde; jantem lá qualquer coisita, e venham cedo. De cá para a feira (que é distância) a nossa Mariana irá, irmão com toda a flamância na minha sege, que faço muito gosto em lha emprestar.

GUIOMAR - Pois tem sege!

HARPAGÃO (*com um grande suspiro*) - Sim, Guiomar.

GUIOMAR - Não sabia.

HARPAGÃO - É que no paço, como eu lá tenho um emprego, todos (e archeiros até) riam de eu andar a pé, e chamavam-me o galego; vê? Por isso é que eu caí em mercar a capoeira, e não fiz de todo asneira; a sege está para aí em nome de um moço, e às vezes anda todo o dia fora em serviço de fregueses.

GUIOMAR - Pois muito bem; vou-me embora.

HARPAGÃO - Espere: sondou a mãe (às vezes, nem tudo acode) sobre o que pode ou não pode dar à filha? Entende bem que nestas ocasiões, inda que a gente se torça, tira da fraqueza força, e alarga à bolsa os cordões. Casar com uma rapariga de todo em todo sem nada, não é coisa que se diga, nem é praxe costumada.

GUIOMAR - Ai! Que ratão de encomenda! Daí perca os seus cuidados; tem mais de dez mil cruzados.

HARPAGÃO - De dote?!

GUIOMAR - Pois não! De renda.

HARPAGÃO - Ora essa! E eu às escuras! Explique-me isso, Guiomar.

GUIOMAR - Não tem muito que explicar; contas claras e seguras; senão, calcule: a primeira é que ela *in verbo* comer não é nada invencioneira. Chego-me até a benzer de ver o seu passadio! Uns feijões e uma sardinha; batata e bacalhau frio; e isto sem sumo de vinha; aqui estão os seus jantares; grande coisa é a criação! Outras sem grandes manjares, sem massas com parmesão, pombos, perus, empadinhas, arroz de substância, Porto, doces, frutas...

HARPAGÃO - Que bestinhas!

GUIOMAR (*continuando*) - é logo focinho torto. Prescindir de tudo aquilo, cristais, criados de mesa, muita prata, e cera acesa em honra do gorgomilo, deixa ao canto da gaveta anualmente, pelo baixo, oitocentos mil réis. Acho que inda o cálculo é forreta.

HARPAGÃO - Adiante.

GUIOMAR - De catita não tem nada; muito asseio isso sim, mas sempre chita ou paninho. Aqui no seio qualquer florinha, se a há, de graça; e outra aqui. (*apontando para o cabelo*) Diz ela que o luxo a quem não é bela inda mais feia a fará; por isso aborrece as modas, modistas, rendas, brilhantes, vestidos de grandes rodas, penteados coruscantes, pós d'ouro, sinais, unturas, aromas de toda a casta. Fê-la Deus assim; não gasta lá com essas imposturas. Isto na roda do ano, (*como que calculando mentalmente*) sedas, toucados, anéis, mete em caixa, (não me engano) uns bons dois contos de réis. Jogar, não joga, que o jogo (diz ela) é o que mais arrasa; mulher jogadora em casa é pior que um grande fogo. No andar por baixo do meu mora uma, e nem dois pontos sabe dar, a qual perdeu no outro ano ao jogo seis contos. Foi coisa muito falada; por tal sinal, que o marido endoideceu.

HARPAGÃO - Não duvido; e deu-lhe muita pancada; não deu?

GUIOMAR - Qual deu! Atirou-se ao poço, que é muito fundo. Desgraças vão pelo mundo co tal joguinho! Eu se fosse varão, casar não casava (nem por um milhão que fora!) com uma mulher jogadora; antes com uma gata brava. Tornando ao ponto: já quero pôr a perda por metade; ponho três contos; não há-de dizer-me que lhe exagero. Na economia cobuxo tínhamos nós oitocentos; com os tais dois contos do luxo, dezoito; com os acrescentos poupados da jogatina, é mais de dez mil cruzados; quatorze mil bem contados, e mais quinhentos. Que China!

HARPAGÃO - Com que a tal renda anual era isso?

GUIOMAR - E então?

HARPAGÃO - Então?! Pois alguém dá quitação, não tendo visto real? Metam-me o dedo na boca! Engana preto com gaita! Não jogar, comida pouca, e não andar sirigaita isso vê-se?! Isso chocalha?! Isso encartucha-se?!!!

GUIOMAR - Bom; se só crê no que dá som, também há.

HARPAGÃO - Pois venha à balha; por aí é que devia principiar.

GUIOMAR - Pois senhor, não sei se ao pé de Leiria, Coimbra, ou Penamacor, ouvi a modo que tinha muito de seu: pinheirais, vinhas, gados, olivais, (se lhos deixar a madrinha).

HARPAGÃO - Pois sim, sim, depois veremos. Agora, minha Guiomar, um ponto mais grave temos em que será bom falar. Mariana é uma criança; pois não é?

GUIOMAR - Por certo que é.

HARPAGÃO - Lé com lé e cré com cré; sempre ouvi; esta aliança talvez que lhe não agrade!

GUIOMAR - Agrada, fique seguro.

HARPAGÃO - Um homem da minha idade! E se lá para o futuro... Sei cá!...

GUIOMAR - Lembrou muito bem. E a mim que já me esquecia falar-lhe disso também! E mais na idéia o trazia! Ninguém, ninguém imagina a mania singular que tem aquela menina lá nesse particular. Eu quando era rapariga nunca tive tal aquela. Gente moça para ela? Pois não! Faz-lhe logo figa; só gosta de velhos.

HARPAGÃO - Essa inda eu estava para ouvir! Explique-me isso depressa: pode ser? Está-se a rir!

GUIOMAR - Custa a crer, bem vejo, custa; mas ouvi-lho eu mesmo a ela. Um ancião de cara augusta, neve a barba, o casco à vela, vai mais que uns impertinentes torcidos, alfanadinhos, de queixos barbipontes, e cabelos carapinhos! Nunca os vê sem cuspir fora; chama-os bonecos de feira; tem lá aquela cenreira; vê? São gênios.

HARPAGÃO - Ora! ora! nunca imaginei. Tem graça o diabrete, e siso.

GUIOMAR - Olé!

HARPAGÃO - Bom.

GUIOMAR - Com ela não se faça mais rapazinho do que é; não queira o caldo entornado; mostre-lhe bem ter sessenta, e inda mais.

HARPAGÃO - Estou pasmado!

GUIOMAR - Também eu pasmei; assenta que eu era como ela em nova? Pois não! Mesmo agora (e estou com estes pés para a cova) prefiro os moços. Tomou lá aquela antipatia com os rapazes; que lhe quer?

HARPAGÃO - Alguma algum lhe faria.

GUIOMAR - Pois não! Achou-a; é mulher que infunde a todos respeito; mas quer saber? Uma vez, pedindo-a um certo sujeito, se bem me lembra irlandês... Irlandês? Não era não; cuido que era italiano, francês, ou hanoveriano; fosse o que fosse; alemão; alemão é que era (e isto correu pela minha mão; afirmo-lho, por ter visto com estes que inda aqui estão) ao assinar da escritura, vemo-la a nós cor de goivo!

HARPAGÃO - A Marianinha?

GUIOMAR - A futura, sim senhor, por ver que o noivo só tinha cinqüenta e oito, e lia em pôr cangalhas; apesar de ter biscoito, e as barbas já bem grisalhas, e tomar muito simonte, roeu-lhe a corda; o infeliz ficou, como o outro que diz, como o esparguinho no monte.

HARPAGÃO - É célebre!

GUIOMAR - Isso é.

HARPAGÃO - Juízo até aí.

GUIOMAR - No quarto dela vê lá painéis de Narciso? Ou de Adônis? Uma cela de abadessa escrupulosa não tem maiores recatos; os seus painéis são retratos só de gente muito idosa; o pai Adão já na espinha, Matusalém, Abraão, Noé de gatas na vinha, e outros que tais.

HARPAGÃO - Sem questão é tal e qual como eu sou. Pois quem pode suportar esses cabeças de grou, esses focinhos no ar, vaidosos, pintalegres, que por terem vinte e tantos se julgam logo uns encantos? Que fatos! e que topetes! Provocam-me cada engulho! Antes um velho saloio. Cá isto é trigo sem joio; e eles palhiço, e gorgulho.

GUIOMAR - Diz muito bem. Homem, isso. Que figura! Que vigor! Desempenado, maciço! Passeie, faça favor. (*Harpagão passeia todo empertigado*) Vejam-me aquilo! Direito como um fuso; a cabecinha mais alta; olhe bem a minha. (*Aqui podem fazer ad libitum o que se chama um jogo de cena, executando Guiomar com modos de homem os movimentos e posições que recomenda a Harpagão, imitando-a este, sem esquecer que se trata de namorar à antiga, olho piscado, lencinho ao nariz, etc.*).

HARPAGÃO - Assim? (*continua a passear com a cabeça muito levantada*).

GUIOMAR - Assim. Que perfeito! Inda bem que a minha idade já não é de tentações.

HARPAGÃO - Hei-de agradar-lhe?

GUIOMAR - Olé! Se há-de! Eu, tendo tais perfeições, se fosse ao senhor, havia mandar tirar o retrato, e dava-lho.

HARPAGÃO - É mais barato dar-lhe o original.

GUIOMAR (*à parte, mas com um suspiro, e querendo ser ouvida*) - E eu tia! Cada um para o que nasce. Aquela é que teve dita; não ser eu moça e bonita!

HARPAGÃO - A coisa, portanto faz-se; não acha?

GUIOMAR - Ai! Posso jurá-lo. E a saudezinha?

HARPAGÃO - Boa. Não há mais cá na pessoa que o reumático, algum calo, e o catarro.

GUIOMAR - Bagatelas! Isso que admira em varões? Mostre-me uma entre mil belas que não tenha os seus senões. (*Harpagão tosses*) Catarro! Catarro! Eu digo que nem quero tal ouvir. O senhor tem no tossir uma tal graça consigo...

HARPAGÃO (*continuando a tossir*) - Terei, mas é pesadinha.

GUIOMAR - Lá isso é que ninguém vê.

HARPAGÃO - Mas diga-me cá você, tia Guiomar, a lindinha terá reparado em mim quando lhe eu passeio a rua? Conhece-me bem?

GUIOMAR - Sim, sim, conhece; que teima a sua! Forte idear impedimentos a uma ventura tão certa! Tem sempre a janela aberta, e os olhinhos muito atentos, a ver se o

bispa. É verdade; sabe quando é que ela o viu a vez primeira, e sentiu render-se-lhe a liberdade? Foi uma tarde de abril; chovia, se Deus a dava! Todo o ar era um fuzil, trovões, pedrisco...

HARPAGÃO - E ela estava com um tempo assim na varanda?

GUIOMAR - Sortes já predestinadas; venturas que Deus nos manda no meio das trovoadas! Vinha o senhor Harpagão rua abaixo, mui direito, co seu corpinho bem feito, cana da índia na mão, e apesar da água do céu, e do frio que era imenso, carola ao vento, e o chapéu embrulhadinho no lenço. Tal rasgo de economia fez-lhe tão viva impressão, que ficou desde esse dia mortinha do coração. A cada instante mo jura, e nunca, nunca mo diz que não chore de ternura, que parece um chafariz! E eu sempre mais lenha ao lume, que não se apague.

HARPAGÃO - Obrigado.

GUIOMAR - Ponho nisto mais cuidado do que ela e o senhor presume.

HARPAGÃO - Deixe estar que inda algum dia espero talvez pensar em lhe dar provas, Guiomar, do que eu sou em bizzarria!

GUIOMAR - Quem o duvida? o pior é que antes desse futuro me acho hoje num tal apuro, que nunca o tive maior. (*Harpagão tosse fingindo que é da sua asma*) Trago aí uma demanda que, se a tempo não lhe acudo com dinheiro (que é quem manda) perco-a a ela, e foi-se tudo. O senhor é que podia valer-me nesta aflição. (*Harpagão repica mais a tosse*) Mariana inda hoje o dizia: como o senhor Harpagão não há outro. O regozijo que ela há-de ter quando entrar por aí dentro com a Guiomar! (*Harpagão alegre-se e cessa de tossir*) e o vir tão flamante e rijo, com a sua venera ao peito, co seu rabicho às laçadas, seu chapéu às três pancadas, um antiquário perfeito!

HARPAGÃO - Ouvir isso e chupar favos tudo é um.

GUIOMAR - Não ter de meu hoje nem sequer dois chavos! O escrivão, que é um fariseu, se não lhe unto as mãos já já, há-de tocar os pausinhos; depois açudam-lhe lá! Asno morto, adeus vizinhos! (*Harpagão escuta-a de viseira caída*) Eu não queria, senão que pudesse haver maneira para o senhor Harpagão espreitar a feiticeira, quando está lá só comigo bordando ao seu bastidor! O que ela diz e o que eu digo a respeito do senhor! Parece mesmo doidinha, à espera da benta hora em que há-de vir por aí fora, que nem princesa ou rainha! Vestido de fustão novo! c'roa de flor de laranja! Sem galas vindas da estranja, que é isso o que eu mais lhe louvo!

HARPAGÃO - E eu também.

GUIOMAR (*em tom suplicante*) - Meu freguesinho! Pela boa sorte dela que me valha! (*Harpagão torna-se a anuvear; Guiomar, que o vê, fala consigo*) Ih! Que focinho!

HARPAGÃO (*à parte*) - É sanguessuga esta adela. (*torna a tossir sobreposse*).

GUIOMAR (*alto*) - Salve-me da tentação em que estou (cruzes! diacho!) de me atirar como um cão de alguma trapeira abaixo! Seja meu pai, seja, seja, que bem o pode! O chupista com duas peças à vista tenho fé...

HARPAGÃO - Pois veja, veja se as arranja. Estou com pressa, que são horas do correio; preciso obter uma peça, e tenho a carta inda em meio.

GUIOMAR - Nunca me vi tão aflita!

HARPAGÃO - Vá, e não tardem; a feira diz que este ano está bonita; e contem com a capoeira.

GUIOMAR - Pelo amor de Deus lhe rogo, meu senhor...

HARPAGÃO - Faça de conta que em voltando é logo logo a nossa merenda pronta.

GUIOMAR (*simulando a maior aflição*) - Mal sabe...

HARPAGÃO - Adeus! regalório!

GUIOMAR - Salve-me.

HARPAGÃO - Viva, Guiomar.

GUIOMAR - Não fuja...

HARPAGÃO - Estão-me a chamar. (*grita para dentro*) Eu vou! Cá vou! (*à parte*) Que oratório! (*Sai pela porta do fundo*).

## CENA VIII

GUIOMAR (*só voltada para a porta por onde Harpagão desapareceu*) - O diabo te leve, a asma que te abafe, um raio que te parta, um touro que te estafe, um credor que te apanhe, um fila, mas danado, às pernas se te aferre, esqueleto esbrugado! pantesma! Fona! Vil! Cainho! Sem vergonha! Tolo! E queres amor com essa carantonha!? Some-te, coisa má! Eu te enguiço! Eu te enguiço, bruxo velho, socancra, imundo! Mau sumiço te leve, unhas de fome! Inda querias Sintra e lua de melado? Espera lá, pelintra!

## CENA IX

(*A mesma, Júlio e Tomás, que deitam a cabeça para fora, o primeiro da primeira porta da esquerda, o segundo da segunda da direita*).

TOMÁS - Sempre pescou, tiazinha?

JÚLIO - Senhora Guiomar!

GUIOMAR (*para o lado de Tomás*) - Que é lá? (*voltando-se para o lado de Júlio*) Quem me chama?

JÚLIO (*estendendo para ela o braço, com uma peça de ouro, e entregando-lhe após a peça três cartas umas atrás das outras*) Hoje é que eu tinha mais pressa. Esta carta já; e mais esta; e também esta. Não quero senão Mariana; dou baixa às mais.

GUIOMAR - Não se engana?

JÚLIO - Servir a doidas que presta? Digo à vadiice adeus.

TOMÁS - Mas então pescou, pescou?

GUIOMAR - Pesquei um diabo; estou mais perra que dez judeus.

TOMÁS - Não pescou.

GUIOMAR (*batendo com as cartas na mão com a maior intimativa*) – Arrebetada acabe Guiomar dos Anjos, se o rei dos velhos macanjos ma não pagar bem pagada.

HARPAGÃO (*chamando apressadamente da banda do quintal, mas ainda sem ser visto*) - Ó Guiomar! Guiomar!

JÚLIO - Ai!

TOMÁS - Fujo. (*Desaparecem os dois, ao mesmo tempo que já se avista Harpagão à porta do fundo*).

GUIOMAR - Lá me torna a centopéia. (*Sai arrebatadamente pela primeira porta da direita, fazendo traquinar rijo as campainhas. Quando se acha já da banda de fora exclama*) Renego do porco sujo!

HARPAGÃO (*tornando a abrir a mesma porta*) - Venham breve. E não é ceia.

### ATO TERCEIRO CENA I

(*Harpagão, Júlio, Luísa, Duarte e Claudina, de vassoura de pau ao ombro*).

HARPAGÃO - Vamos lá, muito sentido nas ordens que lhes vou dar: quer-se tudo em seu lugar; e o bródio o mais bem servido. (*para Claudina*) Começo por ti, Claudina; bem; já vens co, a arma pronta; deixo o asseio à tua conta; varre, casqueia, examina não fique algum cortinado das aranhas. A limpeza Deus a amou, diz o ditado (quando não entra em despesa). Toda a mobília esfregada, mas com amor (está visto); fica a teu cargo, além disto, a mesa bem preparada. Louça, talheres, garrafas, tudo a ponto; e já te digo: se houver quebras co, as moafas, depois te hás-de haver comigo: desconto nas soldadas, mais duro que ossos; verás.

SEBASTIÃO (*à parte*) - Lá disso é ele capaz; e até de muitas dobradas.

HARPAGÃO - Andar já, Claudina; à vida. *(Sai Claudina pela segunda porta da direita).*

## CENA II

*(Os precedentes menos Claudina).*

HARPAGÃO - Mealhada, Sebastião, vocês os dois ficarão co encargo da bebida.

MEALHADA - De bebermos?

HARPAGÃO - Faz-se tolo! De dar de beber a gente; porém com modo prudente, que não se turve o miolo. Muitos criados de mesa têm a maldita mania de andar numa roda acesa perseguindo a companhia. Mal um pobre convidado vazou o seu copo, bumba! é logo outro cheio; a tumba que lhe agradeça o cuidado. Cá em casa é que eu não quero desgraças dessas; se alguém pedir de beber, mui bem; dêem-lhe; inda assim não tolero que seja logo à primeira; a primeira muita vez é engano do freguês; esperem pela terceira. E água bastante no vinho, que a água é que não faz mal; o homem e o irracional só os diferença o juizinho.

MEALHADA - Tiramos o balandrau?

HARPAGÃO - Pois então? Isso é decente? Mas basta em chegando gente; por hora assim não está mau; fato bom quer-se poupado.

SEBASTIÃO - Lembro a vossa senhoria que o meu casaco outro dia ficou aqui todo untado com uma ladra de azeite daquele candeeiro roto. *(indicando o candeeiro pendente ao meio da sala).*

HARPAGÃO - Que desperdício! Que maroto! Não sei disso; lá se ajeite.

MEALHADA - Vossa senhoria sabe como eu tenho as calças novas.

HARPAGÃO - É do muito que as escovas.

MEALHADA *(continuando)* - Rotas atrás, que lhe cabe este meu punho fechado.

HARPAGÃO - Não sei; deita-lhe uma rede, ou serve sempre virado de costas contra a parede. *(Faz o mesmo que lhe recomenda para ensinar com o seu exemplo)* Já se não vê. *(Para Sebastião)* E tu lá! a nódoa pode ocultar-se co chapéu; traz-se ao disfarce; assim. *(exemplifica-lhe comicamente o preceito)* Muda-te-me já. *(Sai Mealhada pela segunda porta da direita).*

### CENA III

*(Os mesmos menos Mealhada).*

HARPAGÃO - Tu, Luísa, olhinho atento, do princípio ao fim da festa, fazendo de cor assento do que resta ou que não resta; muitas vezes com os sobejos mantém-se uma casa dias.

LUÍSA - Tenho pejo...

HARPAGÃO - Olha que pejos! De fazer economias!! Há coisa que melhor fique, e mais proveitosa seja a quem casar se deseja?

LUÍSA - Mas...

HARPAGÃO - Já disse, e não replique. E agora vá-se arranjar, que tem logo uma visita; vem aí a Marianita com a senhora Guiomar, para irem todas três à feira.

LUÍSA - Pois sim, meu pai.

HARPAGÃO - Sempre é tua mãe, bem vês; deves comprazer-lhe. Vai.

LUÍSA *(à parte, sorrindo furtivamente para Júlio e Duarte, e já a caminho para sair pela segunda porta da esquerda)* - A mãe da idade da filha! Pois hei-de a amar eu também, (o mano Júlio é quem brilha quando eu falar com a tal mãe). *(Sai pela segunda porta da esquerda)*.

### CENA IV

*(Os mesmos menos Luísa).*

HARPAGÃO - Júlio, olhe cá você: enfim, sou pai, e esqueço o agravo e a ingratidão do seu furioso excesso; mas noutra não me caia; intimo-lhe se porte, com a dama em quem seu pai respeita uma consorte, cortês, obsequioso, amável, cavalheiro; nem sombra de má cara. É pobre de dinheiro, bem vejo; mas no mais, em tudo mais, não acho quem lhe deite água às mãos; e tem juízo macho.

JÚLIO - Eu fazer-lhe má cara! Em toda a minha vida nunca a damas a fiz; por quê? Meu pai duvida?

HARPAGÃO - Não duvido de nada; o que eu digo é que às vezes quando um viúvo casa, há filhos tão más reses, que o tomam em trambolho; e monstros de tal casta, que à sua nova mãe dão nome de madrasta.

JÚLIO - Nunca lho eu chamarei.

HARPAGÃO - E ela (fia-te em mim) nunca te há-de chamar senão seu Benjamim; bem que em geral a anoje a muita mocidade, há-de fazer contigo uma exceção; oh! Se há-de! Para a render de todo, o ouro sobre o azul sei eu como era.

JÚLIO - Como?

HARPAGÃO - O andar menos taful.

JÚLIO - Isso para depois. Agora o seu preceito de a tratar muito bem, completamente o aceito. (*Sai pela segunda porta da esquerda*).

## CENA V

HARPAGÃO (*baixo para Duarte*) - Hás-de ajudar-me, Duarte. (*alto*) Vem tu cá, Sebastião; quis para o fim reservar-te de propósito.

SEBASTIÃO - O patrão a quem é que vai falar? Ao Sebastião cozinheiro, ou ao Sebastião cocheiro?

HARPAGÃO - Aos dois Sebastões.

SEBASTIÃO - A par não pode ser. Um dos dois há-de, apesar do conjunto, ir primeiro, o outro depois; qual o primeiro? Pergunto.

HARPAGÃO - O cozinheiro.

SEBASTIÃO - Paciência, queira esperar um momento. (*despe o sobretudo de cocheiro, e fica em traje de cozinheiro*).

HARPAGÃO - Que história é essa?

SEBASTIÃO - Apresento mestre-cuque na audiência. Fale vossa senhoria.

HARPAGÃO - Pois, mestre Sebastião, saberá que hoje há função cá em casa.

SEBASTIÃO - Não sabia.

HARPAGÃO - Dou um bródio.

SEBASTIÃO - Ceia lauta?

HARPAGÃO - Merenda, apenas merenda.

SEBASTIÃO (*à parte*) - Já me eu admirava!

HARPAGÃO - Atenda; risquemos bem esta pauta; a coisa é séria.

SEBASTIÃO - E mui séria.

HARPAGÃO - Um bom festim; fá-lo-ás?

SEBASTIÃO - Sou muitíssimo capaz; venham pintos sem miséria, verá que mesa lhe eu ponho.

HARPAGÃO - É sempre aquilo: dinheiro! Muito dinheiro! Suponho que julga que eu sou mineiro. Olha que grande milagre fazer galinhas de pintos? Até eu, mestre vinagre!

DUARTE (*baixo para Harpagão*) Atire esse mono aos quintos.

HARPAGÃO (*baixo para Duarte*) - Quando este se me acabar, não quero mais cozinheiro. (*alto para Sebastião*) Bruto! a glória era arranjar muito por pouco dinheiro.

SEBASTIÃO - Barato e bom?

DUARTE - Sim senhor; bom e barato; pois quê?

SEBASTIÃO - Pois faça-o sua mercê, se é capaz; faça favor; tome a seu cargo a cozinha que eu sem saudades lha largo.

DUARTE - Se eu a tomasse a meu cargo.. Outro galo...

SEBASTIÃO - Adeus, vizinha; temos conversado; estou a modo já não sei como! Desde que aí se encaixou este tal senhor mordomo, é ele quem quer ser tudo, e quer de tudo entender.

HARPAGÃO - Cale essa boca.

SEBASTIÃO - Estou mudo; pois tinha bem que dizer!

DUARTE - Então diga-o.

SEBASTIÃO - Digo?

DUARTE - Diga; desembuche.

SEBASTIÃO - Não me acirre; olhe que eu falo.

DUARTE - Prossiga.

SEBASTIÃO - Deixe-me, homem, não embirre.

HARPAGÃO - Que tens tu que lhe dizer?

SEBASTIÃO - Tenho, senhor Harpagão: que na minha obrigação não se torne a intrometer. Vai lá abaixo por costume gritar que se poupe o sal, tirar-me carvão do lume, pôr tudo num badanal. Já estive por duas vezes de acha na mão, vai não vai, que se dali me não sai cheirava-lhe a camoeses. Qué-lo mais claro?

HARPAGÃO - E a razão estava da sua parte.

SEBASTIÃO - Nas coisas da minha arte não torne ele a pôr a mão.

DUARTE (*à parte para Harpagão*) - Tudo, só porque abomino ver desperdícios!

SEBASTIÃO - Já disse: trate lá da mordomice, e não se me faça fino. Mas vamos nós: o brekfeste como quer então que seja?

HARPAGÃO - Coisa barata, e que preste; propõe tu.

SEBASTIÃO - Lembro isto; veja: *(Durante a seguinte fala de Sebastião, os três atores fazem um curioso jogo de cena, porque à proporção que o cozinheiro está de olhos no teto e unha no dente considerando a lista das iguarias, e por isso sem atentar nos outros dois, Duarte vai fazendo gestos cada vez de mais furioso, e Harpagão cada vez de mais divertido. Duarte dá mostras de querer atirar-se a Sebastião, e Harpagão segura-o pelo braço a rir.)* Primeira entrada: rabiolos, couve-flor à provençal, maionesa com miolos, borrachos, frangos, e tal. Segunda entrada: crevetes com molho russo; lampreia, salmão à turca, e croquetes, um pastelão com grangeia; uma matelota inglesa, um gigote à prussiana, um volovam à princesa, um chocolate da Havana. Sobremesa: sobremesas temos nós (vai rol sucinto, para fugir de despesas) doce, passas de Corinto, frutas, e queijo, e champanhe, licores, café, pralinas.

DUARTE *(à parte, para Harpagão)* - Mato-o?

HARPAGÃO *(à parte, para Duarte)* - Não; se o exterminas não sei onde igual se apanhe. Bom doido!

DUARTE - E envenenador.

HARPAGÃO *(como acima)* - Matava-me os convidados.

DUARTE - Depois de morto o senhor, e reduzido a guisados.

HARPAGÃO *(alto para Sebastião)* - Tudo isso é muito bonito; merece os maiores gabos. Mas vai-te com mil diabos com teu menu. Meu Duartito, que propões?

DUARTE - Temos o galo, que aí anda a pastar na rua; podíamos recheá-lo, e impingi-lo por perua.

HARPAGÃO - Que mais?

DUARTE - Pois quer mais? Salada.

HARPAGÃO - Que mais? Vem Dona Mariana, bem vês.

DUARTE - Lembro uma chanfana de orelheira e feijoada; é um prato que empanzina, e dispensa tudo mais; em atenção à menina, vão lá mais esses reais. Sobremesa, tangerinas (que as há no quintal à farta); são próprias para meninas, e não carregam a carta.

HARPAGÃO - Fiquemos nisso; e de flores na mesa a maior fartura; tantos cheiros à mistura e tão variadas cores fazem que a gente se esqueça do comer e do beber.

DUARTE - Senhor Harpagão, com essa deu-me um quinau de tremer. Chanfana, salada e galo bastam, portanto, e é demais; não se arrasam cabedais, e brilha muito o regalo. Quantos hão-de ser à mesa?

HARPAGÃO - Oito ou dez.

DUARTE - Bem; a comida que é para oito, bem servida chega a dez.

HARPAGÃO - Pois com certeza.

SEBASTIÃO (*à parte*) - Cambalhota no rifão.

DUARTE (*para Sebastião*) - Que rosna você?

SEBASTIÃO - Eu nada.

DUARTE - Cuida talvez, mestre empada, que é bom comer muito?

SEBASTIÃO - Eu não.

DUARTE - Nem ele há coisa pior: indigestões, estupores (tome bem isto de cor para seu governo), dores, cólicas, apoplexias, mau saibo, cabeça obtusa, pesadelos, dispepsias...

SEBASTIÃO - O que ali vai! Corre a musa.

DUARTE (*continuando*) - Quebreira de corpo; em suma, quanto há mal tudo origina a maldita gulosina.

HARPAGÃO - Ai! sem dúvida nenhuma.

DUARTE - E já não falo nos gastos.

HARPAGÃO - Que isso é o que não tem cura; fica uma casa de rastos; até o diz a escritura.

DUARTE - Foi dito de um sábio antigo: é comer para viver, não viver para comer.

HARPAGÃO - Grande sábio era esse amigo.

SEBASTIÃO - E talvez fosse algum bruto quando comia sozinho; como os que ralham do vinho depois do copázio enxuto. Lá com sentenças de sábios ninguém me embaça. Que pensa?

HARPAGÃO - Quem foi que soltou dos lábios essa divina sentença? Talvez Salomão.

DUARTE - Não sei; não me lembra, mas seria.

HARPAGÃO - Com que o tal sábio dizia...

DUARTE - Tal qual o que lhe citei.

HARPAGÃO - É viver para comer.

DUARTE - Viver para comer — não.

HARPAGÃO - Enganei-me; tens razão; é comer para viver. Bem; na casa do jantar, para impedir barrigadas, hei-de o mandar entalhar em maiúsculas d'our...adas. (*Harpagão ia dizendo por engano "maiúsculas d'ouro" e emenda a palavra no meio, e ainda a tempo*).

DUARTE - Pelo que toca à merenda, tomo eu tudo a meu cuidado.

HARPAGÃO - Assim; fico descansado.

SEBASTIÃO (*à parte*) - E também eu; é fazenda.

HARPAGÃO (*para Sebastião*) - A sege limpa.

SEBASTIÃO - Aí vou já; isso agora é com o cocheiro. (*Torna a vestir a libré*) Pronto; que me ordena?

HARPAGÃO – Está bem limpa a sege?

SEBASTIÃO - E o palheiro também.

HARPAGÃO - Cale-se. Tem de ir levar esta tarde à feira três damas.

SEBASTIÃO - Na capoeira? Com a parelha?! está-se a rir. Os cavalos, coitadinhos, não digo que estão de cama, porque a não têm; têm só lama; estão ali estão com os anjinhos. Podem lá sair! Só vê-los corta os fios d'alma à gente; são dois montinhos de pêlos que estão para ali. (*Chora*).

HARPAGÃO – Doente a minha parelha?

DUARTE (*à parte para Harpagão*) - Qual! Quimeras! Não creia.

HARPAGÃO - E não.

SEBASTIÃO - Metam-na à sege, e verão. Meta-a antes no hospital. Fazer mal aos animais...

DUARTE - Bem se sabe.

SEBASTIÃO - Cá por mim, tratar o próximo assim repugna-me.

DUARTE - Isto é demais: se não quer ir a boleia não faltará quem o faça.

SEBASTIÃO - Belo. Entrego-lhe a almofaça, e lá se avenha.

DUARTE - Não creia, senhor Harpagão, repito, nestas exagerações. Tem dois soberbos frisões, e de um vigor infinito; podem ir daqui à Rússia.

SEBASTIÃO (*sorrindo*) - Podem, se for num caixão.

DUARTE - Sabe as manhas desta súcia; de palha, de verde, e grão, andam sempre esfomeados; lá se entendem.

SEBASTIÃO - Meu amigo, há criados e criados. Não jogue dessas comigo, se tem amizade às costas. Já o aviso.

DUARTE - Agradecido. Com que então, fazes-me em postas se eu?...

SEBASTIÃO - Duvida? E eu não duvido. Supor que eu furte aos cavalos, eu que já tenho chegado a arrancar para esteiá-los da própria boca o bocado! Não lhe estou com mais aquelas. Eles e eu...

DUARTE - Que somam três.

SEBASTIÃO (*sem fazer caso da interrupção*) - parecemos (quanta vez!) a chorar três Madanelas; tudo com a fome! O rabão ontem, já quase nas vascas, fez um olhar de aflição, só de ouvir folhas e cascas, Não digo mais nada. Agora se querem deles dar cabo, que o dêem; espicham o rabo; acabou-se; e eu vou-me embora.

DUARTE - Ih! que desgraça tamanha! Perde-se o rei dos cocheiros;

SEBASTIÃO - Mas fica o mestre da manha; fica a flor dos lisonjeiros; o mordomo espertalhão.

HARPAGÃO - Basta; basta; nem mais pio.

SEBASTIÃO - Tantos zelos! Desconfio de tanto zelar, patrão; Deus me perdoe! Tudo aquilo, que o não faz pobre nem rico, leva alguma água no bico. Quer-lhe agradar e iludi-lo; o para quê não sei eu; mas que ele o tenta é de fé. Chego-me a danar até de ver a baixa que deu o respeito de meu amo, desde a entrada deste amigo; porque eu (sem lisonja o digo) ao senhor venero e amo; amo e venero ao senhor, (*para si mesmo*) (apesar de andar faminto) quase tanto como sinto às nossas bestas amor. Que lhe quer? são simpatias; birrei para aqui.

DUARTE - Bem sei.

SEBASTIÃO - Não uso lisonjarias: mas lá que birrei, birrei. Tanto, que ouvindo a insolência com que falam desta casa, até perco a paciência.

HARPAGÃO - Pois que dizem?

SEBASTIÃO - Põem-no à rasa.

HARPAGÃO - Faze favor de explicar-te; que têm que dizer de mim? Não ouves isto, Duarte?

DUARTE- Deixe falar.

HARPAGÃO - Mas enfim... que é que dizem? Quero, mando, que te expliques.

SEBASTIÃO - Para quê? Para se agastar?

DUARTE - Não vê que ainda o está inventando? Dê-lhe tempo.

SEBASTIÃO (*à parte*) - Este maldito! Se agarro o pau da boleia sempre leva uma tarefa... (*alto*) Senhor Harpagão, repito que se lhe eu contasse tudo quanto se diz do senhor, danava-se.

HARPAGÃO - O falador timbra-me agora de mudo; por obséquio, desembucha, desejo tudo saber.

SEBASTIÃO - Quer? (*à parte*) Eu vou ver uma bruxa.

HARPAGÃO - Quero, e até me dás prazer.

SEBASTIÃO - Já que o deseja, e me obriga, e promete não zangar-se, aí vai tudo sem disfarce.

HARPAGÃO - Era já tempo.

DUARTE - Vá, diga.

SEBASTIÃO - Pois bem: para toda a gente, mesmo em casas mui capazes, meu amo é continuamente a tourinha dos rapazes. Todos nós, os seus criados, andamos até corridos cos ditos desaforados que vêm aos nossos ouvidos. — É tal pinga — dizem uns que em atenção à cozinha, acrescentou na folhinha as têmporas e os jejuns. Outros, que em chegando o prazo de amêndoas ou pão por Deus, arma tais pegas com os seus, que tudo em casa vai raso; por modo, que a boa usança, tão digna de se observar, o pão por Deus e o foliar, nem passam pela lembrança. Este afirma que uma vez, por um carapau furtado, foi por meu amo citado um pobre gato maltês. Que à missa é todo fervores, com os olhos sempre pregados, não nos bem-aventurados, mas só nos seus resplendores. Que em noites que não faz lua o tem visto à faca sola sozinho de rua em rua chorando a pedir esmola. Aqueles outros, que o senhor de outra vez chegou até a descer, pé ante pé, alta noite... (*Pára não se atrevendo a progredir*).

HARPAGÃO (*incitando-o a ir por diante*) - Onde?

SEBASTIÃO - Que horror! Numa noite endiabrada de trovões... (*reparando na cara de riso de Duarte*) Aquele ri-se? Desceu à cavalharice, descalço, a empalmar cevada da ração posta aos brutinhos, que estavam entusiasmados a regalar os focinhos com quatro grãos avariados. Por sinal, que foi sentido pelo moço da boleia, que levou duma correia, e o zurziu mui bem zurzido; tudo calado e sem luz; sem se ouvir entre os estalos, senão rincar os cavalos, e o senhor nem chus nem bus. Para um bom servo é custoso ouvir uns contos assim; e os nomezinhos enfim que lhe têm posto! Eu nem ousar!...

HARPAGÃO - Dize.

SEBASTIÃO - Chamam-lhe o sovina, o esfomeado, o lazarento, o socancra, o alma-mofina, o unhas-de-fome, o avarento, o sem-barriga, o mesquinho, o mísero, o lambe-pratos, o perro que cita os gatos, o porco, o fona, o cainho.

HARPAGÃO - Sim? Pois a esses senhores levarás da minha parte, em paga desses favores, o que eu agora vou dar-te. (*Soqueia-o*) Biltre, patife, maroto, malcriadão, atrevido, descambado, intrometido, comilão, bêbado, roto.

SEBASTIÃO - Eu bem dizia, o patrão, se lhe eu dissesse a verdade, havia arder.

DUARTE - Pois não há-de arder!

HARPAGÃO - Ele é que arde; eu não. (*Sai Harpagão pela porta do fundo*).

## CENA VI

DUARTE (*rindo*) - Que tal, Sebastião, se o corpo te comia, agora há-de estar bom; mesmo ótimo!

SEBASTIÃO - Não ria, pássaro arribadiço, espertalhão, tratante, enredador; não ria, ou neste mesmo instante vamos ver se uma tunda em paga das tratadas também lhe desafia as mesmas gargalhadas.

DUARTE (*sempre em tom de gracejo e ironia*) - Não vai a arrenegar, mestre Sebastião; sossegue, por quem é.

SEBASTIÃO (*à parte*) - Já tem medo o pimpão! Então posso galrar-lhe, e até (sei lá) sová-lo. (*alto*) Você ri, e eu não rio; o seu grimpar de galo para cá vem barrado; e acabe-me com os brincos, se não quer que lhe troque os brincos em chorincos. (*Sebastião arregaçando as mangas vai crescendo para Duarte, e faz com que este, sem desmentir o tom e cara de brincadeira vá recuando diante dele até ao fundo da sala*).

DUARTE - Devagar; devagar.

SEBASTIÃO - Qual devagar! Não quero.

DUARTE - Tem mão.

SEBASTIÃO - Tenho até mãos.

DUARTE - Espera.

SEBASTIÃO - Não espero. Torne a rir se é capaz.

DUARTE - Senhor Sebastião!

SEBASTIÃO - Não há cá nem senhor, nem Sebastião; e então para o velhaco mor!... Ai quem me dera aqui um bom cacete!

DUARTE (*mudando para tom sério, ameaçador, e decidido, e fazendo recuar deveras Sebastião até ao proscênio*) - O que, maroto? Espera aí que eu te ensino.

SEBASTIÃO - Dispenso.

DUARTE - Olha que se até agora me diverti o ouvir-te e o ver-te de ti fora, já pus ponto na farsa; e racho-te a caveira. Lembra-te de quem és, vasculho de coqueira, rodilhão de cozinha. Eu se te ponho os pés, esmago-te.

SEBASTIÃO - Bem sei.

DUARTE - Um bruto é que tu és.

SEBASTIÃO - Sou, sou!

DUARTE - Um malcriado, um tolo.

SEBASTIÃO - Isso é verdade.

DUARTE - Por isso te não mato.

SEBASTIÃO - É generosidade! E muito agradecido.

DUARTE - O que eu te recomendo, é que não tornes mais comigo...

SEBASTIÃO - Entendo, entendo.

DUARTE - Faltares-me ao respeito! Ameaçar-me! Canalha! Vá lá ser ferrabrás entre os da sua igualha. (*Sai pela segunda porta da direita*).

## CENA VII

(*Sebastião, D. Mariana e Guiomar, as quais vêm da primeira porta da direita*).

GUIOMAR - Saber-nos-á dizer, mestre Sebastião, se está cá o seu amo, o senhor Harpagão?

SEBASTIÃO - Há pouco inda cá estava; e por sinal bem forte. Há de andar no quintal a vigiar o corte da ramaria seca, a fim que o podador não sise alguma lenha.

GUIOMAR - Então faça favor de lhe ir dizer, que tem aqui à sua espera Guiomar, e a tal senhora.

SEBASTIÃO - Ele já vem.

GUIOMAR (*à parte*) - Pudera. (*Sebastião sai pela porta do fundo*).

### CENA VIII

D. MARIANA - Não sei que tenho, Guiomar; sinto-me tão agitada!... Temo...

GUIOMAR - O quê? Não tema nada.

D. MARIANA - Tremo de vê-lo chegar. Imagina uma pessoa que está sentenciada à morte, quando a hora fatal soa, e entra o algóz: por mais forte que busque ostentar-se, o lance não é para sucumbir, Guiomar?

GUIOMAR - Decerto que o trance não é muito para rir; não é; mas que paridade têm um casamento e a morte? Sei que era outro o consorte da sua escolha e vontade; preferia o mocetão de quem sempre anda a falar-me.

D. MARIANA - Tu mesma havias de dar-me, se o visses, toda a razão. Dois meses há, pouco mais, nos visita dia a dia. Ante os olhos maternais nasceu esta simpatia. Nele e em mim foi gradualmente florindo em perfeito amor; amor puro e amor fervente, luz celeste e ameno ardor. Minha mãe ao contemplá-lo nos bendizia em segredo; éramos duas a amá-lo; mas foi sonho, acabou cedo.

GUIOMAR - E soube quem ele fosse?

D. MARIANA - Não sei; sei que tem um ar tão grave, tão bom, tão doce, que obriga por força a amar; e que obtê-lo por marido me fora a maior mercê.

GUIOMAR. - Se ele tivesse com que, pode ser; assim... Duvido. Conheço mil puxadinhos, dos que mais floream; têm por fora brilho e carinhos; por dentro, nem um vintém. Então digo eu que a menina, que não é nenhuma louca, deve antepor esta mina a fazer cruces na boca. Eu bem sei que a mocidade não se dá bem com a velhice; e que há-de ter, ora se há-de! Muita maré de perrice. Mas adeus! Consorte idoso não é marido de dura; morto ele, nasce à ventura; vem-lhe riqueza, repouso, liberdade; pode então, solta do que está na cova, co valor do caldeirão comprar a caldeira nova.

D. MARIANA - É triste coisa a ventura que há-de custar uma vida.

GUIOMAR - Todos morrem; desventura é caduquez mui comprida. Digo até que o seu dever, para ser bom e cortês, era obrigar-se a morrer dentro em dois meses ou três; e isso expresso no contrato. Ri? Tem razão, que era arranjo; mas diga-me cá, meu anjo se o seu rapaz lhe é tão grato, o velho tão repugnante e a mãezinha tão amiga, não percebo quem na obriga a ser deste sacripante; não é o amor, nem sou eu; o que é, pois?

D. MARIANA - O meu dever. Minha mãe quase a morrer, sem mais abrigo que o meu! Tudo quanto em casa havia, vendido já; que me resta em situação tão funesta? Imolar-me. Pois devia ver morrer ao desamparo quem me dera tudo e a vida? Jamais; estou decidida; vou salvá-la; aceito o avaro.

## CENA IX

*(As mesmas e Harpagão (que vem da porta do fundo).*

GUIOMAR *(em voz baixa para D. Mariana)* - Chitom, que lá vem ele.

D. MARIANA *(em voz baixa para Guiomar)* - Oh! Que figura!

HARPAGÃO *(para D. Mariana)* - Às plantas de vossa senhoria, altar de graças tantas. Não há-de reparar nos óculos; é certo que a sua formosura é clara ao longe e ao perto, nem adquire mais graus com óculo de aumento; mas os astros também são sóis do firmamento, e a sábia astronomia os óculos lhe assesta. Digo e sustento, pois, que estrela igual a esta não há no céu; nem mesmo a estrela luzidia, chamada Vênus, chega a vossa senhoria. *(Depois de estar por alguns minutos à espera de resposta, em voz baixa para Guiomar)* Então ela não fala?

GUIOMAR *(em voz baixa)* - Ai! Fala o que é preciso, mas como tem de seu muitíssimo juízo, entende que o falar, não sendo necessário, é despender sustância em ato perdulário. De mais (e penso que este é o principal motivo) bem vê que uma donzela é um ente muito esquivo, e a qualquer expressão que cheire a requestá-la, assusta-se, estremece, e perde logo a fala; depois aquilo passa.

HARPAGÃO *(em voz baixa)* - É verdade. *(em voz alia para D. Mariana)* Aí vem minha filha Luísa abraçar sua mãe.

## CENA X

*(Os precedentes e D. Luísa (que sai da segunda porta da esquerda).*

D. MARIANA *(caminhando com ar prazenteiro para D. Luísa)* - Senhora D. Luísa!

D. LUÍSA *(idem)* - Minha senhora!

D. MARIANA - Este dia...

D. LUÍSA - Os meus votos realiza.

D. MARIANA - Inunda-me de alegria! Eu devia, e desejava ter vindo há muito.

D. LUÍSA - O dever da minha parte é que estava.

HARPAGÃO *(à parte)* - Chegaram-se enfim a ver; e ambas se mostram gozosas; ainda bem! *(para D. Mariana)* Acha a morgada talvez bastante espigada?

D. MARIANA - Acho-a um palmito de rosas; galantíssima.

HARPAGÃO - Favores! é dos olhos com que a vê.

D. MARIANA *(baixo para Guiomar)* - Que tosco é sua mercê!

HARPAGÃO (*para Guiomar, baixo*) - Que te disse os meus amores?

GUIOMAR (*baixo para Harpagão*) - Que o acha admirável.

HARPAGÃO (*baixo para Guiomar*) - Acha? (*alto para D. Mariana*) Muito obrigado, lindinha. (*à parte*) E é magnífica de facha. Quem viu sorte igual à minha? (*alto*) Juro-lho, anjinho inocente; se me caíssem do céu vinte peças no chapéu, não ficava mais contente.

D. MARIANA (*em voz baixa para Guiomar*) - Nem o posso ouvir.

GUIOMAR (*em voz baixa para D. Mariana*) - Sossego.

D. MARIANA (*como acima*) - E dizer que este panal tem entrada e exerce emprego, Deus meu! na casa real!

## CENA XI

(*Os mesmos, Júlio e Duarte (que vêm da segunda porta da direita)*).

HARPAGÃO - Ora aí vem o meu Júlio, o meu filho, também beijar humilde a mão da sua nova mãe.

D. MARIANA (*à parte para Guiomar*) - Guiomar, que raro encontro! O homem que a todo o instante tu me ouvias louvar, é este, é o meu amante.

GUIOMAR (*à parte para D, Mariana*) - Coisas que arma a fortuna!

HARPAGÃO - Acho-as a modo estranhas de lhes eu apresentar crianças já tamanhas! Isto da filharada alembra-me o escalracho; crescem que tem demônio! Embora! Pouco empacho nos hão-de já fazer; saberá que tenciono pôr já este com dona, e Luísa com dono.

JÚLIO - Minha senhora, é este um acontecimento, que inda me custa a crer! Ser tal do pai o intento sabíamos nós já por lho termos ouvido; mas duvidava então, e agora inda duvido. Não compreendo bem...

D. MARIANA - Nem eu por ora; a sorte é quem dispõe da gente.

JÚLIO - Oh! Que feliz consorte que não vai ser meu pai! Confesso que a alegria que lhe enche o coração me encanta, me inebria! Contudo (serei franco) um não sei quê me afasta de lhe dar parabéns por ser minha madrastra; é esse um parentesco... Um título... (não sei...) desagradável, feio, e nunca lho darei. Ser madrastra é ser velha; é ter de mais dez anos; é passar de rainha à lista dos tiranos; é ter na alma rabuge, e ali... (*apontando-lhe para o coração*) coisa nenhuma; é... É... O ser madrastra é ser madrastra em suma. Alguém dirá talvez, que este falar, que exprime o que eu sinto aqui dentro, é duro, é torpe, é crime; mas se o seu coração me absolve, isso me basta; e absolve-me; por ora, inda não é madrastra. Finalmente, senhora, este consórcio fere int'resses meus, bem

sabe; e meu pai que tolere o que lhe vou dizer. Um casamento assim nunca se realizará, a depender de mim.

HARPAGÃO - Que belos parabéns! Que alarve! É à cara dela atirar tudo aquilo assim sem mais aquela! (*para D. Mariana*) Vá, responda-lhe, vá; confunda-me esta fera.

D. MARIANA - Se o senhor Júlio é franco, eu sou também sincera; bem dizem que não há corações enganados. O que sente, e o que eu sinto é o mesmo; os desagradados que acha em lhe eu ser madrasta, encontro-os eu tais quais em chamar-lhe enteado; e talvez que inda mais. Creia que não sou eu (posso jurar-lho) a autora da nossa situação.

JÚLIO - Não?

D. MARIANA - Não.

JÚLIO - Pois quem, senhora?

D. MARIANA - Uma estrela, um destino, um fado, uma potência que a todos nos arrasta, e ri da resistência. Se eu, sabendo a aversão que tinha a este enlace o pudesse evitar, não crê que lho evitasse? Supõe que por meu gosto eu punha os pés num trilho que levava a um abismo? Ódio entre um pai e um filho?

HARPAGÃO (*a D. Mariana*) - Muito bem! Muito bem! (*a Júlio*) Apanha, traste, apanha. (*a D. Mariana*) Não se esteja a agastar. Inda que foi tamanha a audácia cá do meco, há-de perdoar-lhe o excesso; por seu bom coração, por nosso amor, lho peço.

D. MARIANA - Eu perdoar-lhe o quê? Reputa-me ofendida porque me falou claro? estou-lhe agradecida. Em vez de me enganar e vir com fingimentos quis que eu soubesse bem quais são seus sentimentos.

HARPAGÃO - Desculpa-o! Que bondade! Aquela rebeldia, meu tudo, tenha fé que há-de passar-lhe um dia.

JÚLIO - Quem? Eu? Mudar! Jamais. (*para D. Mariana*) No que hoje esta alma sente, juro que hei-de morrer, senhora, impenitente.

HARPAGÃO - Tem diabo no corpo: em vez de entrar em si, acirra-se, e refina.

JÚLIO - Eu sinto o que senti, e hei-de senti-lo sempre.

HARPAGÃO - Ateimas? Não consinto nem mais uma palavra.

JÚLIO - Enfim, como o que eu sinto-me não é dado expor, vou-lhe falar, senhora, de um modo em tudo avesso, e tal, como se eu fora no lugar de meu pai. Tomo esta penitência para me castigar da pouca obediência.

HARPAGÃO - Ora graças a Deus! (*à parte*) Estimo que o tratante lhe expresse o que eu não sei, pois nunca fui amante. Para tal nunca eu tive inclinação nem ócio; ou bem namorações, ou bem fazer negócio.

JÚLIO - Pois, senhora, é verdade: objeto mais perfeito nunca o vi neste mundo! o empenho deste peito seria o merecê-la; e o ser o seu esposo me era mais que empunhar o cetro mais fastoso.

HARPAGÃO (*baixo para Júlio*) - Devagar, meu senhor; mais devagar.

JÚLIO (*baixo para Harpagão*) – Estou a falar por meu pai; acha que exorbitou acaso o meu dizer do que em sua alma sente?

HARPAGÃO - Eu também tenho língua, estou aqui presente, e não o nomeei por meu procurador. Venham cadeiras.

JÚLIO - Bem; calo-me.

HARPAGÃO - Sim senhor. (*gritando para dentro*) Cadeiras.

GUIOMAR - O melhor entendo que seria irmos já para a feira; está tão belo o dia! Quem vai cedo vem cedo; e então conversaremos.

HARPAGÃO (*chamando para a segunda porta da direita*) - Sebastião! Sebastião!

SEBASTIÃO (*entrando*) - Cá estou, patrão; que temos?

HARPAGÃO - Os cavalos à sege.

SEBASTIÃO (*à parte*) - Aluguei outros. (*alto*) Pronto.

HARPAGÃO - Estas damas à feira; e tu, a pé.

SEBASTIÃO - Não monto?!

HARPAGÃO - Não monta não senhor; leve à rédea os cavalos; Lembre-lhe o que me disse; escusa-me estafá-los. (*Sai Sebastião pela segunda porta da direita*).

HARPAGÃO (*para D. Mariana*) - Peço-lhe mil perdões, noivinha idolatrada, de deixá-la ir assim sem ter comido nada; quem anda, como eu, ébrio...

D. MARIANA - Ébrio!?

HARPAGÃO - Sim; de ventura; não pensa em merendar; mantém-se de ternura.

JÚLIO - Pensei eu por meu pai; mandei buscar ao Mata, cum bilhete em seu nome, uns cem pastéis de nata. Outros tantos de fruta, um bom peru trufado, doces finos, Madeira, etc.

HARPAGÃO (*baixo para Júlio*) - Oh! Desalmado!

JÚLIO - Acha pouco? A senhora há-de ser indulgente de certo; um copo de água armado de repente.

D. MARIANA - Nem tanto era preciso.

JÚLIO - Está, minha senhora, reparando, cuido eu, na jóia encantadora que meu pai tem no dedo?

D. MARIANA - É verdade; que brilho!

JÚLIO - Pois visto mais ao pé?! (*Tira de repente o anel do dedo a Harpagão*) Perdão, meu pai.

HARPAGÃO (*muito assustado e à parte*) - Meu filho!

D. MARIANA (*pegando no anel, e observando-o com mais individuação*) - Nunca vi outro assim! Aquilo é que é diamante! Que fogo! Bem lhe quadra o nome de brilhante. É lindo; e de um valor!...

JÚLIO - De pouco mais de um conto; mas a meu pai ficou-lhe aí, por um desconto, nuns trezentos mil réis; não foi, meu pai?

HARPAGÃO (*à parte*) – Trezentos que te levem a ti, judeu. (*alto*) Mais de quinhentos me custou ele.

JÚLIO (*opondo-se a que D. Mariana restitua o anel a Harpagão*) - O quê, senhora? Isso é brinquedo, mas ofende a meu pai; não tire o anel do dedo. São dignos um do outro, e iguais em formosura; não rejeite essa prenda emblema de ternura.

HARPAGÃO (*baixo para Júlio*) - Tu que fazes, maroto?

JÚLIO - Ande, meu pai; bem vê que a senhora inda hesita; implore por mercê se digne de aceitar-lhe aquela bagatela, que, se algum valor tem, é só no dedo dela.

D. MARIANA - Mas...

JÚLIO - Não há, mas; meu pai, co seu acanhamento, não ousa...

HARPAGÃO (*baixo para Júlio*) - Ah! Cão!

JÚLIO - Mas eu, que à própria o represento, e que entendo os sinais que a furto me tem feito, em seu nome lhe rogo aceite a prenda.

D. MARIANA - Aceito, e agradeço.

GUIOMAR - Era tempo. Os mimos de um marido não se recusam nunca, e é ele o agradecido.

HARPAGÃO (*à parte*) - Pois não é! Forte corja!

D. MARIANA - Em outra ocasião restituirei o anel ao senhor Harpagão. Fico depositária.

HARPAGÃO *(para D. Mariana, alegrando-se-lhe o rosto, mas em voz baixa)* - Oh! Coração preclaro!

JÚLIO- Caro pai!

HARPAGÃO *(olhando-o de revés)* - Sim senhor, de um filho muito caro.

## CENA XII

*(Os mesmos e Sebastião, que aparece à segunda porta da direita).*

SEBASTIÃO - Um homem que procura ao senhor Harpagão.

HARPAGÃO - Agora a ninguém falo; escolha outra monção, e volte, se quiser, daqui a meia hora.

SEBASTIÃO - Diz que lhe traz dinheiro, e quer falar-lhe agora. *(Sai)*

HARPAGÃO *(para D. Mariana)* - Com licença; eu já venho. *(Vai correndo para a segunda porta da direita por onde Sebastião saiu; mas ao chegar a ela, Sebastião, que torna correndo, esbarra nele e vira-o de pernas ao ar).*

SEBASTIÃO - Ai Jesus! Que o matei! Matei-o sem querer!

HARPAGÃO *(no chão)* - Socorro! Aqui del-rei! *(Júlio e Duarte lançam-lhe as mãos para o levantar, enquanto as senhoras aproximando-se representam susto e cuidado).*

JÚLIO - Que tem?

DUARTE - O que lhe dói?

HARPAGÃO - Ai!

SEBASTIÃO - Fiz-lhe prejuízo? Quebrou?

HARPAGÃO - Isto hoje aqui é o dia de juízo! Quebrei, sim.

DUARTE - O espinhaço?

HARPAGÃO - O vidro do relógio, que o senti estalar. Todo o martirologio! Venha mais! *(indicando Sebastião)* Este monstro... Aposto... *(ai! ai! que dores!)* que se deixou peitar de alguns meus devedores para me destruir.

JÚLIO *(oferecendo-lhe um copo d'água)* - Ficou muito pisado?

HARPAGÃO - Vejam se o fato ali me não ficou rasgado.

DUARTE *(fingindo examinar)* - Não lhe fez mal; não fez.

HARPAGÃO - Estimo, agradecido.

GUIOMAR - Coitadinho, há-de estar com o lombo bem moído.

HARPAGÃO- Oh se estou! (*para Sebastião*) Tu, ladrão, que estás a remirar-me? Achas que inda foi pouco?

SEBASTIÃO - Eu? Queira perdoar-me; se lhe dei o boléu foi por casualidade; vinha desenfreado, e à bruta; isso é verdade, mas havia razão: desferrou-se um cavalo; e a sege assim, bem vê...

HARPAGÃO - Vá mais! Corre a ferrá-lo; o ferrador é perto, e some-te, tratante.

JÚLIO - Enquanto vai e vêm, há o tempo bastante para se merendar. Eu, se meu pai consente, faço as honras da casa à dama aqui presente; sou o seu delegado. Aqui faz calma horrenda! O arvoredado é mais fresco, (*chama*) Olá! (*À Mealhada, que assoma à segunda porta da direita*) Venha a merenda; para a mesa de pedra à sombra das nogueiras. Eu conduzo a senhora, e levem-nos cadeiras. (*Desaparece Mealhada pela porta da direita. Júlio oferece o braço a D. Mariana, e saem pela porta do fundo seguidos de D. Luísa e Guiomar*).

### CENA XIII

HARPAGÃO - Meu precioso Duarte, já que em ti vejo outro eu, e meu filho é um fariseu, vela-os tu da minha parte. Um não sei quê me anuncia que este amor corre perigo.

DUARTE - Nenhum; sou eu que lho digo.

HARPAGÃO - E eu só te digo: vigia. Vamos também para a mesa; e olho vivo meu Duartinho. Sobrando pastéis ou vinho, guarda tudo.

DUARTE - Ah! Com certeza.

HARPAGÃO - Os restos não babujados deve o Mata e o confeitiro tomá-los como dinheiro.

DUARTE - Perca daí os cuidados. (*Vão a caminhar para o fundo, quando se ouve do quintal cantar o mesmo rouxinol do fim do primeiro ato*).

DUARTE - O rouxinol no pomar! Que música tão suave!

HARPAGÃO - Não sei se é bem esta a ave que hoje me deve cantar.

**ATO QUARTO**  
**CENA I**

JÚLIO - Bom! Nesta sala agora há toda a segurança; ninguém nos ouve; viva a quádrupla aliança! A alma do negócio é a diplomacia.

GUIOMAR - Quem preside?

JÚLIO - Sou eu. Luísa, principia!

D. LUÍSA (*para D. Mariana*) - Pois sim, minha senhora. O amor de meu irmão já mo ele tinha dito.

JÚLIO (*interrompendo em tom de presidente*) - À ordem!

D. LUÍSA - Minto?

JÚLIO - Não, nem és capaz de tal. O que eu digo é que fora melhor chamar-lhe irmã do que minha senhora; e entre irmãs dá-se tu.

LUÍSA (*para D. Mariana*) - Consente?

D. MARIANA - Se consinto?! E em já chamar-te irmã, que júbilo que eu sinto!

D. LUÍSA - Como eu te ia dizendo, o mano já me havia contado o vosso amor.

D. MARIANA (*para Júlio*) - Já?

JÚLIO - Já.

D. LUÍSA - Tive alegria em ver que ele empregava o seu amor tão bem.

D. MARIANA - E eu o meu, não, Luísa?

D. LUÍSA - E tu o teu também.

GUIOMAR - São dignos um do outro: é um raminho feito de um cravo, uma rosinha, e muito amor-perfeito.

D. LUÍSA - O pior, Mariana, é que ao vosso desejo há tantas objeções, tais penas vos prevejo, que chego a esmorecer.

JÚLIO - Tem fé!

D. MARIANA - Nesse cuidado de me veres ditosa, e Júlio afortunado, nesse mesmo temer, em suma, se divisa o que eu mais ambiciono: o afeto de Luísa. Ser chorada por ti, aliviar-me-ia as dores, se o destino afinal calcasse estes amores. (*D. Mariana beija enternecidamente a D. Luísa, que lhe corresponde do mesmo modo*).

GUIOMAR - Foi mau, foi, muito mau, o não me terem posto em pratos limpos tudo a tempo. Este desgosto podia-se evitar. As arcas encouradas, sem causa, muita vez dão destas trapalhadas. Se me tivessem dito — ele que a amava a ela — e ela quanto era dele — eu tinha mais cautela, e não levava ao ponto em que hoje as coisas são, este casório insulso, esta abominação. Enfim quem mal não usa... (*finge que chora*).

JÚLIO - Escusas de chorar: a culpa é do meu fado, e não de ti, Guiomar! (*para D. Mariana*) Mariana, que decide? o tudo é o seu querer.

D. MARIANA - Eu que posso? Eu que sei? Como? Que hei-de eu fazer? Digam-mo, e pronta o cumpro. Em tudo dependente, de meu só tenho a prece, a muda prece ardente.

JÚLIO - A prece, e nada mais? Mais nada em meu favor posso achar em Mariana? Oh fino, oh raro amor! Nem fé, nem paixão, nem força, ao que parece, cabem já nesse peito? Unicamente a prece!

D. MARIANA - Ponha-se em meu lugar! Ensine-me; conduza uma fraca mulher em selva tão confusa! Tem juízo; tem honra; e sei que é nosso amigo; seja o meu conselheiro; o seu conselho sigo.

JÚLIO - Segue-o, se for conforme em tudo ao que essa gente costuma chamar honra, e sendo estritamente conforme coa decência, ou co que assim se alcunha. Muito confia em mim! Bem haja! Não supunha.

D. MARIANA - Enfim, que hei-de eu fazer? Bem vê que há mil respeitos que o mundo nos impôs, e nos tornou preceitos: que donzela jamais impune os quebraria? E depois minha mãe, o meu exemplo e guia, a minha companheira... A minha mãe! Não devo imolar-me por ela? Ah! Júlio! Eu nem me atrevo, quando a vejo num leito, e em véspera talvez de a perder para sempre, ajuntar-lhe à viuvez a falta de uma filha, a fome, o desamparo. Sacrifico-me; perco o ente que me é mais caro, e uno-me ao que detesto. É duplicado inferno, mas não vejo refúgio. Ao seu coração terno incumbo o procurar-mo; até, se for preciso contar-se tudo à mãe, a tanto o autorizo. Pode dar-lhe a saber que o doce e puro afeto que a namorava em nós, era um vulcão secreto; que eu morria por Júlio. E se é conveniente que eu vá também, eu mesma, expor-lhe que impiamente até hoje a enganei calando-lhe a verdade, e encobrando a paixão com o manto da amizade, embora que me custe, embora que me exponha à censura de ingrata, humilhamento à vergonha. Fá-lo-ei, fá-lo-ei, fá-lo-ei: não fujo ao sacrifício. Crê possível que, ao ver-me em tão cruel suplício, ela se não condoa? Um coração materno perdoa sempre e tudo. Ela... Júlio... Eu... Que terno! Nessa hora de perdão, hora inefável, santa, hora em que Deus se alegra, e o anjo mau se espanta, sentiremos em nós alguma inspiração, alguma luz do céu, que dentre a cerração nos descubra um caminho.

JÚLIO - Algum milagre?!

D. MARIANA - Embora: o amor tem feito mil, faça mais este agora!

JÚLIO - Guiomar, minha Guiomar, queres valer-nos?

GUIOMAR – Eu se lhes quero valer? Pois que outro empenho o meu? Sempre fui serviçal.

JÚLIO - Discorre! Idéia! Inventa, e propõe tu!

D. MARIANA - Guiomar!

D. LUÍSA - Minha Guiomar!

D. MARIANA - Assenta no que se há-de fazer: eu só em ti confio, pois tens experiência, e estás a sangue-frio.

JÚLIO - Desata o nó que deste!

D. LUÍSA - E Deus há-de pagar-to!

D. MARIANA - E eu, podendo, também.

JÚLIO - Venha o ditoso parto; e verás, se põe fim ao nosso horrendo apuro, como eu hei-de florir, Guiomar, o teu futuro!

GUIOMAR - Realmente é custoso. (*Depois de estar pensando por algum tempo*) A mãe desta senhora (*indicando D. Mariana*) é pessoa de tino (entendo eu cá); não fora impossível talvez resolvê-la a entregar ao filho em vez do pai, a nossa flor. Que par! que parzinho bendito! (*para Júlio*) O mau, meu cavalheiro, é seu pai ser seu pai.

JÚLIO - Que faz isso?

GUIOMAR - Em primeiro, era preciso impô-lo e não lhe dar motivo para se ele ofender: é seco, é vingativo, egoísta, e inda por cima...

JÚLIO - Explica-te!

GUIOMAR - Avarento. Portanto, se ele vê falhar-lhe o casamento assim sem mais nem mais, assanha-se por força, e então não haverá poder algum que o torça a dar consentimento ao novo matrimônio: fecha inda mais a burra, e nem que Santo Antônio desça dos céus à terra (e mais nem a Guiomar excede ao bom do santo em coisas de casar), não; nem ele, que é ele, é capaz de amansá-lo, nem que traga consigo o próprio S. Gonçalo.

D. LUÍSA - Porém...

D. MARIANA - Visto isso...

JÚLIO - Então...

GUIOMAR - Esperem mais um pouco. Nada de provocar o velho a algum descoco. O melhor, quanto a mim, é vermos se se alcança que desdê, ele próprio, o nó desta aliança.

D. MARIANA - Isso vinha do céu; mas como?

JÚLIO - Impraticável.

D. LUÍSA - Coisa mais espinhosa!

GUIOMAR - Espinhas tem o sável, mas deixa-se comer.

JÚLIO - "Ate-se o guizo ao gato" — diz-se depressa e bem.

GUIOMAR - Que gente! Um vil regato afoga a todos três. (*Para D. Mariana*) Menina! Tome tento! Para livrar-se dele há um remédio bento.

D. LUÍSA - Ervas?

D. MARIANA - Alguma reza?

JÚLIO - Algum feitiço?

GUIOMAR – Então se falam, calo-me eu, e lá se avenham.

D. MARIANA - Não. Fala tu, fala tu, que és muito experiente, e nisto hás-de saber mais que esta pobre gente.

GUIOMAR (*a D. Mariana*) - Quem desmama um menino, o que é que põe no peito?

D. MARIANA - Diz que azebre, não é?

GUIOMAR - É. Logo o que eu receito (que amor naquela idade é já segunda infância) é fazer que ele tome à noiva repugnância.

JÚLIO - Mariana repugnar-lhe!

D. LUÍSA - Ela, inspirar-lhe tédio!

JÚLIO - Impossível.

GUIOMAR (*a D. Mariana*) - Menina! Use do meu remédio, que há-de tirar proveito.

D. MARIANA - E como se prepara? De que é? E quem o faz?

GUIOMAR - Aí está, prendinha cara, o difícil da coisa. Há-de ser preparado pela menina mesma, e co maior cuidado. Sei que deve custar-lhe.

D. MARIANA - Eu não percebo; explica depressa o teu enigma!

GUIOMAR - Estamos na botica. "Recipe: Manipule! — A sua formosura, "o seu modo elegante, esse ar, essa frescura... "reduza tudo a pó.

D. LUÍSA - A pó!

GUIOMAR - Ao pó mais fino!

JÚLIO - Não pode.

GUIOMAR - Pode, pode. E cale-se, mofino; deixe-nos trabalhar em santa paz.

JÚLIO - Vá lá!

GUIOMAR (*a D. Mariana*) - "O seu metal de voz fascinador, fará "pelo enferrujar bem, por modo que um *eu te amo* "soe mais a ralar que ao mimo de um reclamo. "O que era discricção, troque-se em frioleiras, "narcótico mortal, feito de dormideiras." — Assim, jarreta, párvua, e sensabor, consegue que o homem peça a Deus que o ensurdeça e cegue, e fuja a bom fugir.

JÚLIO - Pois tens razão.

GUIOMAR - Pudera!

D. LUÍSA (*a D. Mariana*) - Tem razão, tem.

GUIOMAR - Se tenho! Escute mais: — Ser fera; soberbona ao falar; — nariz sempre torcido; — muito *quero e não quero*; — o pé muito batido, etc. É pôr em fuga, e logo de repente ao próprio Ferrabrás, que fosse pretendente. Por cima de tudo isto, o que eu mais lhe encomendo, porque já claramente o efeito lhe estou vendo (e com esta, acabei de a aperfeiçoar, senhora!) é ostentar-lhe em tudo índole gastadora: que não dispensa o luxo, as modas, nem o jogo, que isso lá para ele é como em casa um fogo.

D. LUÍSA - É verdade. E que mais?

D. MARIANA (*para D. Luísa, sorrindo*) - Mais! Nome de Jesus!

GUIOMAR - Tudo isto é já bem bom; mas o que era de truz era, além de tudo isto, armar-se alguma idéia com que o homem, perdida a sua Dulcineia, com outra mais real folgasse em desferrar-se.

D. MARIANA - Que mulher se prestava...?

GUIOMAR - Ai! Juro que há-de achar-se uma, e duas, e dez, e mil, com bem o diga. (*depois de meditar*) Cáspite! Há certa dama, esperta, minha amiga, já seu tanto madura e ainda não sorvada; se há uma abelha mestra ao nosso empenho azada é ela! Uma finura...

JÚLIO - Igual à tua?

GUIOMAR - À minha; pode-o dizer; e um porte, um ar, que nem rainha em cena de tragédia. Inculco-a, pois ao pai por uma fidalgo.

JÚLIO - É laço em que não cai: Fidalga sem real!

GUIOMAR - Sem real! Quem lho disse? Inventar-se-lhe um trem de toda a garridice; um título, um solar na Beira ou nos Algarves; são redes de arrastar a espertalhões e a alarves. Cai, cai; fie-se em mim! Verá se o não convenço de que esta viscondessa aveza um dote imenso: vinte contos de réis.

JÚLIO - Será melhor quarenta.

GUIOMAR - Pois, quarenta. E que traz uma paixão violenta desde que um dia o viu tão guapo e bizzarraço num dos bailes da corte, entre os moços do paço. Desde que ela enviuvou, jamais no coração homem nenhum lhe fez tal desatinação. Ora se eu conseguir meter-lhe na cabeça que esta amante infeliz, tão rica e viscondessa, não tem dúvida alguma em pôr nas escrituras que desde já lhe cede, alto e malo, às escuras, tudo quanto possui, acham que ele rejeita? Sei que Dona Mariana é muito mais perfeita, muito mais de encantar que a minha viscondessa; mas há-de ser vencida, e Deus a favoreça. Os dotes mais reais, o encanto verdadeiro para aquele amador, consistem no dinheiro. Bem vejo que a tramóia, antes de consumada, por força se descobre; isso que importa? Nada; quando ele conhecer que os prédios, os morgados, os cofres de ouro, o amor, a glória, os viscondados, era tudo fingido, e por último termo o que só adquiria era um grande estafermo, o essencial para nós estava conseguido: — Tomaste outra mulher? Eu tomo outro marido.

JÚLIO - Deu no vinte a Guiomar. O que se quer agora é o plano posto em obra e já.

GUIOMAR - Num quarto de hora tenho a mulher falada, e a farsa em movimento.

JÚLIO - Se levas esta nau a porto e salvamento, verás como to pago. *(para D. Mariana)*  
E nós, senhora minha...

D. LUÍSA - À ordem.

JÚLIO - Eu! Por quê?

D. LUÍSA - Por quê? Se a Marianinha é minha irmã, e eu sou a irmã de meu irmão, somos irmãos os três; e o uso entre os que o são, foi sempre tutear-se. *(para Júlio)*  
Apanha, presidente!

JÚLIO *(para D. Mariana)* - Aprova?

D. MARIANA - Muito, muito; aprovo intimamente.

JÚLIO - Mas que te ia eu dizendo?

D. MARIANA - És tu que o sabes.

JÚLIO - Eu? O alvoroço do tu da idéia mo varreu... Ah! Sim... Já me recordo. É isto... Se a Guiomar, a quem baixo a cabeça, a idéia me aprovar.

GUIOMAR - Ouvirei.

JÚLIO - Mariana, em vez de mim, será quem disponha ao milagre a santa mãe já já.

GUIOMAR - Concordo.

D. LUÍSA - Também eu.

JÚLIO - Induz-a a todo o custo a romper esse enlace hediondo além de injusto. Custo, disse... Enganei-me: em filha tão querida rogar é logo obter. Emprega decidida com ela todo o amor que o céu te pôs no olhar, todo o meigo do riso, as graças do falar, o tudo, o não sei quê, de que és só tu senhora, condão que Deus te deu para triunfadora. *(Mariana indica pelo gesto que anui; Júlio beija-lhe a mão de agradecido, no momento em que, da primeira porta da esquerda, vem saindo Harpagão).*

## CENA II

*(Os mesmos e Harpagão).*

HARPAGÃO *(à parte)* - Já lá vamos! O enteado beijando a mão da madrasta, e ela sofre-o, e não se afasta!... Creio que estou arranjado.

D. LUÍSA *(que é a primeira que repara em Harpagão, em voz alta, para advertir os outros)* - É meu pai. *(Júlio larga sobressaltado a mão de D. Mariana).*

HARPAGÃO - Já está ferrado; e pronta à porta a capoeira. Vamos; se têm de ir à feira, é descer. *(Tirando da algibeira um tostão, e examinando-o; à parte)* Ele é safado, mas passa, *(levantando a voz)* Toma, Luísa! Podes gastar.

D. LUÍSA *(sorrindo e à parte)* - Um tostão?!

HARPAGÃO - Emprega-o com discrição nalguma coisa precisa. Vão, vão!

JÚLIO - Eu as acompanho por meu pai.

HARPAGÃO - Qual por meu pai!

JÚLIO - Depois de um boléu tamanho como hoje aqui deu...

HARPAGÃO - Não sai. É cá preciso, e está dito.

JÚLIO - Mas três damas irem sós quando podia um de nós... Não acho bom, nem bonito.

HARPAGÃO *(ironicamente)* - Nem eu! Por essas florestas que daqui à feira vão pode encontrar-se um leão, e outras mil coisas funestas. Ontem mesmo uma serpente devorou lá três polícias, se por acaso não mente o meu Jornal das notícias. Mas as nossas amazonas não são medrosas, *(para as senhoras)* Vão, vão! *(Para Júlio)* Tu fica!

JÚLIO - Mas...

HARPAGÃO - Se me entonas a grimpa, azedo-me.

JÚLIO - Ai, não! *(Saem as damas pela primeira porta da direita).*

### CENA III

HARPAGÃO - Isto assim não vai bem, meu filho; é necessário seguirmos de hoje avante um método contrário: franqueza e mais franqueza. Assim é que a amizade pode ter duração e dar felicidade. Responde-me leal.

JÚLIO - Prometo.

HARPAGÃO - Isso me basta. — Como achas tu Mariana? O ser ou não madrasta é um mero acidente, e nada tem coa essência; ... E mesmo o sê-lo ou não 'stá ainda em contingência. Como a achas, enfim?

JÚLIO - Eu! Como? Em que sentido?

HARPAGÃO - Quanto a beleza, a corpo, a graça, este brunido da casquinha de fora.

JÚLIO - A formosura; entendo. ... Receio que se ofenda.

HARPAGÃO - Ai, fala! Não me ofendo. Cada qual tem seu gosto.

JÚLIO - Acho que em formosura há pior e há melhor; agora de figura pior é que não há: veste sem tom, sem graça; e, calada, ainda vai; falando é uma desgraça. Isto o que me parece. Agora lá se é boa, sabe-o Deus; muita feia é ótima pessoa. Com o coração nas mãos, é isto; e não lho digo com o fim de o dissuadir. De si para consigo acha-a linda, não acha? Espose-a, se quiser: Madrasta por madrasta, ela, ou outra qualquer.

HARPAGÃO - Pois, homem, faz-me zanga o não gostares dela. ... Mas... (se me não engano) achavas-lhe a mão bela, mesmo aqui, há bem pouco; e nesta mesma sala uma hora haverá que te eu vi requebrá-la, e com bastante fogo.

JÚLIO - Ah, sim, bem sei. Tudo isso foi querer a meu pai fazer um bom serviço. Via-o mudo, vexado, inerte por virtude; parecia um galucho, um novicinho rude, um atadinho enfim, destes por quem mulheres não queimam a alcachofra, ou deitam malmequeres. Que devia eu fazer? Em vez de me estar quedo junto a meu pai, penedo ao pé de outro penedo, forcei o gênio, e disse a Dona Mariana o que a boa razão ensina a gente urbana. Tudo só por meu pai; que dúvida! Por ela, bem empregava eu tempo em tanta incensadela!

HARPAGÃO - Portanto, inclinação...

JÚLIO - Inclinação, nenhuma, nem por onde ela passe.

HARPAGÃO - O teu juízo, em suma?

JÚLIO - Que pode servir mui bem para madrasta; mas para me eu casar, desejo-as de outra casta.

HARPAGÃO - É pena.

JÚLIO - O que é que é pena?

HARPAGÃO - É pena ser tão forte a aversão que lhe tens.

JÚLIO - Uma aversão de morte!

HARPAGÃO - Pois aí está. Desse modo é renunciar o intento que eu tinha de ceder-te a moça em casamento.

JÚLIO - Como assim?

HARPAGÃO - É verdade. Há pouco, entrando aqui, e vendo-te beijar-lhe a mão...

JÚLIO - Não vi.

HARPAGÃO - Vi, vi.

JÚLIO - Mera civilidade...

HARPAGÃO - Estou por isso. Enfim, civilidade ou não, vi-o e caí em mim. — Tate, tate, Harpagão! — disse eu com os meus botões — se não queres expor-te a trinta mil baldões, não teimes em juntar as cãs e os desenganos com as ilusões, o viço, a flor dos verdes anos. Que não diria o mundo? E além do que diria quantos motivos mais para falar teria! Valor, pois! E fugir, enquanto se não lavra e assina uma escritura. É certo que a palavra que eu mandei por Guiomar à mãe de Mariana me obriga em certo modo... Histórias! A cigana há-de, e a filha inda mais, achar melhor partido do que o unirem-se a mim, ter Júlio por marido.

JÚLIO - Eu seu marido?

HARPAGÃO - Tu, tu mesmo.

JÚLIO - O seu desejo era esse realmente?

HARPAGÃO - Era; mas como vejo o teiró que lhe tens, o antojo, a antipatia que Mariana te infunde...

JÚLIO - Eu, grande simpatia não lha tenho; concordo; entretanto, se quer livrar-se dela e impor-ma, aceito-a por mulher. Sou filho obediente...

HARPAGÃO - E eu bom pai. Nada, nada. Deus me livre! Exigir-te inclinação forçada! Só se eu fosse algum doido.

JÚLIO - Aqui não há doidice. Para o servir... Pois não! Resigno-me, já disse.

HARPAGÃO - Obrigado, obrigado. Eu é que não aceito. Casar, não sendo a gosto! É péssimo, e sujeito a mil tribulações.

JÚLIO - Meu pai, reúna os dois, que é o ponto essencial; o amor virá depois.

HARPAGÃO - Bem se vê que és novato. Um homem quando casa mal sabe a que se expõe; mete um inferno em casa. E havia de amarrar, eu mesmo, nessa nora o meu

Júlio, o meu sangue, um filho que me adora! Lá, se eu te descobrisse um grande fatacaz... (bastava alguma queda) era muito capaz de preferir-te a mim, e dar-te a rapariga; mas assim, não senhor. Descansa! E, pois me obriga a palavra que dei, torno ao primeiro trilho. Dê lá por onde der, esposo-a, e poupo o filho.

JÚLIO - Não há, não há remédio: é vinda a extremidade de lhe eu dever expor, meu pai, toda a verdade. Saiba, pois, meu bom pai...

HARPAGÃO - O quê?

JÚLIO - Que eu a idolatro.

HARPAGÃO - E ela?

JÚLIO - Ela a mim também. Desde que no teatro pela primeira vez a vi, linda e singela, ser inveja das mais, e os olhos todos nela, e os óculos ao longe e ao perto a devorá-la, e um murmúrio de amor e assombro enchendo a sala, senti-me escravizado. O seu olhar enfim, que a ninguém procurava, acertou sobre mim. Senti que era feliz, e que nesse momento se me acendia um sol de amor no firmamento. Que noite! nas ficções da cena apaixonada com a música e poesia andou benigna fada a levar-lhe e a trazer-me em continuados giros, confidências, ventura, esperanças e suspiros; sorri no sorrir dela; em mim senti seu pranto. Ninguém mais do que nós amou jamais, nem tanto. — Era a minha intenção, conforme aos votos dela, declarar tudo ao pai, rogando-lhe... A procela, que há pouco sobre nós caiu inesperada, obrigou-me a conter-me, e não lhe disse nada. Temi desagradar-lhe, opondo intempestivo àquele seu consórcio o nosso amor tão vivo.

HARPAGÃO - Tens-lhe ido a casa?

JÚLIO - Tenho.

HARPAGÃO - E muita vez?

JÚLIO - Bastantes, para o tempo que isto há.

HARPAGÃO - É natural: amantes... E recebem-te bem, pois não?

JÚLIO - Otimamente, sem saberem quem sou; por isso é que a inocente ind'agora pasmou de ver-me nesta casa.

HARPAGÃO - Hás-de lhe ter pintado o fogo que te abrasa?

JÚLIO - Claro está.

HARPAGÃO - E a intenção que tinhas de esposá-la?

JÚLIO - Sem dúvida, e cheguei até...

HARPAGÃO - Até quê? Fala... (*à parte*) Estou na grelha a assar! (*alto*) Chegou (franqueza) até, até quê?

JÚLIO - Por mostrar-lhe a minha boa fé, e que um homem de bem nunca a inocência engana, a revelar por longe à mãe de Mariana assim confusamente esta resolução.

HARPAGÃO - E ouviu-te; não ouviu?

JÚLIO - Não lhe direi que não.

HARPAGÃO - E vamos nós; a moça, achas que está deveras perdidinha por ti? Ele há tantas quimeras no bichinho mulher!

JÚLIO - Bem sei; mas a Mariana (salvo se ela é um monstro, e bárbara me engana) em quanto mostra e diz, julgo, meu pai, que posso crer que é, de parte a parte, igual o afeto nosso.

HARPAGÃO (*mudando de tom*) - Ora, pois, senhor meu, meu filho, e caro amigo! Foi franco; serei franco. Escute o que lhe digo! Ponto — e já — nesse amor! Há-de ter a bondade de não me pôr mais pé em casa da beldade; nem vê-la, nem falar-lhe, ou de qualquer maneira fazer-se-lhe lembrado. A fada trapaceira que lá viu na comédia, era uma mentirosa e você um basbaque, e a moça uma dengosa. Mariana é a minha esposa; a sua, não o ignora, é a que eu lhe destino... E põe-te-me já fora!

JÚLIO - Ah! Pois ele é assim? Assim se ludibria e se espezinha um filho, um homem que podia ter já filhos também?! Pois juro-lhe e rejuro que não deixo a Mariana, e estou de a obter seguro, em que pese a meu pai. Não há, não sei, não vejo força alguma que possa opor-se ao meu desejo. Julga contar coa mãe, por vê-la desgraçada? Pode ser que se engane. E a minha amante amada, dos cálculos a exclui?

HARPAGÃO - Pois tens o atrevimento, patifão, de encarar aquela...

JÚLIO - Antes assento que, se houve usurpação, foi de meu pai, não minha. Tive a prioridade.

HARPAGÃO - Esqueces-te, bestinha, que eu, teu pai, tenho jus a todo o teu respeito!

JÚLIO - Em concursos de amor faz rir um tal preceito.

HARPAGÃO - E fará rir um pau no lombo de um tratante?

JÚLIO - Escusa ameaçar-me.

HARPAGÃO - Há-de largar a amante.

JÚLIO - Nunca.

HARPAGÃO - Nunca, maroto! Um pau, uma bengala, um fueiro.

JÚLIO - Jamais, jamais hei-de deixá-la.

## CENA IV

*(Os mesmos e Tomás, acudindo a correr da segunda porta da direita).*

TOMÁS - Que tem, patrão? São ladrões?

HARPAGÃO - Pior. Tenho um peralvilho, que eu dava oitenta dobrões por não ser pai de tal filho. Faltar-me ao respeito!

TOMÁS - É mau.

HARPAGÃO - Dizer-me que não!

TOMÁS - Pior.

HARPAGÃO - A um pai, que o não há melhor! Não é de o matar a pau?

TOMÁS - Mas não se altere! A palavra faz mais que a pancadaria. Sempre é filho: se o escalavra dá em si.

HARPAGÃO - Patifaria! Eu vou-me a ele.

JÚLIO - Meu pai, eu já não estou bom, confesso. Não me obrigue a algum excesso cos seus excessos!

TOMÁS *(à parte)* - Ai, ai, que, se isto se não atalha, temos bulha e mais que bulha. Quero evitar à patrulha o vir pôr termo à batalha.

HARPAGÃO - Cão! Cão! Eu dou-lhe...

TOMÁS *(chegando-se a Harpagão em voz baixa)* - Senhor!

HARPAGÃO - Derreti-o!

TOMÁS - Ouça-me!

HARPAGÃO - Nada; dou-lhe tamanha maçada, que o ponho em mãos do doutor.

TOMÁS - Pagando-lhe... E ao boticário.

HARPAGÃO - Lembras bem: não pode ser. Se eu estou co juízo vário!

TOMÁS - Sente-se, é o que há-de fazer. *(Conduz a Harpagão para uma cadeira, junto à parede do lado esquerdo, e perto do proscênio)* Tem já o rosto assanhado, que parece um caranguejo. Sossegue! Isso é mau.

HARPAGÃO - Se o vejo, ou torno a ouvir o altanado... *(Tomás faz sinal a Júlio para que se retire para o fundo da sala, do lado direito, onde está a mesa. Tira-lhe de diante o biombo, e vem colocá-lo no meio do teatro, interceptando mutuamente a vista do pai e do filho).*

JÚLIO (*entre si*) - Para serenar um pouco, vou escrever a Mariana. Meu pai está louco; e um louco tem privilégios. (*Começa a escrever*).

TOMÁS (*experimentando se o biombo está firme*) - Abana, mas não cai. O essencial, para evitarmos quezílias, e pôr este antemural ao filho e ao pai de famílias.

HARPAGÃO - Vem cá, Tomás! Tu entendes de pulso? Toma este pulso.

TOMÁS - Acho-o seu tanto convulso... Se quer, chamo o doutor Mendes.

HARPAGÃO - Não é preciso; isto passa, se Deus quiser. É o efeito das zangas que me tem feito um filho, a minha desgraça.

TOMÁS - Talvez que não seja tanto. Eu sei? Ele a gente, às vezes...

HARPAGÃO - Vá lá! Dize que é um santo e eu um diabo.

TOMÁS - Os seis meses que eu fui criado e escrevente de um grande juiz de paz deram-me luzes assaz, e não trovo de repente. É preciso ouvir as partes, pesar com toda a atenção, e às vezes por boas artes se chega à conciliação.

HARPAGÃO - Bem. Arvoro-te em juiz. Eu e ele...

TOMÁS - Somam dois.

HARPAGÃO - Heim?

TOMÁS - Continue! E depois? Que fizeram?

HARPAGÃO - O que eu fiz, fê-lo ele também.

TOMÁS - Bom filho: seguiu o exemplo paterno. Deixe-o ir sempre nesse trilho, e tem-no livre do inferno.

HARPAGÃO - Não é isso, homem!

TOMÁS - Não!

HARPAGÃO - Ama a mesma dama que eu amo.

TOMÁS - Para dois... Uma só dama é pouco; não é, meu amo?

HARPAGÃO - Pois aí está; e o bruto quer que à fina força eu desista, que lha deixe; e à minha vista recebê-la por mulher.

TOMÁS - Lá nisso não pensa bem.

HARPAGÃO - Um filho ao progenitor...

TOMÁS - Tem razão; olé se tem!

HARPAGÃO - Fazer concurso no amor!

TOMÁS - Fique-me aqui sentadinho, enquanto o juiz de paz vai falar co seu rapaz, e trazer-lho ao bom caminho.

HARPAGÃO (*consigo mesmo, enquanto Tomás vai falar a Júlio*) - Se mo traz a mandamento cuido até que sou capaz de mencionar o Tomás nas deixas do testamento.

JÚLIO (*para Tomás sem ser ouvido de Harpagão*) Meu pai fez-te árbitro; aceito... e aceito a quem quer que for. Decide, e breve, este pleito!

TOMÁS - Graças! Que honra, meu senhor!

JÚLIO - Sabes que há uma donzela por quem morro e por quem vivo.

TOMÁS - Não há-de ser sem motivo.

JÚLIO - Sou adorado por ela; suspiramos pelo dia que há-de sagrar estes laços; vem meu pai...

TOMÁS - Que tirania!

JÚLIO - e quer-ma arrancar dos braços. Propõe por certa emissária à pobre mãe da menina que rompa o que o céu destina...

TOMÁS - E ela?

JÚLIO - Não sei.

TOMÁS - Que alimária! Mas pode estar descansado. Prometo-lhe que o patrão, quando eu lhe tiver falado, há-de chegar-se à razão. Deixe isso por minha conta. (*Volta para ao pé de Harpagão*).

JÚLIO (*entretanto, falando entre si*) - Co meu gênio de vinagre não se tempera o negócio. Cum parvo manso por sócio talvez se arranje o milagre.

TOMÁS (*a Harpagão*) - Sabe que mais? O seu filho não é como se cuidava: em vez de serpente brava, achei cordeiro em tomilho. Diz que está por quanto queira o caro autor dos seus dias; que se teve demasias, disse ou fez alguma asneira, de tudo pede perdão, e promete nunca mais falar ao melhor dos pais senão de chapéu na mão; que, se o quiser ver contente lhe mostre carinha boa, e o case enfim com pessoa não medonha inteiramente. Aceita?

HARPAGÃO - Aceito gostoso. Vai-lhe dizer, em meu nome, que, se quer mulher a tome que o possa tornar ditoso. Corra toda a espécie humana: tem raparigas a rodo. Só exceto a Mariana; no mais dou-lhe o mundo todo.

TOMÁS - Bom. Deixe o caso comigo! (*Vai para Júlio*)

HARPAGÃO (*entretanto, consigo mesmo*) - Lá me fazia estranheza ver num filho um inimigo. Viva o sangue e a natureza!

JÚLIO (*a Tomás*) - Então?

TOMÁS - Às mil maravilhas. Vai tudo em maré de rosas.

JÚLIO - Que disse?

TOMÁS (*imitando a voz e o tom de Harpagão*) - "Se mo acepillas, "tens alvíssaras famosas!"

JÚLIO - "Acepilhares-me! Como se entende isso?"

TOMÁS - Diz que o acha sempre com ar de mordomo; que nunca a seu pai se abaixa; que nunca, nunca lhe fala sem sete pedras na mão; e a um paternal coração é isso o que mais o rala; que seja com ele afável e verá o pai que tem, manso, risonho, amável...

JÚLIO (*à parte*) - Se lhe não pedir vintém.

TOMÁS - Que há-de fazer-lhe a vontade em tudo quanto puder.

JÚLIO - Logo, dá-ma por mulher...

TOMÁS - Dá, dá; forte novidade!

JÚLIO - Então podes-lhe afirmar que há-de encontrar sempre em mim um José, um Benjamim; um filhinho de invejar.

TOMÁS (*caminhando de Júlio para Harpagão. Considerando entre si*) - Tais conciliações são justas; mas, meu bom juiz de paz! Não sei se não pagarás tu mesmo afinal as custas. Adeus! Eu já tenho casa de menos lida e mais pão. Mal soe aqui o trovão nem pio dou, bato a asa. (*chegando ao pé de Harpagão*) Tudo inteiramente assina.

HARPAGÃO - Santo filho!

TOMÁS - Sai ao pai.

HARPAGÃO - Venha aos meus braços! Que mina...

TOMÁS (*à parte*) - que estourar-te agora vai! (*corre para Júlio*) Parece fora de si co prazer de o recobrar. Voe a abraçá-lo!

JÚLIO - Abraçar te devo eu primeiro a ti (*abraça-o*).

TOMÁS - Não me confunda! O que eu fiz qualquer bom moço o faria.

JÚLIO (*dando-lhe dinheiro*) - Toma! Por ti sou feliz; quero-te ver alegria.

TOMÁS (*conduzindo-o pelo braço para o proscênio*) - Aqui vem o filho pródigo. Julgo que fui bom causídico, e fiz a vontade ao código sem aparato jurídico.

HARPAGÃO - Mereces recompensado. Que dúvida! (*Mete a mão na algibeira, e depois de remexer por algum tempo, estando Tomás com a mão estendida à espera, tira o lenço para se assoar*).

TOMÁS - São mercês.

HARPAGÃO - Será para outra vez. Estou tão encatarroado!

TOMÁS - Então que fazem, senhores? Não entendo o acanhamento. Em tanto contentamento sérios como dois doutores! Saltem-me já aos abraços, que o manda o juiz de paz.

HARPAGÃO - Vem, meu bom filho aos meus braços!

JÚLIO - Meu bom pai!

TOMÁS - Não sou capaz de ver estas cenas ternas sem chorar. Oh parentesco! (*à parte*) ... E, portanto, oh minhas pernas, para que vos quero? Ao fresco! (*Vai-se pela primeira porta da direita*).

## CENA V

JÚLIO - Peço-lhe mil perdões dos arrebatamentos que tive com meu pai. É que eu, nesses momentos, não me sentia em mim; deveras.

HARPAGÃO - Já lá vai.

JÚLIO - Se meu pai mo perdoa, eu é que não, meu pai. Sinto aqui um remorso...

HARPAGÃO - E eu dentro uma alegria...

JÚLIO - Que bondade! Esquecer, assim, no próprio dia...

HARPAGÃO - Pais esquecem depressa.

JÚLIO - E nem um leve espinho da minha extravagância...

HARPAGÃO - Erraras no caminho; estás nele outra vez. A tua obediência e sujeição filial são mais do que inocência.

JÚLIO - Prometo-lhe que até o derradeiro instante, me há-de achar sempre o mesmo, obediente e amante.

HARPAGÃO - E eu também te prometo, e se faltar, má peste dos devedores meus dê cabo...

JÚLIO - Não proteste; não é preciso tal.

HARPAGÃO - Pois sim, mas asseguro amenizar, meu filho, em tudo o teu futuro,

JÚLIO - Que posso eu mais querer, meu pai, de hoje em diante, se em me dar Mariana...

HARPAGÃO - Em dar-te...?

JÚLIO - A minha amante.

HARPAGÃO - Quem te diz que eu ta dou?

JÚLIO - Disse-o meu pai.

HARPAGÃO - Quem? Eu!

JÚLIO - Pois quem?

HARPAGÃO - Pelo contrário, ele é que prometeu ceder-ma.

JÚLIO - Eu! Eu! Ceder-lha!

HARPAGÃO - É verdade.

JÚLIO - É mentira.

HARPAGÃO - Visto isso, teima?!

JÚLIO - Teimo.

HARPAGÃO - E aspira...

JÚLIO - Aspiro.

HARPAGÃO - Aspira a tê-la por mulher?

JÚLIO - Sem falta.

HARPAGÃO – Recomeças a tentar-me, ladrão?

JÚLIO - Não ouço injúrias dessas. Quer delirar, delire. Ignora o seu delírio que um puro e santo amor sai vivo do martírio?

HARPAGÃO - Deixa! Eu te farei ver...

JÚLIO - Quanto quiser.

HARPAGÃO - Tratante, roubador de seu pai, ingrato, petulante!...

JÚLIO (*com toda a brandura*) - Que mais?

HARPAGÃO - Que nunca mais me tenha a confiança de me chamar seu pai.

JÚLIO (*à parte*) - Está órfã a criança.

HARPAGÃO - Desamparo-te.

JÚLIO - Bom.

HARPAGÃO - Renego-te de filho.

JÚLIO - Bem.

HARPAGÃO - Deserdo-te.

JÚLIO - Vá.

HARPAGÃO - Deserdo-te, e perfilho o primeiro tunante.

JÚLIO - É ótima eleição.

HARPAGÃO - Vai-te, e dou-te...

JÚLIO - Oh prodígio!

HARPAGÃO - A minha maldição. (*Harpagão sai pela primeira porta da esquerda. Júlio fica pensativo. Da porta do fundo vem Tomás com um cofre debaixo do braço*).

## CENA VI

TOMÁS - Alvissaras!

JÚLIO - Que é, Tomás?

TOMÁS - Venha depressa! Está salvo.

JÚLIO - Salvo! Explica-te, rapaz!

TOMÁS - Lá fora. Acertou-se o alvo.

JÚLIO - Qual alvo? Não compreendo.

TOMÁS - Era um tesouro enterrado, que seu pai desconfiado guardava, olhando e tremendo. Pela cara eu bem lhe via que era acolá no quintal. Sigo-o; coco; espreito-o (*Ria!*), acho e empalmo o cabedal.

JÚLIO - Como é possível?

TOMÁS - Fugamos! Toda a melgueira aqui vai. Fuja ou perdidos estamos. Ouço gritar... É seu pai! (*Fogem ambos correndo pela primeira porta da direita*).

## CENA VII

HARPAGÃO (*vindo a gritar desde o quintal até entrar em cena, com as feições desconcertadas, e no auge do terror*) - Aqui del-rei, ladrões! Ladrões, aqui del-rei! Querem-me assassinar. Mataram-me. Acabei. Justiça, Deus do céu! Oh da ronda! oh da guarda! Estou perdido e morto. Um Chuço! Uma espingarda! Roubaram-me o meu sangue, os meus dez mil cruzados. Quem seria? Quem foi? Persigam-me os malvados! Quem mos trouxe co roubo, ofereço-lhe um quartinho... Meia moeda... Mais, que eu nunca fui mesquinho. Para onde fugiu? Onde está ele? Aonde? Corram, vasculhem tudo, a ver onde se esconde. Ali não!... Aqui não!... Agarra o bandoleiro! Vê-lo cá vai... Agarra, agarra o meu dinheiro! (*Agita-se bracejando à doida, e agarra com a mão direita o braço esquerdo*) Filei-te, mariolão! Larga o que não é teu!... Estou perdido e doido; o que apanhei, fui eu. E eu quem sou? Onde estou? Que hei-de fazer? que posso? Ah, meus ricos dobrões, se eu era todo vosso, como pudestes vós deixar-me só no mundo!! Que situação! Que horror! Que inferno tão profundo! Ninguém tem dó de mim; sou Lázaro; sou Job. (*Chora e soluça despropositadamente*) Perdi tudo, e ninguém, ninguém de mim tem dó. (*Na maior explosão do delírio*) Enforcar tudo a esmo, até que surda alguém com meu cofre; aliás, enforco-me eu também. De quem me hei-de eu valer! Demônio! Eu te requeiro: Leva-me um olho... E os dois, mas dá-me o meu dinheiro.

## ATO QUINTO CENA I

FELISBERTO - Não me ensine o meu ofício! Sou há muito ano escrivão. Sei descobrir um ladrão, até sem sombra de indício. Tenho a experiência e o faro. Tomara tantos milhões como já pus de ladrões à dependura, meu caro!

HARPAGÃO - Isso mesmo: à dependura; e assim é que deve ser. É o primeiro dever de toda a magistratura. Ora o regedor, que o manda, recomendou-lhe decerto, senhor... senhor...

FELISBERTO - Felisberto, para o servir.

HARPAGÃO - Que a demanda se apressasse o mais possível, até se dar co dinheiro e enforcar-se o réu. Requeiro não façam como no cível, onde as causas levam anos. Aferventa! Atiça! Atiça! Aliás há-de a justiça pagar-me perdas e danos.

FELISBERTO - Sossegue... Senhor...

HARPAGÃO - Roubado servo seu.

FELISBERTO - Pois, meu amigo, lá nisso conte comigo, que não no há mais apressado. Entremos no labirinto; mas dê-me primeiro o fio.

HARPAGÃO - Que fio? (*à parte*) Mau! Desconfio que é já pedir-me algum pinto.

FELISBERTO - O fio é o conhecimento do caso, das circunstâncias, suspeitas, concomitâncias, do roubo astuto ou violento.

HARPAGÃO - Diga os pontos separados! Tantas perguntas de chofre...

FELISBERTO - Bem. Disse-nos que o tal cofre continha oito mil cruzados.

HARPAGÃO - Dez, dez.

FELISBERTO - Dez.

HARPAGÃO - Dez. Quatro contos.

FELISBERTO - Roubo grande em realidade. *(Felisberto puxa para fora da parede a mesa que está do lado esquerdo; põe entre ela e a parede uma cadeira, e assenta-se; Harpagão vai buscar à mesa do fundo o tinteiro e o papel, e põe-lhos diante. Claudina vem acender as duas velas, e retira-se).*

HARPAGÃO - Ponha bem nos is os pontos. *(Depois de olhar para o que o escrivão assentou)* Dez mil: a pura verdade. Não há para um crime assim castigo que igual lhe seja. Roubar ao pobre de mim é mais que roubar igreja.

FELISBERTO - Em que moeda era a soma?

HARPAGÃO - Metade, em belas loirinhas de vários reis e rainhas que eu posso nomear-lhe.

FELISBERTO - Toma! Que memorião! E o resto?

HARPAGÃO - Um conto em bons soberanos; trinta dobrões mexicanos.

FELISBERTO *(repetindo-lhe as últimas sílabas que escreveu)* - Canos...

HARPAGÃO - Pronto?

FELISBERTO *(sorrindo-se)* - Pronto e lesto.

HARPAGÃO *(à parte)* - E inda há no mundo quem ria!

FELISBERTO - Que mais?

HARPAGÃO - O mais era tudo em muito ourinho miúdo, tão limpo que reluzia.

FELISBERTO - O senhor de quem suspeita?

HARPAGÃO - Não sei; suspeito de todos: dinheiro tem tais engodos, que todos lhe andam à espreita.

FELISBERTO - Sim, mas no caso presente, dizer todos ou ninguém vem a dar na mesma; alguém o roubou, não toda a gente. Não lhe ocorrerá pessoa, quer de calças

quer de saia, (pense bem!) na qual recaia alguma suspeita boa? Se lhe ocorre, é nomeá-la: catrafila-se, e veremos se uns anjinhos que nós temos a fazem ou não ter fala. Não é preciso mais potro, nem mais nada. Se é culpado, declara-o; se o réu foi outro, que o nomeie.

HARPAGÃO - É bem lembrado.

FELISBERTO - Um ou outro hão-de lhe pôr para ali o cofrezinho.

HARPAGÃO - Bela idéia, sim senhor. Vou ver, vou ver se adivinho.

## CENA II

*(Os mesmos e Sebastião (que, entrando da segunda porta da direita, se revira para trás gritando)).*

SEBASTIÃO - Eu já torno. Olhem lá: matem-mo sem tardança; enterrem-lhe o facão no peito; abram-lhe a pança; as unhas dos pés fora; o corpo chamuscado; escaldado; e na corda até o teto içado!

HARPAGÃO - Quem? O que me roubou?

SEBASTIÃO - É um leitão; mandou-mo matar e preparar o senhor seu mordomo. Verá como eu lho arranjo.

HARPAGÃO - O que me importa agora são leitões! O senhor... *(indicando o escrivão)*.

SEBASTIÃO - Se é coisa de demora, não posso; logo venho.

HARPAGÃO - Espera! Este senhor, que é o digno escrivão do nosso regedor, precisa interrogar-te.

SEBASTIÃO - O que eu souber, direi.

FELISBERTO - Escusas de tremer. Nós cumprimos a lei, mas não comemos gente; ergo por consequência... Fala desassombrado!

SEBASTIÃO *(para Harpagão em voz baixa)* - Este sua excelência também cá ceia?

FELISBERTO - Aqui, meu rico amigo, deve dizer tudo a seu amo: exato, claro e breve.

SEBASTIÃO - A respeito da ceia? Ele bem sabe o homem que em mim tem: o que faço, os serafins o comem.

HARPAGÃO - Mas não se trata disso.

SEBASTIÃO - O bródio bem podia sair muito melhor; mas a pirangaria do senhor seu mordomo...

HARPAGÃO - Acaba já com isso! Dá-me novas...

SEBASTIÃO - De quê?

HARPAGÃO - Do que levou sumiço, do meu cofre.

SEBASTIÃO - O seu cofre! e tinha lá dinheiro?

HARPAGÃO - Se mo não repões logo, enforcam-te, brejeiro!

FELISBERTO (*baixo a Harpagão*) - Olhe que espanta a caça. O homem não tem má cara. Com bons modos, verá que tudo nos declara. Como é a tua graça?

SEBASTIÃO - A alcunha que me dão é Sebastião Pacato.

FELISBERTO - Ora, Sebastião, um conselho de amigo, e amigo experimentado, não se há-de desprezar.

SEBASTIÃO - E não.

FELISBERTO - Caso negado, provando-se, é pior. Vá lá. Confessa tudo, que ninguém te faz mal. Eu sou homem sisudo: o que prometo, cumpro; e, além da impunidade, o patrão há-de dar-te o prêmio da verdade. Roubaram-lhe hoje um cofre, e tu, que não és curto, antes bastante esperto, hás-de saber do furto.

SEBASTIÃO (*baixo, consigo mesmo*) - Cai-me a sopa no mel. Agora é que o mordomo paga tudo por junto; eu já lhe mostro o como.

HARPAGÃO - Que está ele a rosnar?

FELISBERTO (*baixo a Harpagão*) - Tape a boquinha; deixe! Se não o amedrontar, temos no anzol o peixe. A cara não mentia; eu bem lho tinha dito; é pessoa capaz.

SEBASTIÃO - Ver já meu amo aflito e vi-lo afligir mais, confesso que é custoso. ... Enfim, quem deve, paga. Esse furto horroroso quer-me a mim parecer, que ninguém mais o fez senão o seu mordomo. Eu falo português, não 'stou ó tio, ó tio.

HARPAGÃO - O Duarte!

SEBASTIÃO - Sim senhor.

HARPAGÃO - Com um falar tão honrado!

SEBASTIÃO - *Oui*.

HARPAGÃO - Com um tamanho amor a tudo que era meu!

SEBASTIÃO - Aí tem. Forte macaco!

HARPAGÃO - Dize: forte ladrão! Ladrão pior que um Caco. Mas por que julgas tu, já agora há-de explicar-te, sim, por que é que supões que o monstro foi Duarte?

SEBASTIÃO - Se põe por ele a mão no fogo, eu cá não ponho. Suponho que foi ele... Enfim... Porque suponho.

FELISBERTO - Mas por que é que o supões? Se há fundamento, emite-o.

HARPAGÃO - Viste acaso o Duarte andar rondando o sítio onde eu tinha o dinheiro?

SEBASTIÃO - Ai, vi; por tal sinal... O dinheiro onde estava?

HARPAGÃO - Ali, no meu quintal.

SEBASTIÃO - No quintal, justo, ali; nesse próprio lugar é que eu vi muita vez o malandrim rondar. E o dinheiro em que estava?

HARPAGÃO - Estava numa arquinha.

SEBASTIÃO - Cuma arquinha o vi eu.

HARPAGÃO - E essa como era?

SEBASTIÃO - Tinha o feitio... Sei lá? A modo assim... De arqueta (se me apertam demais, atolo-me na peta).

FELISBERTO - Claro está, mas descreve-a.

SEBASTIÃO - Era grande bastante.

HARPAGÃO - A minha era pequena.

SEBASTIÃO - Isto é, exorbitante também eu não na achei; o grande é no sentido do grande dinheirão que estava lá metido.

FELISBERTO - E a cor? a cor?

SEBASTIÃO - A cor?... Era uma certa cor... Fora do uso... Esquisita... (*para Harpagão*) O nome, por favor; veja se mo recorda... eu sei, mas não atino;... Vermelha, não?

HARPAGÃO - Cinzenta. Acabarás, mofino?

SEBASTIÃO - Cinzenta, é o que eu dizia: um certo acinzentado, de um reflexo tirante a modo a avermelhado.

HARPAGÃO - Já se vê que era a mesma. Agora estou já certo (*para Felisberto*) Lavre este depoimento! Ah senhor...?

FELISBERTO - Felisberto, para o servir.

HARPAGÃO - Achou-se a ponta da meada. Quem há-de nunca mais fiar-se em gente honrada? E ver que por aí há tanto quem suponha que se pode viver sem força!

FELISBERTO - É uma vergonha.

HARPAGÃO - Dizem que era melhor que os tais facinorosos vivessem numa cela!

FELISBERTO - Olha os religiosos!

SEBASTIÃO - Lá vem ele! O que eu peço é se lhe não delate quem lhe armou esta cama: é doido, e às vezes bate.

### CENA III

*(Os mesmos e Duarte).*

HARPAGÃO - Venha, venha, meu senhor, que temos de ajustar contas.

DUARTE - Seja em que matéria for, as minhas sempre estão prontas.

HARPAGÃO - Vem confessar, desgraçado, o teu crime, a desleal ação mais descomunal, o mais nefando atentado que jamais foi cometido.

DUARTE - Não percebo.

HARPAGÃO - Ih! Que inocência! Não percebe!

DUARTE - A consciência não me argúi.

HARPAGÃO - Mui bem fingido. Ladravaz e comediante.

DUARTE - Por Deus, por si lho requeiro. Que fiz eu? Diga-o primeiro! Convença-me, e então...

HARPAGÃO - Bargante! Faze papel d'inocente, se te parece; mas sabe, para que essa farsa acabe, que eu de tudo estou ciente. Não tem vergonha! Abusar da boa fé, do bom trato, de tanto carinho, e ingrato ousar lograr-me...

DUARTE - O negar, uma vez que deu na coisa, de nada me serviria, senhor Harpagão de Sousa.

SEBASTIÃO *(à parte)* - Pois eu adivinharia?

DUARTE - Tencionava-lho dizer, e aguardava a ocasião. Assim cumpria um dever, contando já co perdão. Visto que fui descoberto, e sabe tudo, o que peço, imploro, e tenho por certo, é me indulte o enorme excesso.

HARPAGÃO - Indultar-te! E em que razões te fundas, ladrão cadimo, para contar com perdões?

DUARTE - No muitíssimo que o estimo, e em saber que não mereço o título de ladrão.

HARPAGÃO (*ironicamente*) - Brincos de rapaz travesso; coisas de nonada.

DUARTE - Não. Ofendi-o gravemente, confesso; porém foi culpa, das que merecem desculpa.

HARPAGÃO - Desculpa, biltre, insolente, a um assassino, a um traidor!

DUARTE - Torne em si! pense que o mal não foi tamanho, nem tal como o finge o seu rancor.

HARPAGÃO - Diz-me o infame que exagero! Roubando-me ele o meu sangue, acha injusto que me eu zangue e não perdoe.

DUARTE - O que espero é que abra os olhos, e veja, que o seu sangue não caía em mãos indignas; um dia conhecerá quem eu seja. Demais, eu não lhe fiz dano que eu não possa reparar.

HARPAGÃO - E olé, se o há-de.

DUARTE - E de plano; já já, se quer. Vou-lhe dar à sua honra agravada completa satisfação.

HARPAGÃO - A que vem aqui chamada a honra? Mas que razão (tomara que mo dissesses) te fez perpetrar tal crime?

DUARTE - Um sentimento sublime.

HARPAGÃO - Se não és doido, pareces. Que sublime sentimento?

DUARTE - Qué-lo saber?

HARPAGÃO - Quero.

DUARTE - O amor.

HARPAGÃO - O amor!

DUARTE - O amor mais violento.

HARPAGÃO - À minha burra?

DUARTE - Senhor! Que me faz indigna afronta! Do seu, nada mais cobiço que o que já tenho.

HARPAGÃO - Só isso! A pouco a ambição lhe monta. Há-de com língua de palmo largar o que chamou seu, ou lá verá se o não calmo nos quintos infernos.

DUARTE - Eu! Eu defraudar-me do gozo de um bem que tenho seguro!

HARPAGÃO - Mas que é meu.

DUARTE - Meu.

HARPAGÃO - Teu!

DUARTE - Se juro que é meu, e me faz ditoso!

HARPAGÃO - No roubo insistes?!

DUARTE - E insiste em chamar a isto um roubo!

HARPAGÃO - E que roubo! Em todo o globo, tesouro igual onde o viste?

DUARTE - Em parte nenhuma. Achei-o tão lindo, tão sedutor, de ricas prendas tão cheio, tão digno do meu amor...

HARPAGÃO - Que mo empalmaste.

DUARTE - Sossegue! Não lho empalmei. Só lhe imploro que à boa mente me entregue objeto que tanto adoro. Ajoelhado lho suplico. Nada perde em mo ceder. Sem a si se empobrecer, torna-me o homem mais rico.

HARPAGÃO - Endoideceu.

DUARTE - É, é verdade: da paixão mais invencível. Só por morte é que é possível separar-mo-nos.

HARPAGÃO - Se se há-de humilhar arrependido, requinta na impenitência.

DUARTE - Já não posso, em consciência, votos que fiz pôr no olvido. Toda a insistência é já vã.

HARPAGÃO - E não querem ver ao cabo que me rouba este diabo por caridade cristã? Vai, vai lá para a justiça, meu salteador, galrar dessas, que eu quero perder três peças se escapares vivo. Atiça cada vez mais a fogueira. Torce melhor o braço!

DUARTE - Puna-me embora!

HARPAGÃO - Ralaço!

DUARTE - Diga e faça quanto queira. Recordo-lhe unicamente que, se há réu, só eu sou réu. Luísa está inocente; juro-lho à face do céu.

HARPAGÃO - Pudera! Na parentela nunca as houve dessa casta. Mas de empalhações já basta. Revela-me já, revela para onde é que foi levada a minha preciosidade?

DUARTE - Tem-na em casa.

HARPAGÃO (*à parte*) - Oh burra amada! (*alto*) Isso é verdade?

DUARTE - É verdade. Pode-a ver quando quiser. Nunca em roubar-lha pensei.

HARPAGÃO - Nem lhe tocaste?

DUARTE - Honra é lei ao homem como à mulher. A Claudina que lhe diga se houve jamais amor puro como este amor que nos liga. O testemunho é seguro. Bem sabe: é mulher honrada, vigilante, rigorista; andou sempre desvelada; jamais nos perdeu de vista.

HARPAGÃO - Quê! Pois até a Claudina na tratada teve parte! O demônio és tu, Duarte.

DUARTE - Sim; foi a própria menina quem lhe impôs a obrigação de vigiar-me e guardá-la.

HARPAGÃO - Agora, inda a escuridão é mais profunda. Vá! fala! Explica-te abertamente!

DUARTE - Claudina sabe-o mui bem. Eu jurei-lhe (ela igualmente) não pertencer a ninguém senão eu a ela, e ela a mim só.

HARPAGÃO - Já compreendo: foram três os da esparrela... Esparrela e crime horrendo!

DUARTE - Co ente mais adorável aspirar a unir-se, é logro? Desejar tê-lo por sogro será crime imperdoável?

HARPAGÃO - Que é lá? pois de mais a mais este infame farroupilha, além dos meus cabedais queria levar-me a filha?

SEBASTIÃO (*a Felisberto*) - Escreva, escreva, senhor, tudo mui bem declarado!

HARPAGÃO - Escreva por atacado: ladrão, sedutor, raptor.

SEBASTIÃO (*baixo para Felisberto com medo de ser ouvido por Duarte*) - Raptor, sedutor, ladrão.

FELISBERTO (*escrevendo*) - Assento e porto por fé...

DUARTE - Quem sou depois saberão.

FELISBERTO - Depois se porá quem é.

#### CENA IV

(*Os mesmos, D. Mariana, D. Luísa e Guiomar, as quais vêm da segunda porta da esquerda*).

HARPAGÃO - Filha indigna! Foi essa a criação que houveste? Não merecias ter o pai que em mim tiveste. Amar um salteador, tramar um casamento, desonra de ambos nós,

sem meu consentimento! Deixem lá! (*para Luísa*) Tu daqui já já para um mosteiro!  
(*a Duarte*) Ele para uma forca, infame aventureiro!

DUARTE - Antes de condenado, espero ser ouvido.

D. LUÍSA - Se meu pai bem soubera o sangue esclarecido, e as virtudes daquele a quem jurei lealdade, não abusava assim da sua autoridade.

HARPAGÃO - É um Preste João, e ainda por cima um santo. Vai-te ao diabo, tu, mais ele!

D. LUÍSA - Ignora quanto meu pai lhe é devedor.

HARPAGÃO - Agora até lhe devo!

D. LUÍSA - Deve-lhe o estar eu viva.

HARPAGÃO - Oh, que grande relevo nos méritos do herói! Vens a dizer na tua que morrias sem ele, e vives porque és sua.

D. LUÍSA - Não lhe lembra que um dia em que eu com as mais andava junto à beira do mar na penedia brava a brincar e a correr, falta-me um pé, resvalo, despenho-me no abismo... e quem ousa afrontá-lo, roubar-me aos escarcéus, reconduzir-me à vida? Foi ele; foi Duarte.

HARPAGÃO - Estavas submergida, era por culpa tua, e porque Deus queria. Escusava-se agora esta patifaria.

D. LUÍSA - Pelo amor paternal lhe rogo...

HARPAGÃO - Não me enguiça. Quem deve, paga. O caso agora é coa justiça.

SEBASTIÃO (*à parte*) - A mim deve ele um par de murros bem puxados.

GUIOMAR (*à parte*) – Isto dá em tormenta; os céus estão nublados.

## CENA V

(*Os mesmos e Anselmo vindo da primeira porta da direita*).

ANSELMO - Vivam! Senhor Harpagão, que tem? Acho-o... Transtornado... Não sei como...

HARPAGÃO - A arder; danado; com peste no coração.

ANSELMO - Mas desabafe!

HARPAGÃO - O que eu passo, nunca ninguém o passou. Tudo que há mal, desabou em cima deste espinhaço. Vinha assinar a escritura do casamento; não vinha? Pois diga

adeus à futura! Já não é sua nem minha. A título de criado meto em casa um salteador; namora-ma, é dela amado; rouba-me...

ANSELMO- É crível! Que horror!

HARPAGÃO - Não sei se é crível, se não; sei que é isto: assassinou-me no meu haver, no meu nome: — Desonrador e ladrão! — (*indicando Duarte*) Aí o tem!

DUARTE - Se não fora ver-lhe, senhor, essas brancas, e o ser pai desta senhora... (*indicando D. Luisa*).

SEBASTIÃO (*à parte*) - Estou pensando em dar às trancas.

DUARTE (*para Harpagão*) - Com indignação rejeito a imputação vergonhosa; mas a da culpa amorosa, com que orgulho a não aceito!

HARPAGÃO (*a Anselmo*) - Vê? Não só confessa; até faz do sambenito gala. E a chança com que nos fala! Tem, Dom Anselmo, um bom pé.

ANSELMO - Para me ir andando?

HARPAGÃO - Nada: para tomar um desforço de quem lhe roubou a amada.

ANSELMO - Moços têm carta de corso; deixemo-nos disso.

HARPAGÃO - Amigo! A afronta que ele lhe fez não requererá talvez a um fidalgo um bom castigo?

ANSELMO - Já não brigo.

HARPAGÃO - O que eu lhe peço é que o persiga em juízo. Gaste, do seu, no processo, sem dó, quanto for preciso.

ANSELMO - Casamentos obrigados nunca foram do meu gosto, e não me sinto exposto a afrontar-lhe os resultados. Quando o senhor me dizia (*indicando D. Luisa*) que a menina, a quem Deus guarde, era livre, e não fazia má cara à fruta do tarde; que era enfim tão inocente que estava co pai de acordo, que onde havia dote gordo todo o esposo era excelente, anuí ao seu desejo; fui leviano; caí; hoje é diverso...

HARPAGÃO – Perdi um velho amigo, já vejo.

ANSELMO - Não perdeu: seja em que for tem em mim auxílio certo.

HARPAGÃO (*indicando o escrivão*) - Bem! O... Senhor... (*hesitando*).

FELISBERTO - Felisberto!

HARPAGÃO - Escrivão do Regedor... Pessoa de todo o porte...

FELISBERTO - Cuido que sim.

HARPAGÃO (*para Felisberto*) - Com certeza. (*continuando, para Anselmo*) E da maior esperteza contra ladrões...

FELISBERTO - O meu forte foi sempre esse.

HARPAGÃO - Está colhendo informações por escrito sobre este atentado horrendo, único, atroz, inaudito. (*para Felisberto*) Carregue-mo bem... Senhor...

FELISBERTO - Felisberto!

HARPAGÃO - Nunca acerto o nome de Felisberto. Vá lá! Com todo o rigor! Faça-lhe a cama bem feita! Pinte a coisa bem medonha, por modo que o sem-vergonha trepe aos ares desta feita.

DUARTE - Por amar a sua filha?! Em sabendo quem eu sou...

HARPAGÃO - Com essas não me codilha! Sem terem nem meio avô, sei de dez em cada rua que não passando de uns pilhos até se apregoam filhos do sol, e netos da lua.

DUARTE - Muitos fazem disso; eu não: somos ouro doutro cunho. Invoco por testemunho quanto há nobre em Aragão.

ANSELMO - Cautela, moço, cautela, que vai de mal a pior! Advirta que eu sei de cor todo o Aragão e Castela.

DUARTE - Dou parabéns ao meu fado. Conhecia um general D. Tomás Reus Carvajal Osuna Valdez del Prado?

ANSELMO - Se o conheci! Conheci-o como ninguém.

HARPAGÃO - Que descoco! Que tem todo esse gentio co meu roubo?

ANSELMO - Espere um pouco e veremos. (*Harpagão, vendo duas velas de cebo acesas em cima da mesa do escrivão Felisberto, assopra uma*).

FELISBERTO (*ironicamente*) - Obrigado!

ANSELMO - Não o interrompa! (*Para Duarte*) Dizia...

DUARTE - Que D. Tomás el Del Prado foi meu pai.

ANSELMO (*rindo*) - Seu pai?!

DUARTE - Não ria! Foi meu pai; tenha a certeza!

ANSELMO - E eu dou-lha, por minha vida, de que meteu a defesa por um beco sem saída.

DUARTE - Posso provar o que digo.

ANSELMO - Que é filho de Dom Tomás? Desafio-o, se é capaz, e tome conta consigo. Haverá dezesseis anos (para ver como eu sei disto) que o marquês de Guvilhanos passou a cear com Cristo. Foi Dom Tomás que em duelo lhe fez com três estocadas pagar palavras soltadas contra ele em seu castelo. Houve de esquivar-se às iras dos parentes do defunto, que em numeroso conjunto, e com as mais torpes mentiras, foram impetrar del-rei a pena do matador. Ei-lo em campo, ei-lo em furor todo o exército da lei. (Nem Hércules contra dois, quanto mais contra quarenta) A ocultas se embarca, pois sob outro nome que inventa, levando a prole, a consorte, e bom ouro.

DUARTE - Exatamente. Ouça o resto a quem não mente. O resto foi desta sorte: Davam-se já por seguros em costas de Portugal, quando dos céus roxo-escuros cai medonho temporal. Baldada é toda a manobra. Luta o vaso, e vai-se a pique; mas quando tudo soçobra a Deus praz que ileso fique, em braços de um servo seu, um menino. Rompe a alva; vê-se perto um lenho, e os salva. Esse menino sou eu. O capitão generoso julgou ser a providência quem punha a minha inocência no seu regaço piedoso. Educou-me como a filho. Depois, mal cheguei à idade, como das armas ao brilho eu sonhava heroicidade, permitiu-me esse exercício, em que assaz me avantejei. Por um acaso enfim sei quanto o fado me é propício: Meu pai vive: o que eu chorara sepulto no mar profundo ainda pertence ao mundo. Outro navio o salvara. Mas onde estava ao presente? Ninguém no sabia. Voto buscá-lo incessantemente té ao pólo mais remoto. Chego aqui; vejo a beleza que desluz a quantas vi; roubo-a do mar à braveza: salvo-a, salvo-a! Então daqui não pude mais arrancar-me: fiquei-a sempre velando. Por mim outro eu próprio mando que busque a meu pai; que o arme de valor contra a ventura que lhe vai anunciar: que seu filho, escapo ao mar, vive, e aguarda-o com ternura.

ANSELMO - Mas a prova? Onde está ela? A prova de que isto tudo nos sai de um homem sisudo, e não é simples novela?

DUARTE - A primeira que lhe eu dou é o próprio capitão que das vagas me salvou. A segunda, o servo ancião que igualmente existe ainda. Terceira, este bracelete com a materna imagem linda; e neste anel de sinete as nossas armas, e à volta de meu pai as iniciais.

D. MARIANA - Vive Deus! Que espero eu mais? O irmão, que aos meus braços volta!

DUARTE - Minha irmã!

D. MARIANA - Sim, sim. Apenas te ouvi a voz, arraiou-se co sentimento mais doce esta alma há já tanto em penas. Vamos, vamos já levar vida, alegria e conforto à mãe que te cria morto e a quem vens ressuscitar! Quanto é grande a Providência! Salvo o pai e o filho; a mãe salva com a filha também.

DUARTE - Mas como? Quem à violência vos roubou do mar sanhudo?

D. MARIANA - O pobre de um pescador em terra nos veio pôr. No seu nada achámos tudo.

DUARTE - Depois?

D. MARIANA - Já que mo perguntas, vivemos de costurar, sozinhas, sempre a chorar... mas a chorar sempre juntas.

ANSELMO - Filha, filho, filhos meus! Vinde, correi, abraçai o vosso ditoso pai. Tornou a ajuntar-nos Deus. Mas vossa mãe onde está? Quero-a ver; levai-me a ela! Filha, filha! Como és bela! Duarte, és um homem já!

HARPAGÃO (*para Anselmo*) - E o senhor (em santa paz lho pergunto), o que é por fim? D. Anselmo ou D. Tomás? D. Pedro ou D. Serafim?

ANSELMO - Fui D. Tomás. Quando o fado me obrigou a expatriar-me, para melhor ocultar-me fiz-me Anselmo; ando crismado. Com este nome fingido, sem deslustrar jerarquias, tenho empregado os meus dias no comércio e enriquecido. Perdi muito em Aragão, mas o que salvei do mar permitiu-me aqui dobrar o meu haver; e hoje então quisera-o quadruplicado, pois achei os meus herdeiros, o meu sangue tão chorado, os meus gostos derradeiros. Deus bem viu como eu vivia no meio desta cidade em profunda soledade e absorto em melancolia. Por isso, amigo Harpagão, é que eu lhe ouvi sem horror propostas de uma união, que me punha em casa amor.

HARPAGÃO - Visto isso, aquele sujeito é seu filho?

ANSELMO - E minha glória.

HARPAGÃO - Então, quem me paga a história há-de ser o pai.

FELISBERTO (*sempre à mesa*) - Direito!

ANSELMO - Que história?

HARPAGÃO - O roubo.

ANSELMO - Que roubo?

HARPAGÃO - Quatro contos bem contados. Foi fartadela de lobo.

ANSELMO - Mas esses dez mil cruzados quem lhos roubou? Não entendo.

HARPAGÃO (*indicando Duarte*) - Duarte.

DUARTE - Mentiu.

ANSELMO - Duarte, quem ousou tal assacar-te?

SEBASTIÃO (*à parte*) - Ao meu santo me encomendo. São Sebastião, meu santinho, pelas vossas bentas frechas livrai-me de algumas brechas nos lombos e no focinho. (*vai para se esgueirar pela segunda porta da direita*).

HARPAGÃO (*chamando*) - Vem cá, Sebastião; declara segunda vez o que viste.

SEBASTIÃO - Eu estava bêbado e triste e não tinha a idéia clara. Talvez cuidasse que via, e fosse engano dos olhos, (*à parte*) Pilho pauladas aos molhos. (*alto*) Nem eu sei o que dizia.

HARPAGÃO - O depoimento ali está por mão do nosso escrivão.

DUARTE - E capaz me julgará de tão vergonhosa ação?

HARPAGÃO - Ou capaz ou incapaz, para ali o meu dinheiro!

FELISBERTO - Em que ficamos?

HARPAGÃO - Primeiro responda-me D. Tomás!

## CENA VI

(*Os mesmos, Júlio e Tomás, que vêm da segunda porta da direita com o cofre embrulhado num capote*) (*Tomás vai para o fundo da cena, onde fica meio encoberto pelo biombo*).

JÚLIO - Sossegue, e parabéns! O cofre, o seu tesouro existe, achou-se.

HARPAGÃO - Dá-mo. Onde o tens?

JÚLIO - O seu ouro nunca lhe foi roubado; é seu, mal que disser que Mariana é minha.

HARPAGÃO (*à parte*) - O cofre sem mulher, ou a mulher sem cofre. Eu, que não sou banana, resolvi: (*alto para Júlio*) — Dá-me a burra, e leva a Mariana. Mas tocar-lhe-ia alguém?

JÚLIO - No cofre? Esteja certo de que nunca, jamais foi nem sequer aberto. (*Para D. Mariana*) Nada falta, Mariana! A tua mãe consente. De lá venho: implorei-a; amor torna eloqüente; convenci-a, e sem custo, a permitir-te a escolha entre mim e meu pai. Nada há que enfim nos tolha.

D. MARIANA - Não sei. De um pai também depende o meu destino.

JÚLIO - Como! Pois tens...

ANSELMO - Sou eu.

D. MARIANA - Presente repentino, que recebi de Deus, assim como em Duarte recobrei um irmão.

JÚLIO (*cumprimentando Anselmo*) - Senhor! (*Para D. Mariana*) Porém de que arte se operou tal prodígio?

D. MARIANA - Eu te direi.

ANSELMO - Consente meu amigo Harpagão, na dita desta gente? O meu sangue co seu já vê que se harmoniza. Dê-se Mariana a Júlio, e Duarte a Luísa.

HARPAGÃO - Primeiro, venha o cofre; antes não dou resposta.

JÚLIO - O cofre, intato e são, vem já correndo a posta.

HARPAGÃO - Eu dinheiro não dou; não tenho. Se faz conta casar sem dote, bem.

ANSELMO - Sem lhe fazer afronta, doto eu os dois casais.

HARPAGÃO - E obriga-se por todas quantas despesas traz o casamento e as bodas?

ANSELMO - Com mil vontades.

HARPAGÃO - Certo?

ANSELMO - E mais que certo.

HARPAGÃO - Bom. (*à parte*) Sempre este D. Tomás merece bem o Dom.

ANSELMO - Corro a ver minha esposa. Acompanhem-me! É dia para se me espelhar em todos a alegria. (*Põem-se todos em ato de partir, pela primeira porta da direita*).

FELISBERTO (*levantando-se da mesa*) - Alto lá! Quem me paga?

HARPAGÃO - O quê?

FELISBERTO - Toda esta escrita.

HARPAGÃO - E ela de que nos serve?

FELISBERTO- Essa agora é bonita! Por que a mandou fazer? e em letra tão distinta? com pena de peru, e graxa em vez de tinta?

HARPAGÃO - Bem. Não quero lesá-lo, e pago o seu trabalho. Dou-lhe para enforcar este grande bandalho. (*indicando Sebastião*).

SEBASTIÃO - Falo verdade, e apanho! Encaixo a minha peta, e enforcam-me! Que mundo! O diabo és tu, forreta!

ANSELMO (*para Harpagão*) - Há de perdoar-lhe, amigo. Aquilo é um parvo.

SEBASTIÃO - Um tonto.

DUARTE - Até eu lhe perdôo.

HARPAGÃO (*para Anselmo*) - O amiguinho está pronto a pagar ao escrivão?

ANSELMO - E a tudo quanto queira. *(Dá dinheiro a Felisberto, que sai pela primeira porta da direita, fazendo grandes cortesias).*

JÚLIO - Vem, Tomás!

TOMÁS - Ei-la aqui. *(Tomás vem em passo grave e com ar solene; descobre a caixa e a apresenta a Harpagão).*

HARPAGÃO *(arremessando-se à caixa)* - A minha feiticeira! *(Tira alvoroçado uma chavinha do bolso; abre de repente a caixa, e encara o ouro com a maior complacência)* *(abandando)* E traz o peso, traz! é isto mesmo. Agora toca a ver se está certo, e adeus.

ANSELMO - Vamos embora.

HARPAGÃO - Olhe cá, Dom Tomás, eu é que falto à festa.

ANSELMO - Por quê?

HARPAGÃO - Tenho um chapéu que para nada presta, e casaca não tenho.

ANSELMO - Arranje-se de tudo, e remeta-me o rol que eu pago.

HARPAGÃO *(à parte)* - Ih, que lanzudo tão bom de tosquiar! *(Sai Anselmo; atrás dele, D. Mariana pelo braço de Júlio; D. Luísa pelo de Duarte; Sebastião e Tomás de braço dado, atrás de todos, e saltitando. Harpagão senta-se no chão a contar o dinheiro).*

GUIOMAR - Senhor Dom Harpagão!

HARPAGÃO *(sem olhar para ela)* - Nove, dez... Que lhe quer?

GUIOMAR - Sou a Guiomar.

HARPAGÃO - E então? Vinte e dois, vinte e três... Que é que pretende?

GUIOMAR – Assento que lá por ter falhado aquele casamento, eu não desmereci. Eu fiz-lhe quanto pude.

HARPAGÃO - Cento e dois, cento e três...

GUIOMAR - Que diz?

HARPAGÃO - Que haja saúde.

GUIOMAR - Para se consolar, se quer a viscondessa, pague e trago-lha já.

HARPAGÃO - Forte quebra-cabeça! Já me perdi na conta. A viscondessa, tu e quanta mulher há, vão-se com Belzebu. *(batendo na caixa)* A minha esposa é esta. A esta é que eu me obrigo a ser sempre leal.

GUIOMAR (*fazendo-lhe figas e correndo para a primeira porta da direita*) - Vai!  
Some-te, inimigo! Fica-te como um cão, sozinho ao desamparo, suicida vil! Demente!  
Infame! Avaro! Avaro!

**FIM**

**[www.desvendandoteatro.com](http://www.desvendandoteatro.com)**